

Carlos Bernardo González Pecotche
RAUMSOL

COLETÂNEA DA
REVISTA
Logosofia



Tombo 1

EDITORIA LOGOSÓFICA

“NAS ENTRANHAS DA AMÉRICA
GESTA-SE O FUTURO DA HUMANIDADE.”

RAUMSOL

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES DO AUTOR

Intermedio Logosófico, 216 págs., 1950. ^{(1) (2)}

Introducción al Conocimiento Logosófico, 494 págs., 1951. ^{(1) (2)}

Diálogos, 212 págs., 1952. ⁽¹⁾

Exégesis Logosófica, 110 págs., 1956. ^{(1) (2) (4) (6)}

El Mecanismo de la Vida Consciente, 125 págs., 1956. ^{(1) (2) (4) (6)}

La Herencia de Sí Mismo, 32 págs., 1957. ^{(1) (2) (4)}

Logosofía. Ciencia y Método, 150 págs., 1957. ^{(1) (2) (4) (6) (8)}

El Señor de Sándara, 509 págs., 1959. ^{(1) (2)}

Deficiencias y Propensiones del Ser Humano, 213 págs., 1962. ^{(1) (2) (4)}

Curso de Iniciación Logosófica, 102 págs., 1963. ^{(1) (2) (4) (6) (7) (8)}

Bases para Tu Conducta, 55 págs., 1965. ^{(1) (2) (3) (4) (5) (6)}

El Espíritu, 196 págs., 1968. ^{(1) (2) (4) (7)}

Colección de la Revista Logosofía (tomos I ⁽¹⁾, II ⁽¹⁾, III ⁽¹⁾), 715 págs., 1980.

Colección de la Revista Logosofía (tomos IV ⁽¹⁾, V ⁽¹⁾), 649 págs., 1982.

(1) Em português

(2) Em inglês

(3) Em esperanto

(4) Em francês

(5) Em catalão

(6) Em italiano

(7) Em hebraico

(8) Em alemão

Carlos Bernardo González Pecotche

RAUMSOL

COLETÂNEA DA
REVISTA
Logosofia



Tombo 1

2ª EDIÇÃO – 2014
EDITORA LOGOSÓFICA

Título do original

Colección de la Revista Logosofia
Carlos Bernardo González Pecotche RAUMSOL

Tradução

Colaboradores voluntários da Fundação Logosófica em Prol da Superação Humana

Capa e projeto gráfico

Carin Ades

Produção Gráfica

Adesign

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

González Pecotche, Carlos Bernardo, 1901-1963.

Coletânea da Revista Logosofia, tomo 1 / Carlos Bernardo
González Pecotche (Raumsol) ; [Tradução: Colaboradores voluntários
da Fundação Logosófica em Prol da Superação Humana] – 2. ed. –
São Paulo : Logosófica, 2014. – (Coleção da revista logosofia)
XX Mb ; e-PUB

Título original: Colección de la Revista Logosofia – Tomo 1
ISBN 978-85-7097-103-6

1. Logosofia I. Título II. Série.

XXXXXX XXX

CDD-XX

Índices para catálogo sistemático:

1. Logosofia : Doutrinas filosóficas 149.9

Copyright da Editora Logosófica

www.editoralogosofica.com.br

www.logosofia.org.br

Fone/fax: (11) 3804 1640

Rua General Chagas Santos, 590-A – Saúde
CEP 04146-051 – São Paulo – SP – Brasil,

da Fundação Logosófica
em Prol da Superação Humana

Sede central:

Rua Piauí, 762 – Bairro Santa Efigênia
CEP 30150-320 – Belo Horizonte – MG – Brasil

Vide representantes regionais na última página.



EDITORA AFILIADA

Nota da Editora

Esta é a tradução do primeiro de um conjunto de cinco tomos da “Colección de la Revista LOGOSOFÍA”.

O autor, Carlos Bernardo González Pecotche (Raumsol), nasceu em Buenos Aires, Argentina, em 11 de agosto de 1901, e ali faleceu em 4 de abril de 1963, editou oitenta e quatro números da revista mensal intitulada “Logosofia”, de janeiro de 1941 a dezembro de 1947.

Em suas páginas, deixou estampado um valioso conjunto de artigos, que foram selecionados e organizados pela Editora Logosófica, órgão da Fundação Logosófica - Em Prol da Superação Humana, para compor os referidos cinco tomos. Na presente publicação, estão agrupados aqueles que podem ser tidos como referentes a temas gerais. Nas demais aparecerão os que versam sobre estudo de conceitos, temas doutrinários e sobre a II Guerra Mundial, desencadeada naquele período histórico.

O lema que figurou no frontispício de cada um dos exemplares da revista dizia: “Nas entranhas da América gesta-se o futuro da humanidade.”

Sobre esse lema, assim se expressou o autor:

“Consagrada inteiramente à missão que se impôs de difundir a nova concepção do pensamento humano ante os problemas do mundo, tal como seu lema proclama, abriu suas páginas a todas as inquietudes do espírito.”

“Os temas de que trata contêm profundas reflexões e revelam, ao mesmo tempo, seu caráter exclusivo e original. Seus estudos, críticas e comentários são de um valor extraordinário.”

Como oportuno arremate, vale transcrever o que o próprio autor proferiu em 1947, numa conferência depois publicada em sua obra “Introdução ao Conhecimento Logosófico” (pág. 241):

“Dizia a uns amigos, há pouco, que eu costumava semear nas páginas da revista ‘Logosofia’, em diferentes áreas e à semelhança de como se semeia um extenso campo, ideias de diversas espécies, para poder fazer um dia, quando quisesse recolher o produto de toda essa semeadura, de cada espécie um grande silo, ou seja, um grande livro.”

Aqui está o primeiro.

Coletânea da Revista Logosofia

TOMO 1

Sumário

1. Logosofia prática – A que chamam liberdade de pensar? (Janeiro 1941 – página 19)	1
2. Logosofia prática – Noções elementares sobre adestramento mental (Fevereiro 1941 – página 23).	3
3. Logosofia prática – Como organizar o arquivo mental (Março 1941 – página 19).	5
4. Logosofia prática – Reflexões úteis sobre o conhecimento da mente humana (Abril 1941 – página 21).	7
5. O homem e os pensamentos (Maio 1941 – página 7)	9
6. O sono mental que aflige a humanidade (Maio 1941 – página 9)	11
7. O travesseiro – seus segredos, sua virtude, sua discrição (Junho 1941 – página 27)	15
8. O inconformismo (Julho 1941 – página 13)	17
9. Quais são os elementos constitutivos da idiossincrasia humana – O que configura o temperamento (Agosto 1941 – página 19)	19
10. Não deixa de ser sugestivo (Setembro 1941 – página 13).	21
11. Logosofia – Estudos intensivos: Subconsciência – Automatismo mental – Inconsciência (Novembro 1941 – página 21).	25
12. O erro de muitos (Novembro 1941 – página 23)	27
13. A guerra atual precisa durar dois ou três anos mais – O mundo deve preparar-se para um grande acontecimento: a paz futura (Novembro 1941 – página 25)	29
14. Estudo sobre estados mentais (Dezembro 1941 – página 25)	33

15. Atuação dos pensamentos (Dezembro 1941 – página 27)	35
16. Escolas de adiantamento mental (Janeiro 1942 – página 7)	37
17. Debilidades humanas – “A sorte grande” (Janeiro 1942 – página 27)	41
18. A “verdade” dos mentirosos – Estudo logosófico sobre o embusteiro (Fevereiro 1942 – página 15)	43
19. A inconsciência no suicida (Março 1942 – página 15)	45
20. Inclinações Psicogênicas (Abril 1942 – página 33)	47
21. O herói desconhecido (Junho 1942 – página 11)	51
22. As coisas em seu lugar (Junho 1942 – página 15)	55
23. A documentação bibliográfica no campo logosófico (Junho 1942 – página 21)	57
24. O fomento da colaboração que se deve propiciar (Outubro 1942 – página 3)	59
25. Preocupações básicas com a futura organização do mundo – A guerra total deve ser seguida de uma paz total (Fevereiro 1943 – página 3)	63
26. Imagens analógicas aplicáveis ao ser humano – O relógio psicológico (Março 1943 – página 17)	69
27. Esporte mental – Três exercícios para agilizar a mente (Março 1943 – página 21)	73
28. Estratégia mental (Abril 1943 – página 3)	75
29. Concepção da vida – Grandeza e Miséria (Maio 1943 – página 3)	81
30. Esporte mental – Quatro exercícios para agilizar a mente (Maio 1943 – página 25)	87
31. O livro de ouro (Maio 1943 – página 27)	89

32. Bazar de imagens mentais: A mente-fonógrafo – O traje ridículo (Maio 1943 – página 33)	91
33. Óptica mental (Junho 1943 – página 3)	93
34. Arcanos do conhecimento (Julho 1943 – página 3)	97
35. Imagem animada a modo de lenda (Julho 1943 – página 17)	99
36. Filiação psicológica dos tipos humanos (Agosto 1943 – página 19)	103
37. Das formas de expressão do pensamento humano – A oral e a escrita (Outubro 1943 – página 17)	105
38. A Logosofia como ciência da observação (Dezembro 1943 – página 9)	107
39. A capacidade de estudo é o que engrandece os povos (Março 1944 – página 3)	109
40. Procriação da palavra (Março 1944 – página 21)	113
41. A providência e a sorte (Março 1944 – página 25)	115
42. Têm certas palavras funções específicas? (Março 1944 – página 31)	117
43. Reação da natureza humana (Maio 1944 – página 15)	119
44. Os problemas da juventude (Junho 1944 – página 7)	121
45. O juízo final não está longe (Julho 1944 – página 13)	123
46. A propriedade intelectual – Seu valor no mundo das ideias (Julho 1944 – página 17)	125
47. Fórmula para a estratégia econômica individual (Julho 1944 – página 21)	127
48. Como se forja a grandeza dos povos (Outubro 1944 – página 7)	131

49. A queixa e a lei (Novembro 1944 – página 3)	133
50. Espírito construtivo do ensinamento logosófico (Dezembro 1944 – página 9)	135
51. Propensão ao abuso (Janeiro 1945 – página 15)	139
52. Orientação para o conhecimento logosófico (Janeiro 1945 – página 19)	143
53. Na mente humana está a chave que haverá de emancipar o mundo de sua atual decadência (Fevereiro 1945 – página 11)	147
54. Uma deficiência sensível da mente humana (Fevereiro 1945 – página 17)	151
55. Características negativas do ser – O egoísmo (Março 1945 – página 13)	153
56. Importância do conhecimento transcendente (Março 1945 – página 19)	155
57. Concepção ética da Logosofia (Março 1945 – página 23)	159
58. Características psicológicas do ser humano (Maio 1945 – página 11)	161
59. Educando para a vida (Junho 1945 – página 3)	165
60. Aspectos da técnica logosófica (Junho 1945 – página 5)	167
61. A superação integral como objetivo (Julho 1945 – página 11)	171
62. Diretivas de que a juventude necessita (Julho 1945 – página 13)	173
63. O respeito, fator essencial da paz (Setembro 1945 – página 17)	175
64. Preparação básica da juventude (Outubro 1945 – página 11)	177
65. A linguagem de cores (Outubro 1945 – página 13)	179

66. A diferença entre dois ensinamentos (Outubro 1945 – página 17)	181
67. A função de pensar e os pensamentos (Outubro 1945 – página 19)	183
68. Método prático para o ordenamento das ideias (Janeiro 1946 – página 19)	185
69. Fatores determinantes do complexo das situações humanas (Fevereiro 1946 – página 3).	187
70. Condições e perspectivas da inteligência (Fevereiro 1946 – página 7).	189
71. O livro na educação da humanidade (Fevereiro 1946 – página 8).	191
72. As emoções superiores do espírito (Fevereiro 1946 – página 17).	197
73. Orientação para a vida – Como fazer a inteligência produzir o máximo de rendimento (Fevereiro 1946 – página 19).	199
74. As forças potenciais da Criação – O homem diante de seus desígnios (Março 1946 – página 3).	201
75. Os pensamentos no conflito das ideias (Março 1946 – página 15).	203
76. Um lugar para todos (Abril 1946 – página 3)	205
77. As crises humanas na evolução dos homens e dos povos (Maio 1946 – página 3)	207
78. Problemas capitais da inteligência humana (Julho 1946 – página 3)	209
79. A ordem universal (Agosto 1946 – página 5)	213
80. Os problemas do entendimento (Agosto 1946 – página 9)	217
81. A experiência como fator de progresso (Dezembro 1946 – página 3)	219
82. A grande mentira (Abril 1947 – página 15).	223

83. Estudo sobre a fisionomia humana (Maio 1947 – página 3)	225
84. A grande virtude do conhecimento logosófico (Maio 1947 – página 7)	229
85. Os contrastes do temperamento humano (Junho 1947 – página 3)	231
86. Fatores que concorrem para formar o bem-estar (Julho 1947 – página 3)	233
87. Importância do conhecimento logosófico na vida diária (Julho 1947 – página 11)	237
88. De onde provém a dificuldade para expor com clareza o pensamento? (Agosto 1947 – página 7)	241
89. Rumo à correção dos grandes erros (Setembro 1947 – página 3)	245
90. O livro da vida (Setembro 1947 – página 9)	249
91. Órbitas individuais e coletivas (Outubro 1947 – página 9)	251
92. Sobre questões que interessam a todos (Dezembro 1947 – página 9)	253
93. O rei prudente (fábula) (Agosto 1944 – página 19)	257
94. Curiosidade do tempo dos faraós (Outubro 1947 – página 13)	259
95. O senhor da pedra (Dezembro 1947 – página 13)	261

LOGOSOFIA PRÁTICA

A que chamam liberdade de pensar?



Não nos referimos à liberdade de emitir opiniões, consagrada por nossas leis, mas à liberdade de pensar em seu sentido íntimo: a possibilidade de refletir e atuar a todo o momento com independência de preconceitos, de ideias alheias, do “que dirão”, etc., e, além disso, não fazer, pensar ou dizer o que não devemos.

Neste sentido, quem se supõe amplamente livre?

Em diversas oportunidades, fizemos notar que quase todos cremos agir conforme nossa vontade e ser donos de nossa mente, sem advertir que fatores alheios a nossos propósitos interferem em tal circunstância – alguns deles da mais duvidosa origem –, como seriam os muitos pensamentos que costumam tomar conta da mente e atuar burlando o controle do homem.

Observe o leitor essas pessoas cujas vidas são um reflexo do torvelinho psicológico que reina em suas mentes. Mudam sem cessar de direção, de rota, de propósito; jamais se sentem seguras de nada; aqui e ali tratam de adquirir, emprestada, a convicção ou a certeza que nunca podem obter por si mesmas. Hoje a pedem a um livro, amanhã a um conferencista, depois a uma ideologia, a uma religião, a um partido, etc.

Têm essas pessoas liberdade de pensamento? Pensam e agem de acordo com suas vontades? Fácil é a resposta: nelas, a vontade se encontra dominada por conciliábulos de pensamentos alheios que, a certa altura da vida, chegam a ser-lhes tão necessários como a droga ao toxicômano. “Não posso lhe dar minha opinião sobre este assunto; ainda não li os jornais...” Esta sutileza de Bernard Shaw encerra, desgraçadamente, uma verdade muito comum.

E observe-se também o caso daqueles que estão de tal forma absorvidos por um pensamento, que este chega quase a constituir uma obsessão. Em circunstâncias como esta, o indivíduo acaba muitas vezes por adquirir as características do pensamento que o embarga, e até seu nome: diz-se que “fulano é um beberrão”, “é um maníaco”, “é um amargurado”.

No primeiro dos exemplos que expusemos, quer dizer, quando os pensamentos se sucedem sem ordem nem harmonia na mente, falar da liberdade que se tem para satisfazer os desejos é um contrassenso. Estas pessoas não fazem o que “querem”, mas o que “podem”; o pouco que podem alcançar entre os vaivéns e os tombos que a heterogênea mescla de pensamentos que levam em seu interior lhes acarreta. No segundo exemplo, é bem claro que não é a vontade da pessoa a que atua, mas sim o pensamento que lhe causa obsessão. O governo do indivíduo está exercido – ditatorialmente – por um ou vários pensamentos que formam um desejo, o qual instiga os instintos até obrigá-los a satisfazer a suas exigências.

Enquanto o ser viver alheio por completo a quanto ocorre em sua região mental e não conhecer a chave mediante a qual poderá obter um severo controle sobre ela, não poderá jamais alegar que é dono de si mesmo e, portanto, não poderá pensar livremente.

LOGOSOFIA PRÁTICA

Noções elementares sobre adestramento mental



O êxito que se possa alcançar em cada caso em que se queira obter um feliz resultado, não consiste apenas no fato de poder pensar, senão em saber em que se deve pensar.



Se queremos curar uma doença incipiente, devemos criar uma situação que dificulte seu agravamento.

Como?

Fazendo de conta que a doença já esteja em todo o seu desenvolvimento, e tratando-a como tal quanto aos cuidados da saúde e às prevenções que se devam tomar.

O resultado desta prática é maravilhoso: os 99% que sintam a saúde afetada por alguma doença ficarão indiscutivelmente curados, e o 1% restante, também.

Os médicos terão, assim, pacientes menos rebeldes e descuidados, que poderão cumprir melhor suas prescrições.



Você tem de caminhar dez ou vinte quadras e lhe parece muito? Não quer se cansar? Então, faça de conta que deve andar uma ou duas léguas, e fixe isto em sua mente. Que formoso será para você, ao final das dez ou vinte quadras, dar por terminada a caminhada imposta, que bem poderia ter sido de uma ou duas léguas, tal como ficou projetada ao começá-la!

Devemos agigantar a figura do inimigo acidental, fazendo de conta que é dez vezes mais poderoso ou terrível do que é; desta maneira, buscaremos os meios e recursos que impeçam ou neutralizem o dano que ele nos possa causar e, ao mesmo tempo, os elementos que haverão de derrubá-lo e fazê-lo desaparecer.

Se agirmos assim, vamos nos pôr a salvo de surpresas e não teremos de lamentar excessos de confiança em nossas forças ou recursos, os quais, depois, como não existem, não podem ser utilizados e provocam nossos erros.

Quando, pelo contrário, desferimos o golpe merecido pelo inimigo que busca furioso nos prejudicar, e cuja figura agigantamos, veremos que o dito golpe é aumentado dez vezes em potência. Se o inimigo não é como de propósito o imaginamos, ficará – o leitor não tenha dúvida disso – completamente desfigurado.

Para isso não será de modo algum necessário utilizar nenhum meio físico, mas sim a inteligência, salvo nos casos em que a agressão se manifestar por aquele meio. Nessa circunstância, a lei da existência permite a cada um defender sua vida, e então poderá também agir decuplicando a ação dos movimentos.

Os velhos inimigos, que já conhecemos bem, devemos vigiá-los como faz a polícia com os ladrões reconhecidos, a fim de evitar que causem dano.

LOGOSOFIA PRÁTICA

Como organizar o arquivo mental



Tomemos, por exemplo, um pensamento a que demos vida porque o consideramos útil ou, suponhamos, porque nos trará satisfação conviver com ele, ainda que não venhamos a ter necessidade de nos servir dele em todos os momentos. Nós o colocamos no arquivo mental, quer dizer, o situamos num lugar proeminente de nossa chamada “memória”, ou seja, da faculdade de recordar. E assim vamos colocando, um após outro, todos aqueles que são úteis e que haverão de nos servir em cada uma das circunstâncias em que maior necessidade tenhamos deles para cumprir uma atuação feliz.

No mundo comum, ocorre que esses pensamentos são amontoados no recinto mental, na confiança de tê-los à mão ao chegar o momento de utilizá-los, em vez de serem cuidadosamente ordenados, como num arquivo. Porém, chega o momento de fazer uso de um deles, e a maioria das pessoas, ao ir em sua busca, não o encontra, ou demora tanto a achá-lo entre os demais, que no final não pode empregá-lo.

Em Logosofia o caso é muito diferente, porque eles podem ser colocados no recinto mental, classificados numa ordem e, chegada a oportunidade, pode-se recorrer a eles e encontrá-los rapidamente, a fim de utilizá-los com inteligência.

Pois bem, como tais pensamentos são passíveis de aumentar de acordo com a capacidade que se vá alcançando – capacidade em espaço mental, entende-se –, deve-se tê-los sempre em movimento; tomar um ou outro, segundo a situação, para que nos sirva num suposto caso que lhe apresentemos; por exemplo, um caso em que poderia nos servir para solucionar um problema, quando faremos com que o pensamento eleito para o dito exercício se ponha em atividade e cumpra seu objetivo. Se esta prova se fizer duas, três, cinco, dez, quinze vezes,

será conseguida uma grande flexibilidade mental, e teremos toda a segurança de que, depois, ao menor movimento de nosso pensamento motor, a imagem que queremos recordar acudirá por si e de imediato a nosso chamado, sendo possível utilizá-la com toda a facilidade.

Isto é o que muitas vezes tem surpreendido e assombrado o espírito das pessoas, quando, na presença de alguém que possui uma vasta cultura mental, observa essa forma instantânea de atuar com os pensamentos. Tal acontece justamente porque se teve a precaução de ordenar esse grande arquivo que existe na mente, organizando-o de tal modo que, constantemente, todos os pensamentos são postos em atividade, tomando a uns e a outros para que participem desse contínuo jogo de treinamento, como meio mais eficaz de tê-los sempre dispostos e prontos para servir.

Há mais, porém: podemos ter na mente um pensamento de determinada natureza que vamos utilizar, servir-nos dele; se, porém, em vez de empregá-lo conforme sua natureza, conforme o fim a que está destinado, o utilizamos para outro fim, como faz a maioria, isto dará origem a um movimento de resistência do pensamento dentro da própria mente e, também, na dos demais, existindo casos em que até se produzem perturbações e consequências que depois devem ser lamentadas.

Vejamos um exemplo: encontrando-nos num momento de necessidade, recorreremos a alguém à procura de ajuda; expomos, com auxílio de pensamentos que configuram tal necessidade, a situação em que nos encontramos e obtemos o que pedimos. Esse pensamento cumpriu sua missão e alcançou com êxito o objetivo perseguido; entretanto, se queremos sem necessidade alguma utilizá-lo para aproveitar da boa-fé de alguém, tratando de conseguir o que na outra situação era lógico e razoável, isto produzirá um movimento de resistência numa e noutra mente, ocasionando desgostos e incômodos inúteis. É que se terá utilizado esse pensamento não para aquilo a que estava destinado, mas sim para um fim mesquinho, ou um fim que não era, precisamente, aquele que lhe fora assinalado quando ele foi posto no arquivo mental.

LOGOSOFIA PRÁTICA

Reflexões úteis sobre o conhecimento da mente humana



Poderá alguém perguntar: “Que necessidade tenho de conhecer minha mente, se posso empregá-la do mesmo modo e fazer tudo quanto me apetece?” A isto respondemos que é verdade; mas aquele que, ao pensar, sabe por que leis pensa, já tem uma vantagem sobre quem ignora tal coisa. Além disso, quem não conhece como atuam os pensamentos dentro e fora de sua mente estará sempre à mercê de seus impulsos, sem que a razão, utilizando a vontade, possa refreá-los.

Existem, não obstante, pessoas que por natureza levam em si o dom do domínio pessoal. Porém, com frequência estas também são surpreendidas em sua boa-fé, por desconhecer as manobras mentais realizadas pelos que perseguem fins mesquinhos. Por outro lado, pouca é a liberdade de que goza quem se deixa levar pelos pensamentos às mesas de jogo, aos prazeres do álcool, etc. Se a razão é a que deve governar, em íntima consulta com a consciência, nestes casos vemos que tal coisa não acontece.

O conhecimento logosófico permite desalojar da mente todo pensamento pernicioso que rebaixe a condição do ser humano.

Conhecer as combinações e movimentos que se promovem dentro da mente é experimentar a consciência do pensamento executor, é afugentar a fatalidade do acaso, já que este é o que aparece determinando o jogo mental e o que define as alternativas por que passa o indivíduo que não domina, com a inteligência de seus conhecimentos, os fatores que intervêm para enaltecer sua vida, fazê-la fecunda e feliz, ou então rebaixá-la, arrastando-a pelo caminho da desventura e da perdição.

O homem, em geral, toma o cuidado de não ingerir alimentos que, segundo sabe, haverão de lhe fazer mal, mas amiúde esquece que deve fazer o mesmo com os pensamentos que, por experiência, conhece como maus.

Em resumo, quem não prefere possuir as riquezas do conhecimento a ter de se ver exposto a enfrentar as difíceis situações em que a ignorância o coloca?

O HOMEM E OS PENSAMENTOS



Uma das coisas que a humanidade ignora, ou pelo menos aparenta ignorar, e que sem dúvida é, diríamos, a causa maior de sua desgraça e desventura, é a que concerne ao papel do homem, como ser inteligente, diante dos âmbitos naturais de sua existência e do orbe.

Já comprovamos mil e uma vezes que o homem é alheio a tudo quanto acontece na esfera mental do mundo; não no que diz respeito aos fatos que ocorrem e que, de uma maneira direta ou indireta, afetam o gênero humano, pois negar isto seria absurdo, mas sim ao porquê de tais fatos e às causas que determinam as situações que diariamente são criadas para ele e para o mundo. Não sabe, ou resiste a admiti-lo, apesar das afirmações da experiência, que a espécie humana foi posta num mundo onde imperam os pensamentos. Por algo o Criador o dotou de faculdades e órgãos apropriados para serem exercitados no vasto campo mental. Por algo foram criadas nele aptidões psicológicas que o habilitam a nutrir sua alma com a fertilidade do saber. Por algo existe nele uma consciência que regula seus movimentos volitivos e morais, modera os excessos e estimula as belas e nobres ações. Em sua luta diária, por algo deve enfrentar problemas que só pode resolver com sua mente. Não obstante, é tendência habitual não atribuir à mente humana sua verdadeira função e importância.

Faz anos vimos repetindo que, enquanto o homem continuar indiferente ao conhecimento básico do princípio mental – antes do Verbo foi a mente – e não se convencer de que os pensamentos são forças que atuam no mundo, dentro e fora de seu ser, não poderá se emancipar jamais da ação direta ou indireta deles sobre sua mente, já que eles são, de certo modo, os participantes mais ativos de todos os seus movimentos internos, conscientes ou inconscientes, influenciando seu ânimo e intervindo, de forma decisiva, em cada um dos passos que dá em qualquer direção e para qualquer fim.

Infeliz do homem que prefere se enganar, crendo-se dono absoluto de seus pensamentos e de seus atos! A crônica diária nos mostra quão errônea é essa atitude de desprezo em relação a toda tentativa de modificar seu conceito; nestes casos se diz, porém, para justificar desvios incompreensíveis, que o homem é joguete do destino.

Não, senhores líricos da especulação empírica! Não se deve atribuir tal responsabilidade ao destino, figura sideral se se quer, por sua abstrata e ignota relação com nossa maneira de ser, de sentir, de pensar e de agir.

Assim, não sendo o destino quem se compraz em brincar com a vida humana, pois seria uma insensatez pensar tal coisa, devemos admitir que, mais perto de nós, algo atua com diligência e rapidez, e esse algo não pode ser outra coisa que os pensamentos.

“Não irei esta noite ao teatro”, pensa o homem. Vem-lhe porém um pensamento à mente, recordando-lhe uma peça interessante que vai estrear; busca o jornal para se informar a que horas começa e, esquecendo o que pensou primeiro, vai solícito, levado pelo pensamento que influenciou seu ânimo, sentar-se na plateia, como se nada tivesse acontecido. “A partir de hoje não farei mais isso”, diz aquele que, como o jogador, o alcoólatra, etc., cai na armadilha do vício; mas os pensamentos afins voltam, com maior violência, a excitá-lo e induzi-lo a continuar na mesma vida. “Não sou capaz de matar uma mosca”, exclama o bom homem que, um dia, num arrebatado de indignação, ergue a mão e mata quem o ofendeu.

Mas, seria a razão a que atua em cada uma destas circunstâncias? Ou talvez a consciência? Ou o sentimento?

“Não sejamos ingênuos, por Deus!”, haveria dito Voltaire, “crendo que estas coisas nós as fazemos em são juízo!”

Admitamos, então, que são os pensamentos – não no conceito ambíguo e errôneo que a generalidade tem deles, mas sim tais quais eles são na realidade – quem impera no mundo mental em que vivemos. Se não nos preparamos para buscá-los, descobri-los e dominá-los, não seremos outra coisa senão joguetes de suas hábeis manobras, e nestas condições não poderemos esperar nunca o desfrute de uma verdadeira felicidade.

O SONO MENTAL QUE AFLIGE A HUMANIDADE



É certamente difícil enfocar uma questão que, nestes momentos, se reveste de tão graves aspectos, quando a inclinação intelectual das gerações modernas resvala pelas sendas mais arbitrárias do pensamento; quando os jovens, como os homens maduros, salvo raras exceções, preferem os deleites da vida mundana, fácil e cheia de seduções, ao esforço determinado e sadio dos espíritos fortes e abnegados; quando – é lamentável ter de confessá-lo – a massa humana, com sua elite à frente, tem permanecido durante séculos às escuras, pouco menos que submersa num letargo suicida que dia após dia a foi aproximando dos umbrais de uma vigília tão espantosamente trágica que, ou abre de uma vez os olhos e desperta o homem de seu sono mortal, unindo-se este ao semelhante para defender a essência do seu gênero, ou sucumbe irremediavelmente, entregando seu destino ao caos, arrastada pelo império da força sob o signo da barbárie, que consumirá suas horas nas crises mais impiedosas da moral humana.

Entretanto, o que fizeram os homens de governo que tiveram em suas mãos, como jamais governante algum teve, os meios mais eficazes e poderosos com que teriam podido conjurar, uma a uma, todas as situações que ameaçaram a paz do mundo? O que fizeram? Fizeram o que teriam feito os seres mais inconscientes e irresponsáveis: fecharam os olhos à realidade e comprometeram a segurança do mundo, enquanto se entregavam aos braços do prazer, enchidos de soberba por uma aparente vitória que parece ter cegado seus entendimentos de modo inconcebível.

E o que fazem hoje os que estão no poder, e também os povos em cujo seio se encontram tantos homens de valor, em face do que está ocorrendo no coração do mundo? O que fazem? Será necessário recordar as passagens que com maior eloquência falam ao entendimento dos que ainda utilizam a razão? Pois bem, foi tal a embriaguez do

triunfo que tomou conta das potências aliadas da guerra anterior, após ter sido assinado o armistício, que, se não pecássemos por exagero, chegaríamos a dizer que durou até o momento em que, na guerra atual, as tropas alemãs invadiram a Bélgica e a Holanda.

Governo e povo da heroica França e da Grã-Bretanha, confiando até o inimaginável no debilitamento do poderio alemão, e crendo na quase impossibilidade de ocorrer um novo conflito – como ocorreu – a tão poucos anos do anterior, cometeram o que bem se poderia qualificar como o pior dos desatinos: o desarmamento. De modo que, enquanto a Alemanha se armava, rufando bem alto seus tambores, a França e a Inglaterra tomavam, ano após ano, novas medidas no sentido de se desarmarem mutuamente, numa escala que alarmava a todos, menos a eles. Os operários das fábricas de armamentos, incitados pela diminuição do trabalho, pressionaram com exigências de toda espécie, que o governo, como sucedeu na França, tolerou em excesso.

Ao contrário disso, as fábricas alemãs trabalhavam incansavelmente, dia e noite, produzindo novo e mais eficiente material bélico, mas a França e a Inglaterra não se inquietaram por isso. Como haveriam de se inquietar, se concederam à Alemanha empréstimos valendo o dobro do custo das reparações de guerra que ela tinha de pagar, na crença de que esta nação se armava para combater a Rússia e destruir o comunismo? Nem a conquista da Abissínia pela Itália, nem a guerra da Espanha, tiraram os governantes da sua impassibilidade, que atingiu as raias da inconsciência. Tudo parecia pouco para fazer com que se movessem e decidissem preparar suas defesas, como correspondia a países guardiães de pactos e fronteiras. Somente quando as vantagens do inimigo se tornaram aterradoras; quando se deram conta, como os tolos que perguntam: “O que está acontecendo?”; depois de todo o mundo já ter esquecido o que ocorreu; somente quando perceberam que os canhões apontavam para os lados da França e os aviões se enfileiravam em direção à Inglaterra, é que eles proclamaram com toda a solenidade a mobilização, o rearmamento e... a guerra.

Não passou muito e vimos o desespero dos soldados franceses, ao comprovarem que de nada lhes valia o heroísmo, se não tinham armas adequadas para lutar. Possivelmente, mais de um terá recordado aquelas horas de greve que tão amiúde se repetiram naquele país e que,

ao atrasar a construção do material que seria utilizado para a defesa, fizeram com que pagassem um preço tão alto por suas injustas reivindicações de então.

E, enquanto isso ocorria na Europa, e ainda segue ocorrendo, nós, da América Latina, que vimos e analisamos – da superfície até a maior profundidade – o processo de semelhante drama, e que ainda gozamos as sublimes prerrogativas que a liberdade de pensar e agir nos concede, o que fizemos? Cruzamos os braços e enchemos, com as estéreis discussões de nossa política doméstica, os espaços de um tempo cuja perda talvez algum dia tenhamos de lamentar.

Porventura os governos e povos da América não deveriam, tirando proveitosas lições do que se está presenciando na Europa, colocar no primeiro plano de suas preocupações mais prementes a que concerne à defesa do continente? Nossas forças armadas possuem o material moderno indispensável para fazer frente a qualquer agressão provinda do além-mar? A tendência dos homens deste século, talvez por ser muito cômoda, parece ser a de confiar a outros o que demoram a fazer pelo próprio bem. Logo sobrevêm os apuros e, com eles, as omissões e erros irreparáveis, que despejam sobre os povos a desgraça, acabando com todos os bens mais estimáveis que, em seus afãs de progresso, conseguiram conquistar.

No entanto, se há algo que deveria mover com maior desvelo o espírito dos filhos da América, esse algo haveria de ser – e isto ao mesmo tempo honraria os antepassados que forjaram os ideais de nossa independência, quando a proclamaram terra dos livres – a responsabilidade que nos incumbe como homens amantes da liberdade e do direito, conscientes dos deveres de amparo a nossos lares, os quais, por imprevisões injustificáveis, poderiam ficar à mercê das hordas infernais que estão assolando o mundo, este mundo que confiou uma vez mais no arbítrio da Providência, sem fazer de sua parte o indispensável para merecer novamente semelhante graça.

Se resumirmos numa síntese a série de acontecimentos que se sucederam desde a guerra passada, chegaremos sem grande esforço à conclusão de que a maioria dos povos do Velho Mundo, e também do Novo – talvez para não ficarem para trás –, tem vivido numa espécie de sono mental que, sem adormecer os sentidos, eclipsa a inteligência e fomenta

nos homens a tendência a não dar importância, ou não levar a sério, nada que provoque em seu ânimo a necessidade de estudar, analisar ou julgar as situações que se apresentam.

A esse sono mental, tão pernicioso para a espécie humana pelos estragos que lhe causa quando esta se vê surpreendida – como nas atuais circunstâncias – por uma eclosão bélica, deve-se atribuir a origem de todos os sofrimentos e desditas que o homem depois tem de suportar, quando, ante a iminência do perigo, já de nada lhe serve acordar.

Esforcemo-nos, pois, para que nestas terras da América não penetrem os germes da destruição; mas para isso será necessário – se nós, os americanos, amamos as respectivas pátrias – afugentarmos, com todas as energias de nosso espírito, esse sono mental que tolhe os ânimos, inibe as inteligências e paralisa as vontades.

Lancemos, de uma vez por todas, nosso grito de guerra contra todas as mesquinhas e assuntos de ordem secundária que estorvam nossas decisões e usurpam nosso tempo, e enfoquemos numa ação comum o grande problema que hoje aflige toda a humanidade e que reclama, de todos, a mais urgente solução. Só assim ainda haverá alguma possibilidade de salvar a civilização desta encruzilhada sinistra em que se encontra.

Sejamos todos um no pensamento e na ação, mas que o sejamos já, antes que seja tarde, por nossa tradição gloriosa, por nossos lares e pela grandeza da América.

O TRAVESSEIRO

Seus segredos – Sua virtude – Sua discrição

Não sei se os poetas cantaram, oh, sublime travesseiro!, os poemas e os louvores que tua anônima missão pôde inspirar às luzes do talento humano.

Não sei se alguém te recordou em suas memórias, ou te dedicou umas linhas nas folhas de algum livro, nelas expressando gratidão a ti.

Eu te ofereço esta humilde homenagem, na esperança de que os que a lerem te saibam venerar como se veneram as coisas santas, que comovem as fibras mais íntimas de nosso sentir.



De muitas coisas já se ocupou o pensamento humano, e de muitas continuará se ocupando no futuro, mas desta penso que não. Ocorre-me que até seria tido como ridículo atribuir-lhe a menor importância, ou fazê-lo objeto de alguma atenção.

O travesseiro. O que é o travesseiro? Ora, uma almofada cheia de penas, ou de lã, que a pessoa utiliza para dormir. Quem se ocupa dele? A pessoa que arruma nosso quarto, após nos levantarmos, deixando a cama pronta para a noite, com o especial cuidado de ocultá-lo sob a colcha, para que não mostre sua palidez mortal.

Será então possível que o travesseiro, essa coisa inerte que ninguém contempla ou recorda jamais, possa ser motivo de algum interesse, de alguma consideração de nossa parte? Fantasias, homem, fantasias! Mas... como? Será que o travesseiro não significa nada para nossa vida? Acaso não foi ele o primeiro a oferecer à nossa cabeça seu piedoso e suave apoio quando viemos ao mundo? Não é ele o que, desde o primeiro instante, recolhe nossas lágrimas; o que vela por nosso sono de crianças e regozija as doçuras do folgado infantil; o que mais íntimo contato tem com nossa frente, com nosso rosto, com nossos pensamentos?...

Sobre o travesseiro descansa a cabeça fatigada pelo trabalho diário. Ele serena o espírito em seus momentos de angústia. A ele confiamos os pesares e as preocupações, experimentando o alívio que faz benígnas as horas do repouso.

Quantas vezes, quando crianças, corremos em busca do travesseiro para enxugar nosso pranto, como se fosse o único capaz de nos consolar! E quantas vezes também, sendo homens, nos amparamos nele, como se fosse o regaço de um anjo, e sentimos a carícia e a expressão terna e compassiva de seu conselho. Quantas vezes nossos olhos, carregados de amarguras, encontraram esse doce refúgio!

Se estamos enfermos, não faz ele, por acaso, prodígios para se adaptar a todas as posições em que nossa cabeça quer se colocar? Não é ele a testemunha que guarda o segredo de tudo o que pensamos, fizemos ou haveremos de fazer na vida? Não é quem compartilha nossos momentos de maior felicidade e o único que não se nega a nos receber quando nos sentimos tristes, quando a adversidade nos persegue? É ele que, quanto mais cansados estejamos, tanto mais se oferece para nos fazer plácido o sono; que recebe de modo igual, e com a mesma solicitude, a cabeça suada do operário e a perfumada tez do fidalgo; que não se esquiva à cabeça do malvado, nem protesta quando é convertido em almofada de cães ou de gatos.

Ele, o travesseiro, é o que recebe no final de nossos dias o último suspiro e, às vezes, nossa última lágrima.

Com ele o homem pode aprender a discrição. Sua virtude, sua grande virtude, é a de servi-lo em seus momentos mais difíceis com extrema humildade, sem nada exigir.

Não será o travesseiro, talvez, o livro em que se grava toda a nossa história com caracteres inapagáveis, livro que somente Deus pode ler, por ser somente ele, o travesseiro, que contém a essência de nossa vida, essa mesma essência que, segundo pensamos, vai se gastando no curso de nossos dias?

O INCONFORMISMO



O inconformismo é, pode-se dizer, sinônimo de discórdia, desde que, à própria intemperança que auspicia esse estado de reação contra tudo o que discorda do juízo pessoal ou da simples opinião, adiciona-se um movimento mental de violência, que mantém o ser numa espécie de constante conspiração, propícia a toda ação vingativa.

Na maioria dos casos, o inconformismo nasce desse complexo de inferioridade pessoal que faz o homem suscetível a toda sorte de supostas ofensas, que, por certo, não o são mais do que para a necessidade do pretense ofendido.

Não nos referimos aqui ao inconformismo que, por natural reação do espírito, sentem as pessoas ante os próprios defeitos, ante a própria incapacidade ou falta de conhecimento, ilustração ou cultura, pois é natural que estas se esmerem em eliminar as causas de seu infortúnio.

Aquele que mostra com lealdade e sinceridade seu inconformismo, sempre trata de atenuar as coisas ou fatos que o promoveram, e oferece seu desinteressado concurso para restabelecer a harmonia entre seu juízo e o que contrariou seu sentir ou seu pensar. Mas o inconformismo corrente é fruto da intolerância e da insensatez; daí o êxito tão grande com que sempre foi utilizado pelos que o exploraram e seguem explorando, para disseminar toda classe de ideias exóticas que promovem a discórdia e o debilitamento dos povos.

Não pode haver paradoxo mais ridículo do que aquele em que o homem (referimo-nos a um conjunto inumerável), magoado e com expressão irascível, manifesta, em pleno gozo de suas liberdades e uso de seus direitos, que prefere viver sob uma ditadura cruel a ter de suportar as “insolências”, por exemplo, de um servidor público que não o atende com a urgência que sua intolerância exige. “Você vai ver”, diz em tom depreciativo e ameaçador, “quando outros assumirem o poder.” E, após esse desafio, ajeita com nervosismo o paletó e sai “lançando chispas”, como se costuma dizer. O que menos pensa

tão petulante insensato é que, enquanto resmungando e esbraveja contra um sistema de vida que faz possível uma convivência humana conciliável com todos os caracteres e costumes, está auspiciando com sua atitude outro sistema, o qual lhe evitará por certo essas contrariedades, se levarmos em conta que, uma vez implantado, a ninguém será permitido protestar, mas não porque agora será despachado logo em seguida, e sim porque, passando todos os assuntos a ser atendidos pelo Estado, a vontade de enfurecer vai ficar só na vontade, depois de alguma “advertência” a modo de primeiro aviso.

O inconformismo, portanto, igual a tudo o que emana do homem, deve ser fruto de uma atitude construtiva, assim como seria o juízo sereno que indica a necessidade de uma modificação em tal ou qual critério, fato, circunstância ou reflexão, sempre tendente a solucionar as coisas, e nunca a complicá-las, nem a fazer delas uma fonte de discórdia.

QUAIS SÃO OS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA IDIOSSINCRASIA HUMANA

O que configura o temperamento



Fundamentalmente, todos os seres humanos respondem a três aspectos: o mental, o sentimental e o instintivo. São eles, segundo suas diversas variações e características, os que contribuem para formar o temperamento humano.

O primeiro aspecto – sem dúvida o mais importante – está representado pela mente com todas as suas faculdades. Cada mente produz e irradia certa classe de pensamentos que constituem seu objeto e sua predileção; estes se multiplicam ou se eliminam, segundo a maior ou menor força com que atuam dentro da mente e, em consequência, sobre a vontade do indivíduo. Sua qualidade se reflete nas ações e procedimentos do homem, uma vez que os pensamentos influem de forma decisiva em suas atividades.

Quanto ao segundo aspecto, vamos dividi-lo, para melhor compreender sua natureza, em duas grandes categorias: sentimento comum e sentimento superior.

O primeiro é reconhecido no fato de ser efêmero, instável e de certa efusividade em sua expressão. Reflete correntemente a condição medíocre do homem, já que responde a influências externas; esta classe de sentimentos costuma ser motivada pelos prazeres de uma festa, a gritaria de uma multidão, o interesse de um espetáculo vulgar e, em geral, por tudo o que está excluído do caráter inerente à verdadeira e elevada hierarquia moral e intelectual. Quase sempre eles induzem a falar em excesso e a agir de forma arrebatada e sem controle, muitas vezes levando as pessoas a situações das quais devem se desculpar depois,

manifestando haver dito tais coisas ou feito tais tolices porque estavam muito emocionadas.

O sentimento elevado tem uma origem mais nobre e essencial. Responde a um pensamento superior que lentamente se foi transformando, até condensar-se em sentimento; vale dizer que ele se foi identificando com o ser até perdurar para sempre na intimidade do seu coração. Não se expressa por meio do bulício nem da agitação irrefletida; muito ao contrário, atua silenciosamente, mas com toda a segurança, sempre que se lhe depara a oportunidade de exteriorizar-se em obras de real utilidade. O anelo de ser melhor, o amor a Deus, a aspiração de ajudar o próximo, são formosos exemplos desta categoria de sentimentos.

O terceiro aspecto, o instintivo, é o que habitualmente acumula as confusões mais temíveis. Provém da parte inferior da constituição humana, e sua influência está representada nas paixões. É comum identificar o instinto com a corrente genética; mas, em rigor, como já expressou a Logosofia, esta devia constituir uma linha intermediária entre a região instintiva e a do sentimento superior. Se hoje em dia não acontece assim, isso se deve ao relaxamento que, ao longo dos séculos, vem sendo experimentado pela raça humana, cuja sensibilidade natural está contaminada pelo desenfreamento do instinto.

Para terminar, recordaremos que os três aspectos da idiosincrasia humana que acabamos de descrever estão, como é lógico, intimamente vinculados entre si, e suas influências interferem na forma característica que configura com precisão o temperamento de cada um.

NÃO DEIXA DE SER SUGESTIVO...



Embora possa parecer uma suspeição que por seu tipo excede as comuns, certos fatos e tendências de nossa época não deixam de chamar poderosamente a atenção, ao revelar bem às claras qual é o estado ambiente ou, melhor ainda, a aspiração comum, a qual, embora se tenha o especial cuidado de ocultar, ao que parece por uma espécie de recato pessoal e até coletivo, nem por isso deixa de manifestar-se em múltiplos sentidos.

O homem, em geral, se move, atua e realiza por impulso de determinados estímulos, que viriam a ser os seus agentes motores. Esses estímulos, não obstante se acharem ao alcance das possibilidades individuais, passam inadvertidos para a maioria, a ponto de ser necessário mostrá-los a seu entendimento, a fim de que os perceba e sinta o influxo de sua influência benéfica.

Pode-se dizer, portanto, que essa maioria carece de estímulos, mais por força de um costume que parece ser inato no homem – o de esperar tudo dos demais e não do esforço próprio, o de confiar na sorte ou numa providência com perfume de fadas – do que pelo fato de tais estímulos deixarem de existir em realidade.

Pois bem, essa aparente orfandade de estímulos faz o ser sentir ou experimentar, amiúde, a necessidade de se liberar da opressão que para ele representa uma vida monótona, sem maiores alternativas. E, enquanto uns buscam dissipar o fastio ou preencher o vazio com distrações e diversões de toda espécie – e quantas são as coisas úteis e valiosas com que se poderia preenchê-lo! – outros manifestam, de diferentes modos, sua predisposição ao sobrenatural, ao que está além do humano. Assim, por exemplo, vemos que existe nos países em luta uma marcante tendência a aparecer, perante o adversário, ameaçando esgrimir ou utilizar “armas secretas”, desconhecidas, como se fossem fabricadas com elementos de outro mundo, e com soldados a quem atribuem uma força invencível, sobre-humana, capaz de causar a estupefação do inimigo.

Vemos também que, de uns tempos para cá, quase todas as histórias em quadrinhos publicadas, e que constituem o deleite de um considerável número de leitores, crianças e adultos (os últimos são a maioria), têm suas tramas baseadas em super-homens dotados de forças extraordinárias, que realizam proezas estupendas, fazendo o comum das pessoas sonhar em possuir, algum dia, iguais condições ou qualidades, dignas da admiração e do assombro do semelhante.

Encontramos a mesma coisa nos filmes de desenhos animados, em que aparecem homens de força hercúlea, e é bem possível que isso obedeça ao fato de que, tendo-se humanizado tanto o animal nessas projeções, a ponto de dotá-lo do uso da razão, da fala e de todas as expressões características do ser humano, este tenha ficado em situação bastante incômoda, sendo necessário, em consequência, elevá-lo à categoria de semideus ou super-homem quanto à potência física.

Não deixa, pois, de ser sugestivo esse movimento mental voltado para um pretensão ideal que, pelo fato mesmo de ser inalcançável, exalta ainda mais a imaginação de quantos coincidem em tal aspiração.

Todo esse movimento mental, que, conforme demonstramos, se reproduz em diferentes setores do pensamento e da atividade humana, mostra com irrefutável evidência qual é o estado de meia humanidade. Até parece que, não se conformando com uma existência que não lhe proporciona os inefáveis gozos que os câmbios notáveis produzem na alma, o homem alimenta, cada dia com maior afã, o pensamento de ser algo superior; superior a tudo o que existe de vulgar no sentir humano.

A Logosofia, com sua riqueza de estímulos, vem preencher esse grande vazio, conduzindo o homem rumo ao despertar de uma vida que não é a comum, cheia de tristezas e limitações, e sim outra, na qual podem ser satisfeitas as mais extremas exigências. Ao mesmo tempo que assinala, como um absurdo pouco feliz para o bom senso, a ilusória imagem das criações fantasiosas, indica ao homem, com a eloquência de seus quadros experimentais, qual é o caminho a seguir para conquistar até as mais altas expressões de sua humana natureza e de sua hierarquia mental.

Se, por exemplo, se admite que o homem comum, civilizado, é para o índio inculto um super-homem, por que não se haverá de admitir que um homem dotado de um extraordinário saber também o seja para o homem comum?

Convenhamos, então, que a riqueza de conhecimento facultada ao ser viver uma vida que só em aparência se assemelha à vulgar, pois dela dista muito quanto à amplitude, às perspectivas, à qualidade e eficiência de suas particularidades, sobretudo na ordem das possibilidades conscientes.

Nada pode ser mais propício a todos, nestes momentos, do que pôr mãos à obra, com o propósito de criar uma nova individualidade, cujas necessidades vitais sejam atendidas com o sumo dos conhecimentos que se prodigalizam ao entendimento de quem cumpre suas próprias promessas nesse sentido; e podemos assegurar que, embora nunca chegue a ser um Tarzan, um Patoruzú ou um Popeye, é muito possível que o faça no concernente à potência mental, moral e espiritual, dentro do quadro das reflexões que fazemos neste estudo.

LOGOSOFIA - ESTUDOS INTENSIVOS



Subconsciência. O subconsciente é formado por imagens mentais arquivadas e que já não têm atividade ou vigência.

Suponhamos o caso de um estudioso que deixa de exercer, durante longos anos, a ciência que aprendeu. Chegará um momento em que todos aqueles conhecimentos se tornarão elementos passivos. Ele não vai esquecê-los, vai recordá-los como simples noções, mas não poderá utilizá-los com rapidez nem segurança se alguma emergência o exigir. Nessas condições, os conhecimentos passam a ser subconhecimentos. Seu conjunto constitui a subconsciência.

Pode o estudioso procurar reanimá-los e trazê-los de volta ao seu anterior estado de esplendor; em tal caso, é a consciência que toma, da subconsciência, as imagens que nela estão arquivadas, para pô-las de novo em atividade.

Automatismo mental é a ação espontânea do consciente.

A psicologia comum estabelece que é a função subconsciente. Grave erro, pois que a função automática a que nos referimos representa um grau mais avançado da função consciente, e não uma regressão dela, como supuseram tantos autores. O músico que repassa muitas vezes uma peça até executá-la sem necessidade de fixar nela sua mente, o motorista de um veículo que pode ir dirigindo e conversando ao mesmo tempo, representam o conhecimento num grau de adiantamento e segurança maior. No segundo caso, o chofer conseguiu reduzir todas as complicações da direção, das leis do trânsito, do idioma que fala e dos conceitos que está abordando na conversação a uma ação simultânea e espontânea da consciência. Isso indica um estado de agilidade, brilho e segurança de conhecimento, que bem pode ser considerado uma excelente conquista e uma feliz culminação de processos conscientes que permitem utilizar todas as vantagens com o mínimo de esforço.

Tomamos por base os casos mais vulgares. Se a mesma circunstância passa a envolver pessoas de maior ilustração, observaremos uma influência decisiva em suas possibilidades, até o ponto de agirem com total rapidez, e quase simultaneamente, em diversas emergências que requeiram sua pronta e eficaz atenção.

A **inconsciência** reflete o estado de quem emprega imagens sem o controle da consciência.

Da inconsciência ao desvario é um pulo, já que, não atuando a razão no inconsciente, a imaginação se extravia no labirinto de imagens que, de forma desordenada, atuam dentro da mente.⁽¹⁾

⁽¹⁾ *Trataremos destes temas oportunamente, a fim de ampliar, com as conclusões importantíssimas que a concepção logosófica apresenta, estes pontos tão vitais para o conhecimento humano.*

O ERRO DE MUITOS



Ocorre frequentemente que, quando uma pessoa lê os estudos de Logosofia que aparecem nesta revista, ou escuta o que alguém lhe informa sobre a importância e transcendência deles, manifesta seu temor de que esses estudos a afastem de suas ocupações habituais e lhe roubem o tempo de que necessita para suas distrações, etc.

Não pecaríamos por excesso se disséssemos que consideramos essa apreciação totalmente infundada. Em primeiro lugar, ninguém pode julgar uma coisa por uma simples leitura ou por impressões de outros, nem estabelecer comparações ou fazer discriminações sobre o que ignora ou, melhor dizendo, sobre o que não é de seu conhecimento; em segundo lugar, não se deve esquecer que muito poucos são os que distribuem seu tempo eficientemente.

Comumente, todos têm falta de tempo, porque não sabem organizar as atividades de suas mentes, empregando muitas vezes horas, e até dias, naquilo que se pode fazer em breves instantes. A Logosofia, precisamente entre as múltiplas coisas que ensina, adentra o homem para saber aproveitar o tempo e dispor dele com grandes vantagens para sua vida. Temos numerosos casos de pessoas, por exemplo, que, ao começar os estudos logosóficos, não tinham maior disponibilidade de tempo para dedicar a eles, e, após um breve período, para sua grande surpresa, este lhes sobrava em abundância. É que esta ciência, ao dar a conhecer como atua o mecanismo mental e a atividade e influência que os pensamentos têm nele, abre para o ser as portas de uma de suas maiores conquistas, permitindo-lhe o livre movimento de suas funções mentais, em correspondência com uma evolução sempre crescente, que o conduzirá rumo a uma inteira superação.

A Logosofia é o melhor e mais eficaz auxiliar para o conhecimento do ser em todas as situações da vida, visto que começa por aliviar o peso das preocupações, por evitar o prolongamento de estados

mentais inférteis, provocados por problemas não resolvidos, e por eliminar os mil motivos que enredam o pensamento, obrigando o homem a atender deficientemente suas ocupações, e até fazendo com que ele viva uma existência amarga, cheia de inquietações e sobressaltos.

A GUERRA ATUAL PRECISA DURAR DOIS OU TRÊS ANOS MAIS

*O mundo deve preparar-se para um grande
acontecimento: a paz futura*



Há coisas que a humanidade não consegue compreender, e não as compreende justamente porque só atina a encarar a realidade quando esta já se aproximou tanto que se torna impossível deixar de senti-la.

Mas essa realidade costuma ser, na maioria dos casos, a consequência de um processo que se foi gestando no mundo e ao qual a humanidade, por negligência, por excessiva indiferença ou, melhor ainda, por incompreensão a respeito dos acontecimentos, permaneceu alheia, até o momento em que a violência das comoções bélicas ou sociais a despertou desse letargo pouco menos que mortal em que havia mergulhado. Daí que não lhe seja dado apreciar e julgar o que acontece em cada circunstância que, por encadeamento, se promove no grande teatro dos episódios internacionais, nem tampouco – o que é mais grave ainda – aquilo que acontece no rigor das experiências que impelem o mundo a adotar decisões supremas, resultantes das situações que se apresentam ao seu porvir.

A guerra atual, ainda que aparente assemelhar-se em seus objetivos às anteriores, difere em alto grau quanto às projeções e consequências. Esta é uma guerra preparada durante longos anos; guerra que os homens foram incapazes de evitar. Ideologias articuladas em ferozes desígnios foram e são o explosivo com que se pretende aniquilar a vida independente e racional do semelhante, e, ao dizer semelhante, referimo-nos a povos e continentes que, por natural

reação do espírito humano, rechaçam esse temperamento arbitrário e absoluto que conspira contra os princípios que regem a sociedade e a solidariedade humana, e que está em aberta oposição às leis e mandados que alicerçam a soberania dos povos e fazem do indivíduo um ente nobre, livre e civilizado.

O homem comum, em geral apreensivo, temeroso e inclinado ainda às ilusões mais absurdas, desde que alimentem esperanças, de seis meses para cá já acreditou, repetidas vezes, que a paz poderia sobrevir de um momento para outro na Europa e, por conseguinte, no mundo, pois bem se sabe que o que acontece nesse continente afeta todos os âmbitos do orbe.

Mas ninguém pensou, ou só uns poucos o fizeram, que uma paz nestes momentos seria um desastre para a humanidade. Não se poderia evitar o caos mais espantoso que se produziria em todas as ordens da vida. Seja-nos permitido explicar esta afirmação, que fazemos baseados em profundas e por demais sutis observações sobre o gravíssimo instante que o gênero humano está atravessando.

A estrutura social, política e econômica dos povos não pode ser modificada bruscamente, sob pena de se produzirem fortes e às vezes irremediáveis comoções no seio deles. Pois bem; se, como vimos, as nações estiveram se preparando para esta guerra, umas levadas pela premeditação encarnada no instinto agressor, e outras obrigadas pela necessidade de existir e defender o patrimônio de séculos e, com ele, a liberdade, o direito e a justiça, convenhamos que tanto mais necessário será, nos momentos atuais, que esses mesmos povos e o mundo em geral se preparem para a paz, acontecimento este que deve ser considerado de tanta ou maior transcendência que a própria guerra, uma vez que esta última já absorveu a vitalidade de países inteiros, fez desaparecer a vida normal e alterou quase todas as normas da convivência comum, fazendo com que a maioria dos homens de trabalho – que antes ocupavam um lugar dentro do mecanismo social, econômico, e nas demais ordens que formam a base pela qual se regem os povos e a família – agora se achem em campos de batalha ou ocupados em fábricas ou outras atividades relacionadas diretamente com a guerra, sem esquecer os que passam as penúrias mais horrendas nos campos de concentração.

Poderão nos perguntar por que é necessário preparar-se para a paz, se, uma vez terminada a guerra, cada um voltará para sua casa e a vida de imediato se normalizará.

Gravíssimo erro. Em primeiro lugar, nem todos voltam para suas casas... e, em segundo, os povos e os lares que foram destruídos não são reconstruídos tão facilmente como a ilusão corrente parece supor. Será necessário – mais que isso, será absolutamente indispensável – que os povos criem novas fontes de trabalho, pois se, ao encerrar a guerra e regressarem os soldados a suas pátrias, as fábricas de armamentos também encerram suas atividades, deixando milhões deles sem trabalho, o que é que mais provavelmente vai acontecer? As revoluções mais sinistras de que a história dos séculos jamais teve noção.

A guerra não pode terminar agora. O próprio espírito de conservação da espécie humana exige isso. Os que desencadearam a guerra devem saber que as leis universais podem ser forçadas, mas o prato da balança não poderá permanecer por mais que um limitado tempo fora de seu nível, e logo haverá de buscar, pela própria força que o sustenta, o equilíbrio que ele alterou ao pender para o lado oposto.

A tarefa que os governos devem encarar, sobretudo os daqueles países que marcham na liderança, é simplesmente enorme, e não é menor a responsabilidade que incumbe a eles.

Novas rotas têm de ser abertas para o futuro humano. Os homens que foram arrancados da vida normal devem voltar a ela livres das preocupações que embargaram seus dias de juventude e de luta. Devem saber que a pátria que os convocou para sua defesa lhes oferece, no seu regresso, um lugar na sociedade, o qual será, se não o mesmo, pelo menos similar ao que tiveram antes de partir.

Essa é a obra na qual os povos, estejam ou não em guerra, devem se empenhar desde já.

É preciso saber, de uma vez por todas, que a paz não significa a cessação da guerra, mas sim a volta à normalidade, e esta só poderá ser alcançada se forem preparadas de antemão, com tempo e estudo, as bases de uma subsistência comum.

Por isso, estimamos que esta guerra tem de durar ainda dois ou três

anos, enquanto as nações se põem em condições de encarar a paz, com todos os recursos que ela reclama para ser efetiva, verdadeira.

Mas é absolutamente necessário que os que já falam de como deverá ser encaminhada a vida após a guerra, neste caso a Inglaterra e a América do Norte, se preocupem em ganhá-la a todo o custo, não poupando esforço nem sacrifício algum para alcançar tão ansiado fim, pois é a única forma de conceber o futuro como o anela a humanidade que vive à margem de tão fantástica luta e de tão terríveis massacres de homens.

ESTUDO SOBRE ESTADOS MENTAIS



Ante uma pessoa que expresse enfaticamente: “O que você quer que eu faça? Deus me fez assim e nada poderá me modificar; o que diria você, leitor?”

O que comumente se tem dito nesses casos é que tal pessoa não tem conserto, ou que não há meio de fazê-la mudar sua maneira de pensar.

Pois bem, não seria interessante, por acaso, saber o que faria um bom logósofo diante de uma pessoa assim?

Vejamos o seguinte: a primeira impressão que ele receberá é de que tal pessoa se colocou à margem da razão e, portanto, de toda lógica. Essa impressão delinea o esquema psicológico do ser, colocando-o dentro de um quadro em que a sensatez pareceria estar ausente. Depois de enfocar detidamente essa posição mental, uma segunda impressão lhe indicará que é preciso um tato especial para fazer com que o obstinado se decida, em primeiro lugar, a entrar nos foros da razão, analisar e buscar os fundamentos de tão temerária afirmação. Caso se ache ante um amigo, perguntará a ele: “Como você sabe que Deus o fez assim? Ele o fez assim quando você veio ao mundo ou foi agora?”

No primeiro caso, o logósofo admitirá que tenha sido assim, mas, no segundo, não poderá admiti-lo. O interrogado terá tido inúmeras oportunidades de mudar a face de sua vida e, como todos, deve ter suas aspirações, só que lhe faltam os meios de realizá-las. Um conformismo absoluto, como o que assinalamos, é inconcebível em quem, cheio de vida e de prerrogativas, pode cumprir altas finalidades. Se lhe fosse proposto mudar de posição, melhorando suas condições em todos os sentidos, continuaria sustentando que nada poderia fazê-lo mudar? Seria absurdo; seria renunciar a seus direitos de ser humano dotado de inteligência.

Deus fez o homem à sua semelhança. Isso já significa e expressa uma condição que negou às demais espécies do orbe. Pretender que o tenha feito caprichosamente, com um selo particular, limitando-o a sofrer as consequências de uma precária situação, como a que a expressão analisada por nós supõe, seria uma aberração inadmissível. Portanto, devemos considerar que, se Deus fez o homem à sua semelhança, cabe a este descobrir as chaves que o tornem consciente de tal semelhança; mas, para isso, apenas desejar não é o bastante. As referidas chaves só aparecem à vista quando o entendimento está preparado para compreendê-las e delas servir-se sensata e judiciosamente.

ATUAÇÃO DOS PENSAMENTOS



Que importância você atribui ao pensamento dentro de sua vida? Já pensou que o homem pode ser feliz ou desditado, segundo sejam seus pensamentos? E que, se ele optar pelos melhores, terá ventura e evitará muitos padecimentos, ao passo que, se eleger os piores, sua vida se tornará amarga? Você crê ser impossível poder diferenciar uns dos outros?

Em nosso conceito, não só é possível, mas também constitui a maior prerrogativa que o ser humano pode ter.

Para levá-la a cabo, deve-se começar, logicamente, estudando os próprios pensamentos, até conhecer quais são os mais habituais; de que classe são; a que ações induzem; que fruto deixaram aqueles que com maior empenho foram alimentados, etc.

Talvez esse exame mostre a você, leitor, que um de seus mais persistentes pensamentos seja, suponhamos, o que o induz uma ou duas horas por dia a algum jogo de azar; e a você, leitora, a dedicar duas ou três tardes da semana a falar sobre moda ou outra frivolidade similar. Muito bem; o que se ganhou com isso? Para que serviu? Que benefícios foram recolhidos para o futuro?

Passe-se igualmente em revista a outras companhias que frequentam a mente, e se verá que elas não são mais que um lastro inútil que retarda as próprias atividades, ou um foco de inquietações, irritabilidade ou melindres, que leva constantemente a situações difíceis. Por exemplo, este pensamento nos aconselha a ficar aborrecidos ao menor atrito; aquele, a pensar que ninguém sabe o que nos vai acontecer amanhã; este outro nos sugere que mais vale desfrutar ociosamente o momento presente do que nos preocuparmos com o amanhã. E ponhamos aqui um longo etcétera, que cada leitor completará discretamente.

Prosseguindo com este estudo, vejamos o que sucede quando se deve enfrentar uma situação pouco comum, como seria um exame ou um concurso. É frequente, nestes casos, aparecerem na mente pensamentos de impotência ou de temor, que inibem ou paralisam nessa emergência o uso das faculdades. Quantas vezes vemos fracassar o estudante mais bem preparado, só porque um pensamento inibitório o impediu de utilizar todo o acervo de imagens que levava como bagagem de conhecimento? Nestes casos, sempre se nota que, passado o momento crítico, uma vez já tranquilizado, o estudante constata pasmado que para todas as perguntas que lhe fizeram tinha uma resposta satisfatória; simplesmente não as pôde dar, porque um pensamento de insegurança ou de temor paralisou o movimento dessas imagens mentais.

De modo, pois, que o estudo dos pensamentos, com sua classificação e seleção, constitui uma primordial necessidade humana. É imprescindível saber quais pensamentos há dentro da mente, afastar sem demora aqueles cuja influência se mostra inútil ou prejudicial, e cultivar os de índole sadia e construtiva. Assim começa a verdadeira arte de forjar uma nova individualidade.

ESCOLAS DE ADIANTAMENTO MENTAL



Designamos com este nome, por nos parecer o mais adequado à compreensão comum, aquelas escolas que, na Antiguidade, se preocuparam em resgatar um punhado de homens das sombras que mantiveram a humanidade mergulhada na ignorância.

Estas escolas denominavam-se iniciáticas, porque iniciavam o homem nos verdadeiros conhecimentos da vida e do Universo, e o faziam descobrir, por esse meio, os mistérios que, sem tal concurso, seriam impenetráveis para seu entendimento. Tais escolas sempre foram dirigidas por expoentes da hierarquia da inteligência e continham a expressão mais pura das verdades que ensinavam.

O ser geralmente ignora que, além da instrução comum que recebe – mesmo compreendendo a mais esmerada educação e ilustração que é possível obter na universidade, com suas posteriores especializações técnicas e científicas –, existe uma cultura e uma ciência cujos conhecimentos, não sendo semelhantes aos que comumente são ministrados, devem ser adquiridos fora do âmbito universitário, pelo esforço pessoal e pela dedicação intimamente estimulados, a serviço de um ideal cuja concepção escapa às considerações e juízos correntes que a mente vulgar possa formular.

Na presente época, a única escola de adiantamento mental é a raum-sólica*, que difunde os conhecimentos de Logosofia. Não há outra, e não seria aventurado vaticinar que passará muito tempo antes que outra de similar natureza surja no mundo.

Com o auxílio do saber logosófico, o homem adquire uma série de conhecimentos de inestimável valor para sua vida. Diremos ainda mais: o conhecimento logosófico promove no espírito humano um novo gênero de vida, que lhe proporciona enormes satisfações e lhe permite colocar seu entendimento muito acima da conduta corrente e das deficientes apreciações do temperamento comum.

* Atualmente, Fundação Logosófica - Em Prol da Superação Humana.

Aquele que sabe o que pode, se comparado com quem desconhece seus recursos, sempre leva uma vantagem considerável, que na luta diária assume um valor imenso.

“Não rias”, diz o antigo adágio, “daquilo que, por ignorares, menosprezas.”

Escolas havia, em tempos já remotos, que acondicionavam a vida de seus adeptos a uma existência superior, cujas projeções abarcavam muitas gerações. Eram escolas de Sabedoria, e suas luzes foram tochas imortais que indicavam a rota a luminosas civilizações que alcançaram o máximo de esplendor e cultura.

Em nossos dias, em que o progresso dos povos está truncado, desconjuntada a estrutura social pelas imposições do momento bélico, a parte de humanidade que sobreviver a este massacre deverá encarar seu futuro com um conceito muito diferente daquele que até agora teve da sua existência.

É um fato por demais evidente, na história do gênero humano, que o homem tarda muito a compreender o objetivo de sua vida. Geralmente, a necessidade e a dor obrigam seu caráter a ser mais dócil e menos áspero, quando deve incluir em sua psicologia modalidades que lhe são indispensáveis para exercer um sadio domínio sobre seus nervos e, não menos que isso, um estrito controle sobre seus impulsos irreflexivos.

A Escola de adiantamento mental oferece ao ser humano a possibilidade de conquistar, por via normal, ou melhor, natural, e com a devida antecipação, todos aqueles conhecimentos que lhe evitarão os ingratos e desagradáveis choques com a adversidade.

Diz a ciência médica que mais vale operar um apêndice ainda não complicado do que quando ele já houver posto o organismo em perigo. E, falando de organismo, diremos que, assim como se criam as defesas para imunizá-lo contra certas doenças conhecidas, também podem ser criadas poderosas defesas mentais que impeçam o contágio de determinados pensamentos-bacilo, que levam a vítima, quando conseguem obcecar sua mente, aos mais agudos desvarios ou tormentos que se possam imaginar e, quando não o fazem, deixam o indivíduo em um estado de manifesta incapacidade, acontecendo que, em tais condições de inferioridade, qualquer problema o derruba, fazendo-o experimentar os amargos transe do desespero.

O ensinamento logosófico, entre os múltiplos e valiosíssimos conhecimentos que divulga, preceitua a conveniência de o ser humano se precaver a tempo contra as desagradáveis eventualidades que, por inexperiência ou ignorância dos fatores que cumprem seu inexorável papel na vida, ele deve enfrentar no curso de seus dias.

O saber logosófico pode ser aplicado de imediato e com inteira discrição à própria vida. O ensinamento ingressa de cheio no acervo interno, operando verdadeiros prodígios na psicologia individual.

Deve-se entender, pois, que uma escola de adiantamento mental é um centro de estudos e investigações cujos conhecimentos diferem em absoluto dos comuns, devido à sua qualidade e transcendência. Por isso, tais escolas sempre foram, são e seguirão sendo, em todas as épocas, o lugar predileto das almas que anelam realizar uma superação integral que lhes economize os momentos de desventura que tão fartamente a ignorância proporciona, com todas as deficiências que, por sua causa, existem no mecanismo mental e psicológico do ser.

DEBILIDADES HUMANAS

“A sorte grande”



De todos os que compram semanalmente bilhetes de loteria com a ilusão de ganhar um prêmio, pode-se dizer que cem por cento (e aqui nos referimos à gente medíocre, tanto a de escassos recursos como aquela que aparece mais bem vestida moral e fisicamente) só pensam ou, melhor dizendo, sonham com o maior deles: “a sorte grande”, como se diz vulgarmente. Essa cobiça, que se mostra sem dissimulação, é vigorosamente estimulada no homem por um único desejo: o de encher-se de luxo, para que parentes, amigos, companheiros de trabalho, vizinhos e todos os que o conhecem sintam inveja, ao vê-lo convertido num grande senhor.

Que satisfação diabólica não sentiria um simples empregado qualquer ao apresentar seu pedido de demissão ao chefe, enquanto lhe diria, reprimindo um tanto a emoção, mesclada com ares de triunfo: “Estou me demitindo porque já não preciso trabalhar; trabalhava só por distração.” Ou o fulano que passasse para amigos e parentes um cartão com seu novo endereço, para que se inteirassem de que ele mora pelo menos num palacete de algum bairro grã-fino. Ternos novos e às dúzias, carros, pompa a mais não poder, já que até o mais caro lhe parece excessivamente barato. Ele, o novo rico, que antes mandava reformar as roupas velhas e, muitas vezes, almoçava uma humilde xícara de café com leite.

Eis o afã de quase todos os pobres, ou dos que não têm uma situação econômica muito folgada: ser ricos, para encher-se de soberba e insensatez.

Observando uma enorme fila de pessoas que esperavam a vez para comprar um bilhete da loteria de Natal, que ali era vendido a preço de custo, refletimos:

Será que toda essa gente já pensou seriamente no que faria se a sorte fosse sua? Seguramente, não, pois, para aliviar sua situação econômica e, ainda, para melhorá-la notavelmente, o homem não

necessita tirar “a sorte grande” e, não necessitando de tal coisa, deveria contentar-se com bilhetes que custam muito menos e cujos prêmios não são nada desprezíveis.

É que, para possuir de golpe grandes somas de dinheiro, é necessário ter suficiente ilustração para poder administrá-las. Quem nunca administrou dinheiro em abundância facilmente o malgasta, e muitos são os que devem, após desfrutar a “grandeza”, retornar à pobreza maldizendo sua sorte.

Para que se pede a Deus, por exemplo, que conceda a graça de tirar “a sorte grande”, se isso só vai servir para se perder nas tentações e na libertinagem? Deve ser por isto que muito raramente Deus põe o prêmio maior nas mãos do néscio. Geralmente, esse prêmio sai repartido entre muitos e, quando sai inteiro, é um endinheirado que o leva, pois sabe como administrá-lo.

Se o pobre fosse mais sensato ao jogar na loteria e pensasse no futuro e bem-estar de sua família, na ajuda sem jactância que poderia dar ao próximo, com toda a segurança as bolinhas de sua sorte sairiam em lugar das que saem para decepcionar. Porém, uma das grandes debilidades humanas que mais custa ao homem eliminar é a vaidade. Ser tudo sem fazer nada, e ter muito para fazer menos ainda, eis a fórmula ideal da típica tendência humana.

A “VERDADE” DOS MENTIROÇOS

Estudo logosófico sobre o embusteiro

A mentira é vilã; quando parece dar a
felicidade, a arreбата. – Raumsol⁽¹⁾



O embusteiro, apesar de ser um sujeito típico e classicamente definido, consegue na maioria das vezes safar-se habilmente das situações complicadas que ele mesmo provoca com sua costumeira má-fé. É, em geral, temido pela gente ignorante, e até mesmo por aqueles que preferem o confronto a terem de se envolver com tipos dessa espécie.

Mesmo assim, o embusteiro é o protótipo do covarde e do traidor. Nunca ataca de frente; esconde-se sempre no anonimato, para que a luz não descubra sua fatídica silhueta, e se esquiva agilmente dos preceitos da lei. Identificado por inteiro com a mentira, a verdade é para ele uma ficção, fazendo, com sutis enganos, os incautos e os tolos crerem que, se é isso o que ele diz, essa é a “verdade”.

Está continuamente à margem da realidade, a tal ponto que o surpreende o fato de haver seres que vivam com sensatez e rechacem o impostor em seus pretensiosos intuitos.

Em suas ações canalhas e delituosas, emprega a maior tenacidade em lançar, sobre aqueles que ele utiliza como instrumentos, o peso da responsabilidade. Na ponta da língua tem sempre a “palavra de honra”, que empenha com a mesma facilidade com que a nega.

Passar por “homem de bem” é sua obsessão permanente. Incapaz da menor ação nobre, visto que é um ente sem honra, desprezível por natureza, faz tudo para lesar a dignidade dos demais.

⁽¹⁾ *Axiomas e Princípios de Logosofia. Tomo I*

As inquietações desses sujeitos consistem em usurpar bens alheios, títulos que usam ilicitamente e tudo quanto seja motivo de cobiça para suas mentes extraviadas. No final de suas aventuras, esses eternos suspeitos aos olhos da polícia quase sempre caem na mão da justiça e são trancafiados em lugar seguro. O curioso é que, já presos, continuam fazendo cálculos para suas futuras manobras delituosas, inventando novas mentiras e dizendo enfaticamente e com gestos de desdém aos carcereiros: “Nós defendemos a sociedade com ‘nossos honráveis nomes’ e conseguimos, finalmente, a felicidade de ver todo o mundo atrás das grades!”

Convém que os psiquiatras e os juízes tenham bem em conta essa classe de demência, que constitui todo um perigo para a paz social.

A INCONSCIÊNCIA NO SUICIDA



Se examinamos a estatística dos suicidas, veremos que estes, na maioria dos casos, malograram suas vidas em plena juventude, entre os dezessete e os vinte e três anos de idade. Muito poucas exceções ocorrem fora dessa faixa etária.

Perguntar-se-á, sem dúvida, quais são as causas que influem no ânimo do jovem que adota tão irreparável atitude. Vamos responder do ponto de vista das observações logosóficas.

A criatura humana, durante esse período, ainda não se identificou com a vida, o sentido da responsabilidade ainda não despertou nela; vive como alheia à realidade da própria vida. A proteção paterna parece excluir toda preocupação quanto a seus deveres para com a sociedade e o mundo em que vive. Nessa idade, não aprendeu ainda a resolver os pequenos problemas que as necessidades morais próprias lhe criam; tampouco ensaiou as primeiras lições da temperança e da reflexão. Supõe que o primeiro pensamento que lhe acode à mente é o único que existe para julgar qualquer situação, e rechaça, com não pouca altivez, todo raciocínio que os maiores lhe fazem com o objetivo de auxiliar seu incipiente juízo. Se tem um amigo, pensa que só ele é capaz de lhe ser fiel; se um amor, que é o único que pode fazê-lo feliz; e sofre, em consequência desta atitude mental e sentimental, amargas decepções, que o levam muitas vezes a graves resoluções, se algo superior a suas forças não influi para fazê-lo mudar de decisão.

O que induz este tipo de suicida a consumir o crime contra sua vida é, geralmente, um ressentimento.

Ele pensa, por exemplo, na dor imensa que sentirão pais, irmãos e amigos; quer ver todos eles aflitos, dispensando-lhe atenções e dando-lhe a razão que até esse instante lhe fora negada, ou que ele acreditou lhe estivessem negando. Com os olhos de uma imaginação embriagada pela sedução da tragédia, o jovem vê que deixará de ser indiferente para os demais, que passará a ser recordado por todos, com pranto, desespero

e arrependimento; vê tudo quanto sua hipertrofiada vaidade o faz ver. Porém, não consegue ver, por terem sido cegados os olhos de sua razão, que está truncando toda uma vida, que poderia desfrutar e utilizar para edificar a própria felicidade. Não vê que seu desaparecimento nada implica para o mundo; que seus pais e familiares no final das contas se consolarão, dando prosseguimento a seus dias como quando ele vivia. Mas, e o crime que comete, e os horríveis tormentos que padecerá sua alma num purgatório sem expiação, como poderá repará-los? Quem é o ser humano para desprezar a existência que Deus lhe concedeu? Se cada potencial suicida pensasse nisso, mais de uma mão se deteria, e o coração se encheria dos sobressaltos do espanto.

INCLINAÇÕES PSICOGÊNITAS



Entre os tipos psicológicos que a Logosofia descobre, ao focar sua observação sobre os que povoam a sociedade humana, acha-se o que vamos apresentar neste estudo. Nós o escolhemos, nesta oportunidade, pelos curiosos e não menos interessantes aspectos que configuram seu quadro mental, pois julgamos que tal estudo não deixará de constituir uma valiosa contribuição para os cultores da investigação logosófica. Trata-se do ser que comumente é tomado por excêntrico.

Na realidade, é um descentrado, pelo fato de que jamais ajustou sua conduta aos ditames da sensatez e da razão. Mimado na infância e tolerado em excesso na adolescência, sofre prematuramente os tormentos de sua própria exaltação, em consequência do descontrole, dos abusos da paixão e dos deleites do mundo quimérico.

Estes seres, dominados por ilusões e aspirações irrealizáveis, ávidos de esperanças sobrenaturais, pretendem divorciar-se do mundo prático e real para mergulhar na divagação teórica e arbitrária. A sede do fenomênico lhes atrofia o gosto, impossibilitando-os de poder apreciar as virtudes do poderoso licor que a reflexão faz beber. Já não foram eles vistos, por acaso, indo em busca de tantos ambientes quantos possam existir, onde vivem um tempo aceitando de bom grado o engano de ser elevados a posições honoríficas que botariam no chinelo os mais conspícuos personagens da nossa história? Infladas assim as ambições, sempre vivendo completamente à margem de toda realidade, é muito comum vê-los incluir os demais no rol de seus vassalos imaginários.

Muitas vezes se surpreendem, e se incomodam, e vociferam, se não encontram o semelhante disposto a servi-los, e até dirigem injúrias e calúnias a quem não reverencie suas palavras e não creia cegamente nelas. O grave aparece, precisamente, quando tais palavras exprimem coisas inventadas com o propósito de “aliviar” o bolso alheio e usar, em proveito próprio, o centavo que pertence aos demais.

Esses entes humanos são incapazes de realizar qualquer coisa por si mesmos. Déspotas e egoístas por excelência, se alguma vez galgam postos na hierarquia só pensam em usar o máximo de rigor com os que se achem eventualmente abaixo deles. Sempre atuam no terreno da ficção, o que lhes facilita sobremaneira a tarefa de fingir, dramatizando tudo. Se num momento são vistos narrando episódios dantescos, nos quais simulam ser vítimas desventuradas, logo em seguida já se podem mostrar cheios de soberba, contando grandezas, enquanto desfrutam o vão prazer de se acharem por um instante, fugazmente, imaginariamente, acima dos que os escutam.

Na verdade, é interessante observar nesse tipo de seres as mudanças repentinas de pose, nas quais mostram, para o próprio infortúnio, a volubilidade de seu espírito e a incapacidade de serem dignos depositários da confiança que qualquer semelhante lhes pudesse dispensar.

Do exame de sua conduta diária, de seus movimentos aqui e acolá, anunciando projetos de coisas que jamais haverão de realizar, e da vida desordenada que levam, podem-se deduzir conclusões inequívocas sobre suas inclinações psicogênicas.

O curioso neste caso é que tais seres costumam ter uma aparente lucidez mental. Por essa causa, até são tidos como pessoas inteligentes e educadas, pois suas características psicológicas são ignoradas, já que ninguém se preocupa em fazer estas observações, e é assim que os demais chegam a ser surpreendidos, uma e mais vezes, por sua astúcia.

Realmente, é uma pena que, em vez de utilizar sua engenhosidade para corrigir tais deficiências, tendências, etc., o que fazem é malgastá-la em mil trivialidades, mesmo que não pensem dessa forma; e depois aparecem na qualidade de aproveitadores, ou seja, aproveitam-se da boa-fé dos demais e fazem com que eles acreditem em seus achados imaginários, a fim de lhes vender seus “inventos” e receber como adiantamento somas que logo dissipam. Em nossas observações, temos casos catalogados desta espécie de “batedores de carteira” de técnica muito apurada, cujos ascendentes familiares foram, e alguns continuam sendo, consumados artistas no terreno da trapaça. E dizemos artistas porque sempre burlaram com bastante habilidade os códigos penais.

A inclinação psicogênita, ou seja, a tendência hereditária, manifesta-se naqueles filhos que foram educados pelos pais no ambiente da ficção e do engano, havendo aqueles, porém, que sentem repúdio por esses pais. Temos o registro de vários destes casos, cujo processo foi acompanhado com o mais vivo interesse, já que formam o arsenal dos elementos que entram em nossa investigação. Não seria nada improvável que, na devida oportunidade, déssemos a conhecer um destes estudos, por conterem motivos sumamente interessantes.

No caso que apresentamos, é evidente que a anomalia mental do tipo em estudo – chamada correntemente de “mania” – manifesta-se com diversos traços, predominando em mais de um deles a característica do palhaço que, no afã de parecer dramático, inverte o papel e penetra no gênero dos cômicos grotescos, ou seja, dos vulgares polichinelos.

O ensinamento logosófico, que com tanto vigor tende a corrigir essas inclinações anormais, enquanto registra o estudo correspondente a cada caso, determina que, se não for por meio do esforço dirigido para uma efetiva superação, esses seres não modificam suas tendências, e podem constituir um perigo para quantos sejam por eles surpreendidos em sua boa-fé.

O HERÓI DESCONHECIDO



É comum ouvir falar do herói cujas façanhas, nos campos de batalha, valeram a admiração geral e a distinção de tão elevada categoria moral. Também se faz menção a outros, em cujos ambientes as oportunidades de alcançar essa alta hierarquia é consideravelmente menor, sendo talvez os menos recordados aqueles que figuram no campo da ciência.

Parece que a palavra herói está associada a tudo o que se relacione com lutas, tragédias, atos de abnegação, etc. E, com efeito, ela supõe a exaltação de um nome à altura dos privilegiados, em virtude de atos de arrojo ou de feitos nos quais, segundo a aceção corrente, se mostra um total despreço pela vida.

Sem menosprezar, naturalmente, o mérito que tais atos ou feitos possam ter, será necessário dizermos, não obstante, que mais de um desses momentos, que se gravam na história como exemplos de heroísmo, costumam ser promovidos por causas alheias à vontade dos protagonistas. A circunstância, uma premência suprema, a necessidade de em brevíssimos instantes encarar situações angustiosas, são em muitos casos acicates máximos que impulsionam o homem a ações heroicas.

Esta simples discriminação que nos permitimos fazer serve para assinalar que, de acordo com aquilo que o vulgo entende, o herói surge bruscamente do ato ou do feito que o consagra como tal, aparecendo revestido de virtudes ou qualidades até então ignoradas. Quer isto dizer que semelhantes atitudes não são produto da inteligência ou de um cultivo particular de determinada faculdade interna.

Deixemos agora esses heróis da história, cobertos de uma glória que ninguém lhes ousará disputar, e vamos em busca do herói desconhecido, do que honra o gênero humano por sua apurada vocação humanitária, por seu voluntário sacrifício como oferenda permanente e generosa e como sublime tributo ao bem perseguido. Quantos deles são ignorados, sem que sequer seus nomes permaneçam na recordação daqueles a quem beneficiaram! Vamos também

em busca desse outro herói desconhecido e verdadeiro que está dentro de cada ser humano, que luta contra tudo o que se opõe às determinações de sua vontade e sobrepuja todas as contingências da vida; que luta contra as enfermidades que minam seu organismo e põem em perigo sua vida; contra as agressões a que está exposto diariamente, agressões morais cujos rudes golpes às vezes tanto custa reparar; que defende a duras penas suas economias da usurpação e da pilhagem, e se expõe a mil riscos para não cair vencido pelo desespero e pelo infortúnio. E, como se tudo isto fosse pouco, nós o vemos empenhado na mais árdua e tenaz das lutas, na batalha maior e mais memorável de toda a sua história: a que sustenta contra sua natureza inferior, que ele deve vencer e humanizar; contra suas tendências e pensamentos, quando escravizam seu espírito e lhe pervertem a vida.

Quão digno do melhor conceito é aquele que rompe a estreita visão de sua miopia mental e decide encaminhar sua existência em direção a outros e bem altos destinos, os quais, por certo, não são os comuns ao grosso da massa humana.

Numa superação constante, limpando as escórias da mente para permitir o livre funcionamento de todos os recursos da inteligência, esse ser trava, como dissemos, a batalha mais estupenda e magna de sua história. Este é o verdadeiro herói, o herói ignorado que luta sabendo por que luta, que se levanta tantas vezes quantas é derrubado. Existem em sua vida circunstâncias que costumam ser cruéis, quando, coalhado de dificuldades o solo que há de pisar, elas o colocam na situação de ter de provar sua fortaleza. É nesses momentos intensos que deve apelar para todas as forças internas, ou buscar dentro de si mesmo, no refúgio íntimo, os recursos necessários para não esmorecer e ter possibilidade de vencer na luta.

Pode-se, acaso, negar essa condição, que implica uma alta distinção no conceito corrente, a quem enfrenta e domina sua natureza inferior, a quem alcança por seu esforço, por sua constância e pelo cultivo de altas qualidades uma posição exemplar entre seus semelhantes? Por isto, sustentamos que este é o herói que deve conquistar, no juízo de todos, o lugar de honra que lhe corresponde, ainda que custe, talvez, reconhecê-lo, pois ninguém presencia as alternativas pelas quais passa

nessa luta que não se vê, porque é interna, mas que tem tanto valor quanto a daqueles cujos atos heroicos o põem de manifesto.

Quando este herói chega a assemelhar-se ao grande, ao sublime exemplo daquele que, podendo desfrutar tudo, por permiti-lo sua sabedoria e sua evolução, prefere colocar-se ao lado daqueles a quem ajuda, trabalhando em silêncio, suportando todas as vicissitudes, fazendo do sacrifício um culto e irradiando, com sua paciência cheia de luz, a paz por todas as partes, pode-se dizer que ele já conquistou os lauréis da imortalidade. Porém, neste caso, esta expressão não deverá ser entendida como uma louvação ao próximo, mas sim como uma oferenda pura, sincera, a mais valiosa de todas, ao Supremo Inspirador da alma humana.

AS COISAS EM SEU LUGAR



Com frequência chega a nosso conhecimento que estudantes incipientes de Logosofia sustentam discussões com pessoas versadas em temas filosóficos, ou com requintados sofistas, ou ainda com aqueles sutis argumentadores que, à semelhança dos ilusionistas, fazem desaparecer as coisas, para colocar em seu lugar figuras imaginárias que podem ser tomadas como reais. Com exceção dos primeiros, e até incluindo alguns deles, estes senhores imaginam tirar, de um conhecimento logosófico, coelhos, pombas e meias, que põem a correr e voar aos sete ventos, enquanto expõem estas últimas com ares de triunfo, como a dizer que são mais úteis aos pés do que à cabeça. E, depois de se deixarem levar a posições irredutíveis – que a prudência umas vezes, e o pouco cultivado logosófico do incipiente estudante outras, impedem de contrariar –, manifestam rotundamente que fulminaram a Logosofia, ou demonstraram tal ou qual coisa, etc.

Com o sadio e leal propósito de pôr as coisas em seu lugar e os pingos nos is, para que estes sejam latinos e não gregos, aproveitamos a oportunidade que a circunstância descrita nos oferece e declaramos tratar-se de uma total ingenuidade a pretensão absurda desses contendores anônimos, ao atribuírem a si mesmos triunfos polêmicos que estão muito longe de ser efetivos, já que, para considerá-los como tais, terão de conquistá-los, em última e definitiva instância, ante o próprio autor da Logosofia, que decerto não deixará de responder, com o mais absoluto domínio daquilo que defende, a quaisquer estocadas que se tente aplicar à vida pujante que anima cada um dos seus ensinamentos. Portanto, semelhantes polemistas devem a ele ser encaminhados por todos os que não se sintam capazes de silenciar seu falacioso ataque. É necessário neutralizar e ainda anular os efeitos de sua dialética, com a palavra serena e convincente daquele que pode certificar o que fala, diante de quem desliza habilmente pelo terreno do abstrato.

A essas pessoas que, assumindo poses quixotescas, imaginam reduzir o gigante à figura de um mísero gnomo, podemos dizer aquela célebre frase: “Os mortos que matais gozam de boa saúde”, e adicionar que, sem perceber, se extraviaram vagando pelos sulcos que marcam as linhas das mãos do gigante, enquanto proferiam anátemas que julgavam aniquiladores.

Nada tem a ver com a Logosofia, portanto, nem chega até ela sequer numa mínima parte, o que possa expressar, acertadamente ou não, cada um dos que cultivam seu ensinamento, do mesmo modo que não pode afetar o Sol o fato de não se saber, ante quem o menospreza, defendê-lo e tornar evidente sua primordialíssima influência sobre a vida dos seres; ou, em escala infinitamente menor, um descobrimento que beneficia a humanidade, bem como seu descobridor, não deixarão de ser tais só porque, falando de seus méritos, não se conseguiu convencer a quem se obstina em negá-los.

Por outro lado, não é possível pretender que discípulos incipientes, ainda que sigam com todo o entusiasmo o estudo do conhecimento logosófico, sejam capazes de satisfazer a todo o tipo de indagações que um ou outro lhes formule à queima-roupa, porque eles não constituem a própria Logosofia ou a Escola em si, do ponto de vista do saber essencial que anima o ensinamento. É o criador desta superciência, voltamos a repetir, a autoridade máxima que pode responder a perguntas e aplacar toda inquietude despertada pela força incontrovertível das verdades que ela enuncia.

Com isto, deixamos esclarecido, sem dar lugar a dúvidas, um conceito errôneo, ficando uma vez mais afirmada a inalterável posição da Logosofia.

A DOCUMENTAÇÃO BIBLIOGRÁFICA NO CAMPO LOGOSÓFICO



Se, em qualquer atividade do pensamento direcionada para uma investigação, a documentação bibliográfica é de suma importância, no campo logosófico adquire um valor ainda maior, tanto que não é possível prescindir dela se, em verdade, se quer assegurar os mais positivos resultados na orientação dos estudos e nas tarefas de investigação, ao centralizar os conhecimentos e elementos auxiliares em determinados conjuntos que se definam por traços particulares em pontos similares convergentes.

A linha inconfundível e invariável que evidencia o caráter de um ensinamento logosófico é percebida em razão da natureza e profundidade do seu conteúdo específico, mas existem inúmeros ensinamentos – que em si mesmos representam fragmentos de grandes conhecimentos – que são, diremos numa expressão mais vívida, como recortes de uma grande imagem que é necessário formar com entusiasmo, paciência, e aplicando, naturalmente, a mais aguda atenção.

Quando se quer estudar um país, é necessário equipar-se com todos os elementos instrutivos que possam dar uma impressão cabal e certa a seu respeito. Livros, mapas, informações jornalísticas, estatísticas, etc., concorrem sempre para esse fim e fazem possível a elaboração de um juízo mais ou menos aproximado. No campo logosófico, a investigação, ou seja, o contato do entendimento com tudo quanto haverá de ser útil a seu conhecimento, deve estender-se a todos os pontos a que chegue o pensamento que anima cada verdade expressada pela Logosofia. Nesse esforço de documentação bibliográfica, não só é necessário munir-se do que foi publicado até o presente, mas também se deve aumentar essa documentação com as reflexões próprias, as interpretações, etc., sujeitas por certo a modificações, sempre que a experiência, ou uma maior exatidão na compreensão, torne imprescindível colocar-se em terreno mais firme.

Na Antiguidade, quando não existia a escrita, o ensinamento era transmitido diretamente, porque Mestre e discípulos se achavam num só lugar, coisa que não poderia se fazer hoje, pela multiplicação das distâncias. Ao aparecer os signos alfabéticos que dão forma à inteligência do pensamento, os ensinamentos passaram a ser compreendidos tal como haviam sido expressados pela palavra. Acabou assim a necessidade, que existiu naquele tempo, de cada ensinamento, lição ou conselho ser ministrado imprescindivelmente por via oral.

Hoje, as vantagens da documentação bibliográfica são, sem a menor dúvida, enormes, pois enquanto não se organiza o arquivo mental de forma que os recursos da memória funcionem com regularidade e precisão, pode-se recorrer à documentação referida para fixar, com persistência no emprego das imagens, aquilo que se queira ter presente para os fins de um domínio nos planos do conhecimento.

Em todo gabinete de trabalho de um bom logósofo deve existir a maior provisão de elementos de investigação, antecedentes, apontamentos complementares, etc., para que não lhe falte nada do que necessita para os fins de uma maior penetração, podendo ter sempre à mão, em cada questão que surja como indagação, ao aplicar o conhecimento logosófico ao próprio campo interno, tudo o que já se houvesse tratado sobre o tema.

O FOMENTO DA COLABORAÇÃO QUE SE DEVE PROPICIAR



Existe, no conjunto das atividades que se desenvolvem no País, e muito especialmente nas cidades onde se concentra a maior parte da população, um sem-número de circunstâncias que amarguram a vida dos habitantes e afetam grandemente os interesses pessoais, o conceito das instituições e a paciência geral.

Todas estas circunstâncias, que nada são além de obstáculos, dificuldades e questões de toda espécie, suscitadas pelas deficiências de nossas leis e instituições, acarretam diariamente, como dissemos, sérios desgostos, que bem poderiam ser evitados, bastando que se tomassem as medidas apropriadas.

Mas eis que os afetados por tais transtornos não sabem como nem a quem se dirigir para expressar tudo o que lhes acontece. Sofrem, tole-ram e se calam, assim uma e mais vezes.

Apesar de tudo isto, os homens de governo, em cujas mãos está a solução, ignoram o que se passa com os súditos da Nação, e o ignoram porque não há quem os informe devidamente do que acontece nessa ordem de coisas.

Não ocorreria isto, assim o entendemos, se o governo tivesse a feliz ideia de criar um Departamento de Controle e Estudo, subordinado ao Poder Executivo, que tomasse a seu cargo a missão de organizar um arquivo de antecedentes, no qual se pudessem reunir informações sobre as deficiências observadas em nossas leis e em nossa organização institucional e administrativa. Este departamento, pelas próprias funções, poderia promover uma grande pesquisa de opinião pública, que convocaria o espírito de colaboração de todos os habitantes do País. Consistiria em levantar, junto aos cidadãos em geral, as deficiências observadas nas múltiplas circunstâncias em que eles tivessem sentido seu peso e, ainda, em que tivessem

experimentado o fato de ver seus interesses afetados, que são também os de todos os habitantes do País.

A razão dessa pesquisa seria, depois de haver sido amplamente documentados e verificados os prejuízos que elas causam à vida nacional, a de corrigir tais falhas em curto espaço de tempo.

A importância verdadeiramente fundamental desta missão de reajuste, poder-se-ia dizer, institucional, seria a de evitar os inúmeros prejuízos e transtornos ocasionados a cada um dos habitantes, nas múltiplas gestões que estes devem fazer junto à Administração Nacional, incluindo todos os seus departamentos, e ante a Administração da Justiça e as Municipalidades. Sabe-se que estes prejuízos e transtornos muitas vezes assumem sérias proporções, deprimindo o ânimo da população, esmorecendo-a, e, em muitos casos, violentam o espírito indignado dos que, indo pela via das leis e cumprindo o que elas dispõem, se veem diante de arbitrariedades que conduzem à ilegalidade, cobrindo as gestões com os caracteres quase que de uma tragédia.

Um reajuste eficaz e equitativo, que pusesse fim aos excessos de paixão inescrupulosa daqueles que, como dissemos, amparados por essas deficiências, prosperam e se locupletam à custa das pessoas honradas, cumpridoras de seus deveres e cobertas de mérito, impediria que indivíduos sem responsabilidade, únicos favorecidos pela imperfeição orgânica de nossas instituições e leis, aproveitassem tal circunstância para afetar e lesar a homens e instituições.

Uma vez efetuada a documentação pertinente e comprovadas as falhas que dão lugar a essas manobras fraudulentas, as altas autoridades da Nação poderiam dedicar-se a seu estudo e análise, bem como a tomar providências para retificar os erros de interpretação ou de estruturação das disposições em vigor, complementando a regulamentação das leis em que se tivessem observado omissões fundamentais que complicam o livre trâmite do expediente e que, em muitos casos, até chegam a fazer com que as gestões fracassem, diante da impossibilidade de poder ajustar os interesses privados, nos quais o fator tempo é um dos elementos de maior pressão, às imposições que aparecem como arbitrárias na aplicação dos decretos ou das leis.

Uma grande caixa postal, cuja finalidade seria dada a conhecer, poderia recolher do público anônimo as melhores informações e até conselhos sobre os meios mais eficazes de solucionar os problemas que as deficiências referidas criam; seria como o ouvido do governo, escutando o povo que quer colaborar com ele e, ao mesmo tempo, fazer-lhe chegar diretamente as mil causas que entorpecem a vida normal de cada habitante do País.

PREOCUPAÇÕES BÁSICAS COM A FUTURA ORGANIZAÇÃO DO MUNDO

A guerra total deve ser seguida de uma paz total



Desde que a guerra atual afastou os perigos da *blitzkrieg*^{*}, que tantas soçobras causou aos povos, e se transformou numa guerra de posições em que a inteligência militar, posta a serviço dos grandes objetivos estratégicos, busca a eliminação do inimigo pela supremacia sobre todas as armas, observa-se uma crescente inquietação por saber qual será o futuro que a nova organização, a ser estruturada pelas potências vencedoras, vai trazer para a humanidade.

Seja qual for o pensamento que anime os motivos políticos e sociais dos grandes estadistas, de cuja capacidade dependem os pronunciamentos definitivos, nós, de nossa humilde tribuna, onde são estudados com toda a amplitude de consciência os problemas que se apresentam à inteligência, especialmente nestes momentos de grandes crises em todas as ordens da vida humana, expomos nossos raciocínios, levados a efeito com base em imperativos que, segundo estimamos, formam em conjunto o quadro das perspectivas que a atual situação político-social dos povos nos oferece.

Entendemos que a extrema gravidade das horas futuras aparecerá no preciso instante em que cessarem as hostilidades, pelo estado moral e mental que, ao terminar a guerra, entrará em crise nos países mais diretamente afetados por ela; pela desorganização social, política e econômica; e pelo vazio, impreenchível no princípio, deixado por aqueles que, nesta contenda, pagaram tributo com as próprias vidas.

* “Guerra-relâmpago”, tática muito usada pelos nazistas na Segunda Guerra Mundial, com emprego combinado, maciço e rápido de homens, carros blindados e aviões.

No afã dos homens de governo da Inglaterra e da América do Norte em encontrar os meios mais viáveis para estabelecer a pacificação e a ordem no pós-guerra, entrevemos um magnífico trabalho de alta diplomacia, manifestado no fato de colocar sob sua égide os governos exilados e permitir que estes vão constituindo com tempo seus Estados, de forma que, chegado o momento, possam retornar aos respectivos países e funcionar interinamente, para administrar suas nações e manter a ordem, enquanto são discutidos os termos em que haverão de condensar-se as decisões definitivas para a nova organização do mundo. Esse ato de previsão nos tranquiliza em parte, pelas vantagens que representa para esse gigantesco labor de reconstrução geral a que haverão de dedicar-se todas as nações que integram a família humana.

É justamente nestas grandes crises da história que se apresenta a oportunidade de poder realizar os também grandes reajustes da velha organização, cujas deficiências provieram não precisamente dela, mas dos homens que estiveram à sua frente.

Será preciso, pois, buscar o mal em suas raízes mais profundas e, em vez de combatê-lo com os chamados remédios heroicos, que na maioria das vezes são só calmantes, deverá ser usado, primeiramente, o grande antídoto que neutralize os efeitos dos envenenamentos da mente, do instinto e, por conseguinte, morais, para em seguida culminar com o triunfo do bem, que, por não haver lançado novas raízes na humanidade, tantas lágrimas lhe custou.

Em nossa edição anterior, ao falarmos dos movimentos estratégicos da guerra atual, manifestamos nossa convicção de que os estadistas aliados se achavam profundamente ocupados não só em estabelecer uma ordem de equidade superior à que existia antes do começo deste conflito, mas também em planejar o estabelecimento de uma paz que, conquistada com tanto sacrifício, se apoie em bases sólidas e indestrutíveis.

A conferência histórica que foi realizada nos últimos dias do mês passado pelos grandes líderes da democracia e atuais condutores dos povos que lutam pela liberdade, Roosevelt e Churchill, e à qual assistiram tão altos e preeminentes chefes das forças armadas dos países aliados, confirma uma vez mais o acerto de nossas observações. Nesse memorável encontro, os dois homens de Estado convieram em

derrotar o inimigo dentro de um curto prazo, que no máximo ultrapassasse em muito pouco os limites do ano em curso. Tanta premência em terminar a guerra se deve, indubitavelmente, ao fato de já estarem concluídos os planos de ação bélica a se desenvolver nos dias futuros e também os que, necessariamente, foram traçados para a organização da paz e do pós-guerra. Não em vão se disse que não têm precedente os estudos realizados durante as conversações que mantiveram as duas figuras que absorvem atualmente a atenção do mundo. É, pois, inquestionável a transcendência do dito encontro, no qual estava representada em dois homens a vontade de duas potências e, também, simbolicamente, a do mundo inteiro.

Ainda que nada tenha sido noticiado até aqui a respeito dos dois planos referidos, devido à lógica reserva exigida nos momentos atuais, vamos deixar o primeiro, relacionado com a estratégia militar dos movimentos bélicos a serem efetuados, para nos ocupar do que se refere à futura organização do mundo.

Ninguém poderá deixar de compreender o grande número, a variedade e a importância dos problemas que haverão de se apresentar à medida que as situações dos povos sejam encaradas dentro da realidade de cada um. O que evidentemente contribuirá para atenuar bastante, pelo menos durante o primeiro tempo do estabelecimento da paz, a magna e difícil tarefa da futura organização será, sem dúvida, o fato de milhões de seres, que hoje vivem angustiados, estarem suportando mil penúrias, unidos por uma resignação comum que lhes permite suportar a vida em meio à miséria e aos sofrimentos morais mais espantosos. O imenso anelo de todos esses seres não pode ser outro, nos momentos atuais, que o de voltar à normalidade e, ao experimentar tais ânsias – diremos de reivindicação da alma humana e de restituição de seus direitos à vida normal – admitirão sem maiores exigências tudo quanto seja feito visando a encaminhar a humanidade pelos caminhos do progresso, do bem e da evolução, dos quais se afastou por comportamentos que a conduziram a experimentar os transe tão amargos e delicadíssimos que hoje deve sofrer, como consequência desse desvio. Ficará entendido, assim, que tudo quanto se faça ao finalizar a guerra, seja pouco ou muito, em favor do indivíduo e da sociedade, sempre haverá de ser imensamente melhor para os que hoje vivem sob o império da violência e

das situações instáveis, privados até de desfrutar as míseras condições em que, antes de começar o conflito bélico, se achavam os mais desamparados.

A guerra total evidencia, com meridiana clareza, ser o último ensaio das potências militaristas que pretendem a dominação do mundo. E, se bem que a princípio parecesse, diante dos acontecimentos inesperados, ser essa uma empresa factível, tal impressão não tardou muito a se desvanecer ante a reação manifestada, com tamanha virilidade, pelos povos que resistiram a aceitar esse aventureiro sonho de conquista que os teria mergulhado na escravidão.

Se ressaltamos isso, tendo-o como algo de importância fundamental, é porque se deve pensar que a uma guerra total tem de suceder **uma paz total**. Consideramos, assim, que, se as bombas explosivas alcançaram todos os lares e todos os rincões, ainda que neles se abrigassem anciãos, mulheres, crianças ou inválidos, também os benefícios da paz futura devem chegar a todos esses lares e a esses rincões. Porém, como as coisas não podem ser feitas ao sabor do acaso, a fim de não serem destinadas ao fracasso, pensamos que será necessário contemplar as questões e os problemas em suas verdadeiras raízes.

Deve existir um equilíbrio de convivência, um equilíbrio de compreensão entre o indivíduo e a sociedade. Entendemos que o individualismo deve evoluir até sua máxima expressão, propiciando o encontro conciliatório com o coletivismo, e este, do mesmo modo, ir ao encontro do individualismo, sem absorvê-lo nem pretender privá-lo de seus direitos, prerrogativas e liberdade de produção. Se as funções sociais do indivíduo devem tender ao melhoramento da coletividade, as funções desta hão de tender ao melhoramento de cada um dos seus membros, uma vez que cada um, individualmente, tem fisionomia própria, e, na soma de seus valores e qualidades, deve estar presente, mediante a livre expressão de seus pensamentos e de sua ação, seu melhor aporte à sociedade.

Desta forma se conciliarão pontos de vista antagônicos, ou que estejam em pugna por incompreensão ou desconhecimento dos princípios que determinam o conteúdo da existência humana, e também se evitarão lutas estéreis, ideológicas e políticas, que, como já vimos, depois de semear a confusão, levaram os homens a

incompreensões de toda índole, tornando-se depois necessário, para calá-las, recorrer à violência das armas.

Nos estudos profundos que estamos realizando, enfocamos precisamente esses pontos fundamentais, que tanto haverão de pesar na balança dos problemas futuros, e pensamos que, do que ficou dito nesta clara exposição de nosso pensamento, poderão ser extraídas não poucas conclusões, dado o alcance que tem, nestas horas, toda contribuição com intenções sinceras e de exclusiva colaboração para a elucidação e solução dos problemas que afetam o mundo e, portanto, toda a humanidade. E é desse modo que consideramos concludente a afirmação de que uma guerra total deve ser seguida por uma paz total, querendo com isso dizer que, se para a organização da guerra foi preciso preparar os homens desde a infância, para enfrentar as necessidades da paz também será preciso ir diretamente à alma da criança e do adolescente, a fim de formar homens para a defesa dessa paz.

Para isto, será necessário coordenar um grande plano de educação superior, que permita uma verdadeira e sólida evolução na infância e na juventude, transformando-a em evolução consciente para os homens do futuro, tal como o ensinamento logosófico vem preconizando e demonstrando com fundamentais verdades.

IMAGENS ANALÓGICAS APLICÁVEIS AO SER HUMANO

O relógio psicológico



A Escola de Logosofia se caracteriza e distingue-se pela qualidade dos ensinamentos que ministra. Eles são únicos em sua essência e oferecem, às gerações atuais e do futuro, possibilidades incalculáveis de superação. Atualmente, não existe no mundo nenhuma outra escola similar a esta. Pela índole dos conhecimentos que difunde, de tão vital importância para a vida, o ensinamento é ativo e requer uma constante atenção docente. Não se reduz a uma mera aprendizagem especulativa, nem é possível, com uma simples leitura dos textos publicados ou dos que venham a lê-lo, compreender e assimilar o conteúdo específico de tais conhecimentos.

O investigador logosófico, cujo labor principal deve ser o aproveitamento total da substância mental viva desse conteúdo, não pode por si só, sem o auxílio da palavra mestra que guia o entendimento, absorver esse saber profundo, cuja força extraordinária tantos já experimentaram, sobretudo quanto à sua virtude de ampliar a vida em direção a horizontes tão vastos e que tanta atração exercem na natureza psicológica de todos os que sentiram sua realidade imanente.

Muitas vezes já dissemos o seguinte: a Escola de Logosofia é eminentemente experimental, pois leva a experiência a todos os campos da atividade humana. Isto quer dizer que o pensamento-mãe, cuja potencialidade e fecundidade germinativa se manifesta numa exuberante proliferação de pensamentos, não corre o perigo de se extinguir no estéril campo teórico ou especulativo. O conhecimento logosófico é essencialmente prático, e cada um deve aplicá-lo à própria vida e, por lógica consequência, a toda e qualquer atividade que diariamente desenvolva. Entretanto, antes deve realizar uma sólida preparação, empregando em prol do melhoramento individual todos os elementos propiciados por este saber.

A Logosofia utiliza com frequência, como um de seus mais eficazes meios pedagógicos, a apresentação de imagens mentais claras, penetrantes, de um grande valor didático. Estas imagens facilitam em sumo grau a compreensão de temas de observação e estudo, permitindo uma rápida absorção do conhecimento. Vamos apresentar a seguir uma delas, para melhor ilustração, a fim de que o investigador logosófico extraia a parte vital de seu conteúdo.

A psicologia humana é semelhante a um desses relógios ordinários que não chegam a funcionar bem dois dias, que se atrasam, se adiantam ou param, a corda salta fora ou as engrenagens se desregulam.

Fácil é perceber em muitos seres, ao começar sua preparação logosófica, a série de imperfeições que aparecem no mecanismo desse relógio. O curioso é que seus donos não demonstram notar isso, e até pensam que ele funciona com toda a perfeição. Só mesmo quando se lhes mostra o estado em que se acham, bem como as irregularidades de seu funcionamento, é que parecem despertar para a realidade. Esqueceram, e nisto toda a humanidade se inclui, que, quando o homem foi criado, se fez necessário engastar em seu ser um magnífico maquinismo, uma espécie, digamos, de relógio psicológico, e, quando isto se consumou, foi-lhe dito que ele marcaria todas as horas de sua existência, controlaria todos os seus pensamentos e atos e, resumindo, registraria tudo o que ocorresse no curso de sua vida.

O homem reproduziu-se no mundo, não passando muito tempo para aquele pronunciamento se apagar de sua memória, e ele chegou até a ignorar, quase que completamente, a existência dentro de si de semelhante mecanismo. Houve os que conservaram por mais tempo a regularidade de seu funcionamento, mas depois, atizados pela curiosidade, começaram a trocar as diferentes peças de sua engrenagem, até avariá-lo. A que correspondia à reflexão foi trocada pela da imaginação; a do entendimento, pela da intuição; e esta, pela do instinto. Desengrenou-se a vontade, deixada a funcionar ao sabor das circunstâncias, e houve também os que fizeram saltar a corda do relógio, representada pela razão.

Por isso se compreenderá que, deixando o relógio de andar por causa dos defeitos, não podia registrar as horas, as quais continham implicitamente o resumo de todas as atuações. Acontecia, então,

que uma grande parte da vida ficava apagada, com sua conseqüente desvalorização. Não é isto o que ocorre, porventura, com quem passa a maior parte do tempo sem fazer nada? Que fatos importantes ficam registra-dos durante esse período de inércia? A vida se torna vegetativa e estéril, e, a menos que necessidades imperiosas obriguem a pôr o relógio psicológico em movimento, ele não andar

Entretanto, assim como não se pode pensar que o simples fato de pôr a funcionar o relógio que ficou defeituoso seja suficiente para assegurar a continuidade desse funcionamento, tampouco se pode admitir que o fato de que um ser nessas condições se decida a trabalhar dê segurança sobre a continuação do trabalho.

O relógio em questão marcará as horas com bastante atraso, mesmo que muitos providenciem para que as horas do lanche, do almoço e do jantar sejam marcadas com toda a precisão, o que não é muito difícil, pois os que fazem isso veem bem nítidas essas horas, estejam os ponteiros juntos, separados ou andando em sentido contrário.

Outra coisa é quando se quer realmente encaminhar a vida rumo a horizontes mais amplos. Não é possível encarar o problema da superação integral de si mesmo se não se começa por estudar, até conhecê-las bem a fundo, as minúsculas peças que compõem esse admirável mecanismo que condiciona o tempo ao serviço da inteligência. Isto, naturalmente, requer um alto grau de cultivo da paciência, enquanto se pratica e adquire o domínio sobre o hábito de concentrar a atenção no objetivo que a solicita de modo preferencial.

Dissemos que a corda se chama razão; por conseguinte, é necessário não esquecer de dar corda ao relógio todos os dias; noutras palavras, fazer a razão andar no horário, sincronizando-a com os movimentos da inteligência. Se ela se atrasa, de que servirá levar o relógio na mão, no bolso, ou dentro da mente? É justamente a razão que impulsiona toda a engrenagem e que deve manter uma coordenação perfeita do mecanismo, e é também ela que determina a verdade do tempo na esfera mental, na qual se verifica o registro das ações e dos pensamentos que documentam a vida.

Conhecendo isto, é indubitável que cada um anele consertar seu relógio psicológico e ainda conseguir que lhe seja possível transformá-lo totalmente. Então se terá um cronômetro de alta precisão, e bem sabemos quanto vale um e quão poucos o possuem.

Quem conhecer o mecanismo do relógio em questão poderá detectar de imediato qualquer deficiência em seu funcionamento, estando, portanto, facultado para corrigi-la. Este conhecimento lhe conferirá, por seu turno, o dom de penetração suficiente para conhecer como funcionam os relógios dos demais e para perceber, sem nenhuma dificuldade, o estado mental de seus donos.

ESPORTE MENTAL

Três exercícios para agilizar a mente



Pela primeira vez vamos publicar estes interessantes exercícios, que contribuem para agilizar a mente e, também, provar a própria capacidade no adestramento logossófico dos pensamentos e imagens mentais. São ensaios que só devem ser praticados como esporte e, repetimos, com o objetivo de verificar até que ponto alguém é capaz de executar um movimento mental, mantendo ao mesmo tempo um controle exato sobre ele. Este esporte deverá ser exercitado, assim o aconselha a experiência, quando se está só e tranquilo, seja de manhã ou à noite.

Primeiro exercício: Representa-se a imagem mental de um jardim onde se achem agrupados, em determinado lugar, vários pés de margaridas. Feito isso, e sempre mentalmente, vai-se colhendo uma margarida de cada vez, até chegar a formar um ramallete de cinquenta. Geralmente acontece que a imagem do jardim se apaga, ou se perde a conta das margaridas colhidas. Isto indica que existiu uma deficiente concentração; que, enquanto se executava o movimento mental, a atenção se distraiu. Convém, pois, repetir o exercício cinco vezes em cada ensaio e, depois, não pensar mais nele até o dia seguinte, ou até quando se queira realizá-lo novamente.

Segundo exercício: Representar, sempre da mesma forma, uma escadaria de cinquenta degraus. Em seguida, mentalmente, saltar de um degrau a outro com os pés juntos, ou seja, como se de fato assim se fizesse, até chegar ao quinquagésimo degrau. Aqui costuma acontecer que também se perca a conta dos saltos, ou se apague a imagem da escadaria; por causa disso, aconselha-se repetir com paciência o exercício, a fim de atingir sempre alguns degraus mais, e assim, sucessivamente, até o mais alto. Cinco ensaios de cada vez serão suficientes.

Terceiro exercício: Representar uma mesa sobre a qual se achem vinte e cinco copos e uma jarra com água. Encher mentalmente um copo e bebê-lo, fazendo, também mentalmente, o movimento que se faz quando em realidade se bebe. Continuar enchendo os outros, até esvaziar o último. Acontecerá o mesmo que nos exercícios anteriores: perder-se-á de vista a mesa com os copos, ou se perderá a conta dos copos bebidos. Mas isso não importa para os fins do exercício. Repita-se o ensaio até três vezes.

ESTRATÉGIA MENTAL



Um dos ensinamentos logosóficos que assumem extraordinário valor para a vida humana é o que trata da estratégia mental. Seu enunciado basta para deduzir a importância de que se reveste tão original conhecimento.

Uma vez que o mundo é um imenso campo destinado à vida do homem, e uma vez que esta vida, ao ingressar nele, se converte numa constante luta, nada mais oportuno se pode aconselhar que o concernente à estratégia mental, para que cada um, ao praticá-la num severo e constante treinamento, possa triunfar sem nenhum tipo de dúvida.

Situando-se no ângulo mais lógico das próprias perspectivas, e fazendo um cômputo do que já se tenha realizado, cada um poderá ver o que, nesse momento, abarca sua capacidade de empresa no plano imediato e nos subsequentes do seu porvir.

Como consideramos que esta concepção é totalmente nova para a maioria, vamos dizer em que ela consiste, mas antes devemos convir que é geral e, até nos atreveríamos a dizer, quase absoluta a desorientação que existe na esfera humana com respeito a como haverão de ser encarados e resolvidos os problemas que continuamente surgem na vida de relação, com os quais sucede o mesmo que aos resfriados e à gripe: cada vez que estes nos visitam, com seus consequentes incômodos, perguntamos como devem ser curados, ainda que centenas de vezes se tenham hospedado em nosso corpo e os tenhamos expulsado.

Em tais condições, a mente é incapaz de esboçar planejamentos que abarquem zonas de projeção propícias para o desenvolvimento de atividades que, ao convergir, encontrem assegurada a culminação feliz dos movimentos que a inteligência deverá efetuar para levar a cabo os objetivos que o homem se propôs a atingir.

Devemos expressar que a estratégia mental abarca todo o conjunto das atividades humanas. A estratégia militar, por exemplo, teve sua origem num setor da mente, aquele em que tiveram de ser elaborados os planos específicos das armas, o que ocorre, digamos, primeiro na mente do Estado Maior, sendo esses planos depois trasladados à mente do Chefe de Estado, que, por sua vez, deve combiná-los com a estratégia que concebeu no campo diplomático e, também, no terreno da economia e da política.

Disto claramente se deduz que, enquanto uns limitam a estratégia mental a uma só especialidade, ocupando com ela toda a mente, outros só distraem a atenção de uma parte dela, deixando livre a zona mental restante, para que seja utilizada em preocupações que podem ser múltiplas, segundo seja o grau de capacidade.

Para o profissional, o comerciante, o industrial, etc., cujas ocupações constituem o grande objetivo da vida, é natural que a órbita mental se reduza a satisfazer a esse único objetivo. E, apesar de não existir neles o menor sinal de conhecimento sobre o verdadeiro conteúdo da estratégia mental, observa-se um acentuado esforço para se colocarem no terreno das melhores probabilidades de êxito, o que significa que a experiência, com o conjunto de reações que ela traz consigo, os move por meio das contínuas fases que apresenta na luta para fazer a reflexão intervir mais amiúde e corrigir, enquanto se consolidam e ampliam os acertos, tudo quanto constitui motivo de dificuldade.

Isso quer dizer que, neste caso, tiveram de intervir múltiplos fatores para fazer com que as pessoas do exemplo dado se decidissem a modificar uma e mais vezes seus projetos, já que, mesmo que tivessem estudado e analisado as variadas formas de sua realização, ao levá-los à prática haveriam de ver que existia uma distância apreciável entre aqueles e a realidade. Contudo, dentro de tal limitação, e até sem saber disso, aplicaram, muito deficientemente por certo, algumas normas da estratégia mental.

Para conceber uma estratégia que abarque os múltiplos movimentos inteligentes requeridos por toda uma vida de consagração ao bem e ao cultivo das faculdades para alcançar altos ideais, será sempre necessário, em princípio, ser um bom estrategista, e, para isso, a própria importância do fato que apontamos exige um lógico processo de adestramento

e capacitação, que deverá ser realizado progressivamente, à semelhança do que ocorre na carreira militar.

O homem e a mulher que, inconformados com as perspectivas que a vida lhes apresenta, aspiram a dilatar o estreito horizonte de seu futuro, devem começar por ordenar seus pensamentos e disciplinar-se no sentido mais amplo da palavra. As oportunidades não podiam ser maiores, mais variadas e numerosas do que são para aqueles que preferem o caminho do esforço inteligente, útil e construtivo. De cada um depende, pois, a escolha de seu futuro.

A Logosofia, ao descobrir ao entendimento do homem chaves totalmente ignoradas por ele, proporciona originais e extraordinários meios de ilustração para conduzir a vida rumo a horizontes mais amplos e dignos do gênero humano.

Vamos apresentar, agora, algumas imagens curiosas, que deverão ser tomadas como figuras de alto sentido e valor pedagógico, já que sua finalidade é facilitar, para o entendimento, uma rápida compreensão do conteúdo que encerram.

É muito comum o encontro de um logósofo com pessoas de certa cultura que, quando se lhes fala destes conhecimentos, cuja originalidade e força sugestiva não escapam à sua perspicácia, apesar de interessar-lhes, manifestam entretanto que estão satisfeitas com o que já puderam admitir de tudo o que deu motivo à sua especulação intelectual. Do ponto de vista do logósofo, estas pessoas podem figurar, no quadro dos estudos psicológicos, como as de posições já tomadas e de caráter visivelmente dogmático, que dão a sensação de estar entrincheiradas nos respectivos pontos fortes. Aqui, o logósofo inteligente deve atuar com a maior prudência, evidenciando uma grande habilidade no manejo dos conhecimentos com os quais pensa despertar o interesse de tais pessoas, sem expor estes pensamentos ao massacre sob o fogo cerrado que elas haverão de abrir de suas trincheiras.

As circunstâncias exigem que o logósofo seja cientista no campo da ciência, filósofo no da filosofia, político no da política, e assim, sucessivamente, nos demais ramos do saber humano, já que primeiramente deve demonstrar a igualdade de condições nos nobres duelos que as situações haverão de deparar-lhe, em sua árdua luta para fazer valer, com todo o vigor da lógica e do acerto, suas profundas convicções. É ali,

precisamente, durante essas ações de alta difusão dos conhecimentos logosóficos, que ele terá de demonstrar sua perícia e sua idoneidade, a fim de provar seus elevados propósitos de bem. O empenho inteligente, perseverante, discreto, e o uso de uma paciência construtiva e benigna sempre haverão de ser fatores determinantes de seus triunfos.

É indubitável que tão generosa expansão do espírito não deve em momento algum ser atraída pela menor ostentação de suficiência ou superioridade. A excessiva estimação de si mesmo perturba a inteireza, muitas vezes em prejuízo da própria dignidade, e a Logosofia observa que, sob o influxo dessa espécie de embriaguez moral e psíquica, sem querer se pervertem os melhores sentimentos.

Pois bem, se conceituamos a mente como a cidadela principal de nosso mundo microcômico, deveremos optar por estabelecer uma espécie de pequeno campo de manobras, onde um grande número de pensamentos deverá se alistar, os quais, por obra de nossa vontade no exercício das faculdades que a inteligência lhe concede, se transformarão em verdadeiros soldados da mente. E lógico é pensar que estes deverão ser incorporados a diversos regimentos, tal como nas instituições militares. Assim, uns pertencerão à atividade científica, outros à social, à política, à industrial, etc., ordenados de forma tal que não haja mútuas interferências.

Sendo isto parte da estratégia mental, cada um efetuará rápidas manobras de adestramento, seja neste ou naquele setor em que, por preferência ou por obrigação, deva fazer incursões. Tal sistema de capacitação permitirá intervir com vantagens e acertos em qualquer dos campos em que cada um atue.

Quantas vezes já se pôde observar, bom é ressaltar, que, no terreno da discussão franca e amiga, aparecem deficiências que provam a falta de preparação. Por tal causa é que insistimos em manter, dentro da mente, sempre que for possível, é claro, exércitos disciplinados de pensamentos que estejam sempre prontos para entrar em ação. As vantagens que esta disciplina oferece não tardam muito a se manifestar na consciência do ser. Entretanto, como se pode conseguir um pleno domínio de si mesmo, se antes não foram dominados, no campo mental e psicológico, os pensamentos rebeldes que atentam constantemente contra o equilíbrio do próprio juízo e da própria conduta?

Vejam-se as inestimáveis prerrogativas que se abrem à alma humana ao contato com estes conhecimentos que fluem, com força incontível, de princípios que têm sua sede nas mais fecundas concepções da inteligência. O homem em plena evolução consciente pode, pois, fazer de sua mente um campo fértil para as altas manifestações da inteligência no plano da estratégia mental.

Estamos vivendo uma época em que se haverão de experimentar no mundo mudanças fundamentais em todas as ordens da vida humana. A Logosofia é, precisamente, uma nova concepção para a vida do futuro, e os conhecimentos que ela contém servirão, sem lugar a dúvida, aos homens chamados a reconstruir o mundo, como auxiliares preeminentes e necessários ao cumprimento de tão alto e humanitário labor.

CONCEPÇÃO DA VIDA

Grandeza e Miséria



Desde que os homens passaram a fazer uso da razão, tem-se apresentado ao seu entendimento uma grande quantidade de indagações, cujo eco, bem se poderia dizer, veio se repetindo no curso dos séculos sem uma resposta clara e definida.

A indagação é um movimento inconcluso da inteligência, que convida a completá-lo. A sabedoria logosófica vem recopilando, das próprias entranhas da história humana, todos aqueles pensamentos inconclusos, a fim de resolvê-los com a palavra da inteligência, que brota das fontes da lógica e da realidade vivente. Poderíamos afirmar que um dos que mais angústias têm causado à sensibilidade humana é o que concerne à finalidade expressa da vida. Debalde o homem tem vivido séculos e séculos e andado por todos os caminhos do mundo, pois nunca encontrou a chave que lhe revelasse verdade tão cobiçada.

Quem conheça a fundo a história das raças humanas e tenha conseguido penetrar um tanto nas profundezas da Criação, por meio de suas múltiplas manifestações e de seus maravilhosos processos, os quais encerram inefáveis mistérios que falam de grandes e sublimes expressões do pensamento universal, haverá podido compreender, em parte, o conteúdo desse pensamento que anima a existência de tudo quanto vive, se move e vibra no espírito da Criação.

Tudo confirma e ratifica a concepção logosófica de que o Supremo Criador, alma mater, universal, que dá existência ao Universo, não pode ter dirigido só uma vez a palavra aos homens. Ele, suprema verdade e justiça, espelho fiel que não se embaça, no qual se reproduzem as imagens mais perfeitas de sua excelsa ideação, não poderia contrariar, num mínimo que fosse, os soberanos desígnios de sua Vontade. Ele, supremo equilíbrio e harmonia de tudo quanto existe,

não poderia transgredir, em benefício de uns poucos, ou para privilégio de alguns eleitos, o maior entre todos os imensos conteúdos de seu próprio pensamento. Deus, a quem todas as criaturas humanas, sem exceção, devem reconhecer como suprema encarnação dos mistérios divinos e da augusta vontade ignota, falou ao homem quando, posto este no mundo, lhe despertou a razão e a consciência. Falou-lhe então, e continua falando-lhe sempre, a cada instante, e sua palavra se plasma no ambiente do mundo e se cristaliza na própria vida de todos os seres humanos.

Sobre a superfície terrestre, foram criadas múltiplas espécies. O gênero humano constitui a mais elevada, a que, por ter sido dotada de virtudes superiores, faculdades e capacidades extraordinárias de que careciam e carecem as demais, deve reinar com todas as forças de seu espírito, equilibradas pela razão e pelo sentimento, compreendendo as leis de seu Criador, para que de seus ditados surjam as provas mais evidentes de sua superioridade, pela compreensão plena dos princípios instituídos por essas mesmas leis que manifestam a palavra de Deus.

O homem, cuja existência obedece – digamos – à sublime finalidade de alcançar a perfeição, como culminação dos grandes conhecimentos que deve chegar a abarcar enquanto se vão verificando nele as transições e os câmbios lógicos que a evolução exige no percurso rumo a alturas tão imaculadas, só começa a vislumbrar a existência de tão excelsas verdades quando, em seu ser interno, se pronunciam as primeiras inquietudes, sintomas evidentes das necessidades do espírito, que pugna por participar nos conselhos íntimos das reflexões.

Entretanto, desde que a entidade humana existe no mundo, desde as penumbras da História, quantos não desfilaram por este vale que, com alguma razão, disseram ser “de lágrimas”, como sombras viventes, ignorados por todos, sem deixar uma pegada sequer de sua existência! Pode-se dizer que se limitaram a viver uma vida estéril, satisfazendo tão só às exigências fisiológicas, sem a menor consciência da natureza superior que encarnavam. Foram como duendes, cuja existência ninguém apalpa como algo real, e se acidentalmente se fizeram visíveis no mundo, ninguém deles se recorda.

São tantos os que passaram assim pelas ruas da vida que, se quiséssemos dar-lhes cifra, deveríamos pedir clemência para não morrer de vergonha.

Devemos atribuir este fato, que abarca tantas épocas e tantos milhões de almas, a uma deficiência do autor de nossa existência? Devemos atribuir a Deus – que nos deu e a todo instante segue dando tudo o de que necessitamos para alcançar as metas mais altas da perfeição –, as consequências de tantos desvios do gênero humano?

Pensamos que nenhuma consciência seria capaz de tamanha ingratidão e agravo, pois, diante de qualquer dúvida dessa natureza, se acham os grandes exemplos que a História registra; fatos que se foram consumando ao longo dos tempos, como sinais de universal inteligência, e que nenhum homem poderia negar. Esses exemplos são os que evidenciam a existência de grandes almas, que também passaram pelas ruas deste mundo, deixando, porém, marcas imperecedouras de suas vidas fecundas, de suas nobres realizações e de seus máximos esforços por transcender a mediocridade humana e deixar provas indubitáveis de tudo quanto se pode alcançar quando o ser, com todas as forças de seu espírito, se propõe a realizar uma vida pródiga em exemplos e feitos que demonstrem o valioso conteúdo da alma humana.

Suas marcas, estampadas nas páginas da História, porventura não foram as que serviram e servirão de inspiração às gerações? Não temos uma diferença de extraordinária magnitude entre estes seres que preencheram a existência, na medida de suas possibilidades, com o vigor de uma vida que se fez visível e palpável a todos, e continua a sê-lo, por haver immortalizado seus nomes na recordação dos demais, e aqueles outros que comparamos aos duendes e que, apesar de somar incontáveis milhões, se ignora que tenham existido?

Estas reflexões que fazemos não abrem por acaso o entendimento, para facilitar a compreensão daquilo que o conceito da vida deve encerrar? Não proporcionamos à inteligência livre de preconceitos, bem como às mentes maduras, sugestões de inestimável valor para suas futuras meditações?

Qual ser humano, capaz de sentir a própria imanência destas verdades, não põe a serviço de seus melhores anelos tudo o que estiver a

seu alcance, para que sua existência possa se definir numa expressão inabalável de suprema abnegação? E, ao expressar a palavra abnegação, queremos condensar nela tudo quanto responde aos esforços e à unidade de intenções em relação a tão altos objetivos, o que implica sacrifícios e também renúncias; mas tudo há de ser feito em holocausto ao ideal que torna patentes as esperanças mais íntimas do pensar e do sentir; por isso, os sacrifícios não haverão de ser estéreis, mas fecundos, e as renúncias, longe de atormentar a alma ou extraviar a sensibilidade, devem ser fruto de convicções íntimas, forjadas na mente à medida que os conhecimentos evoluem para um encontro com a inteligência superada e ativa.

De tudo o que viemos manifestando, depreende-se que as vidas que nascem e se extinguem na indiferença, que não perceberam os sinais que deveriam inquietar seus espíritos, que nem sequer acordaram para a realidade que começa onde termina a vida de ficção e de prazeres efêmeros, são, em todo o conceito, estéreis, consumidas seja na indigência física ou espiritual, na opulência ou prazeres, na entrega aos êxitos fugazes, seja na aventura, na obstinação ou no opróbrio: almas que mergulharam na pobreza e tiveram de se ver face a face com misérias de toda índole.

A vida deve ser rica em fatos e episódios que enalteçam a dignidade humana. Fatos e episódios em que a existência, em vez de destroçar-se, se multiplique, deixando estampados neles os traços indeléveis de sua genialidade. Aqueles que lamentavelmente sempre viveram na indiferença, sem inquietar-se com as indagações que, com tanta força de sugestão, impelem a alma a buscar o conhecimento, poderiam preencher suas vidas com tais fatos e episódios? Eles seriam sempre de um valor limitado e sem repercussão positiva para a humanidade.

Seríamos capazes de negar uma verdade tão evidente e tão ao alcance de nosso entendimento, como a que nos diz que todo ser humano grava sobre seus dias as páginas de sua história? Que, se o que ficou gravado não é tão profundo a ponto de ser percebido pelos demais, carecerão de sentido os traços que se tenham escrito, permanecendo apagados para os olhos do semelhante? Que cada passagem dessa história, para que mereça a honra de inserir-se entre

as ressaltadas pela História Universal dos fatos, deve conter o espírito vivo do pensamento e repercutir nos demais, beneficiando-os e servindo-lhes de fonte de inspiração?

A miséria moral é mais espantosa que a material. Pode-se ser rico em dinheiro e pobre em ações e episódios de transcendência para a vida. Ao contrário disso, uma vida que amplia constantemente seus recursos, para enriquecer a alma e dotar a inteligência de máxima lucidez, pode ser muito rica em episódios e fatos; e bem sabemos como estes são valorizados através das idades e das épocas.

ESPORTE MENTAL

Quatro exercícios para agilizar a mente



Continuamos publicando os interessantes exercícios mentais que iniciamos numa edição anterior, cuja prática, realizada a modo de esporte, contribui para agilizar a mente e proporciona momentos de agradável e sadia expansão.

Quarto exercício: Colocar-se diante de um espelho imaginário; começar por tirar, uma a uma, as peças do vestuário, mantendo com a maior nitidez possível a imagem própria, à medida que as roupas forem sendo tiradas. Feito isto, e se é que o exercício foi realizado com precisão, vestir-se novamente na mesma ordem em que as roupas foram sendo tiradas, até terminar a tarefa. Se a concentração não é serena e profunda, ocorre que se perde a conta das peças tiradas ou postas, ou se esquece, ao querer manter fixa a imagem de cada movimento mental, se as roupas que estão sendo contadas correspondem a uma ou outra ação. Também pode acontecer que a imagem de si mesmo tenda a se apagar, dificultando a nitidez dos movimentos, que constitui, justamente, um dos detalhes que devem ser fixados. Pode-se repetir o exercício três vezes consecutivas.

Quinto exercício: Representar na mente um curral com vinte ovelhas. Deixá-las sair uma por uma, tomando nota das que saem e das que ficam dentro. Uma vez que se tenha conseguido fazer isso com relativa facilidade, as ovelhas podem voltar a entrar, fazendo-se o cômputo da mesma forma. Para não perder a conta das que saem e das que ficam dentro, ou das que entraram e das que ainda estão por entrar, será preciso prestar muita atenção à imagem representada, enquanto se praticam os movimentos mentais. Repetir cinco vezes o exercício.

Sexto exercício: Representar, sempre mentalmente, um caderno de quarenta páginas em branco. Numerar de um a vinte, com caracteres grandes, a página da frente de cada folha; ou seja, começar pondo o

número um na primeira página da primeira folha, passá-la e, na primeira página da próxima folha, colocar o número dois, e assim sucessivamente. Quando se tiver chegado à última, fechar o caderno; em seguida, abri-lo e voltar a folheá-lo, enquanto se fixam na mente os números que vão passando. Se não se presta uma grande atenção, é muito difícil seguir sua ordem. Repetir o exercício cinco vezes.

Sétimo exercício: Na vida, em repetidas oportunidades, costuma ser comum a recordação de um determinado fato da infância que ficou profundamente gravado. A ninguém será difícil, então, representar a si mesmo em três idades diferentes, recordando esse fato e, sendo possível, o que motivou sua recordação em cada idade. Cuidar para que a imagem mental de si seja sempre bem nítida. Verificar, em seguida, se existe alguma relação entre o fato já acontecido e os atuais pensamentos. Ajudará a completar o exercício a lembrança das vezes que alguém fez recordar o dito fato. Este exercício pode ser repetido duas vezes.

O LIVRO DE OURO



O homem tem o costume inveterado de procurar estar a par de tudo, quer dizer, indaga sobre tudo para satisfazer sua curiosidade, preocupando-o quanto acontece no mundo inteiro. Este é um fato muito certo, como é também certo que de quem ele menos se ocupa é de si mesmo. Não nos referimos à sua aparência pessoal, nem à satisfação de suas ambições, pois nisso é generoso em excesso, mas sim à história individual, que cada um devia manter sempre em dia.

Não se deve esquecer que a vida humana está contida num grande livro, onde diariamente é registrado cada pensamento bom que se tenha ou cada obra de bem que se realize, como também o que for mau, seja no pensar, no dizer ou no atuar. O homem, em geral, desconhece a existência deste livro, porque não se dá ao trabalho de registrar, em sua consciência, os próprios pensamentos, palavras ou ações. Se assim fizesse, veria com surpresa quantas mudanças ou quantas correções deveriam ter sido feitas no curso de seus dias. Saberria, então, julgar-se com uma justa apreciação de seus valores e não cairia, como tão facilmente cai, na sobrestimação de si mesmo, no ridículo dessa inflação.

Para se conhecer internamente, é necessário que a pessoa, a princípio, se faça uma formal autoapresentação, pois já é sabido que cada um dos seres é um simples desconhecido para si mesmo. Alguém poderá dizer que, ao fazê-lo, se vê diante de um ser mudo, que não sabe o que responder; entretanto, ele ali está, respondendo aos gritos por meio de tudo o que foi pensado e feito desde que nasceu neste mundo. Se é causa de desgosto o tempo que se perdeu e a miséria do trabalho realizado como ser inteligente e consciente, que então se controlem os pensamentos e a conduta mediante o ordenamento de uma nova e rigorosa disciplina, e que se consagre o tempo na recuperação das horas perdidas e na reparação das faltas cometidas, a fim de que a obra da vida seja uma obra de homens que sabem pensar e sentir. Que a tinta empregada para gravar nas páginas do livro os caracteres da própria história se transforme em ouro líquido, esse ouro que é a

essência do pensamento vivo, manifestando-se nos traços e nos feitos mais honrosos, mais elevados e heroicos que o ser humano deve condensar nas páginas de seu livro pessoal.

Acontece, é bom ressaltar, que a maioria é constituída justamente dos que pensam mal e atuam pior ainda. Nem vale a pena lhes falar sobre registrar, eles mesmos, seus pensamentos e suas ações. Como não têm a menor intenção de se corrigir, melhor é não levar em conta nada que se relacione com eles próprios, pois isso seria expor-se a uma vergonha insuportável. Mas eis que – oh, sublime paradoxo! – os demais anotam tudo, sem omitir ponto nem vírgula. E como é geral esta atitude de fazer vista grossa, ela acaba sendo desculpada e tolerada, ainda que não muito de bom grado.

Quando chegará o dia, pensamos, em que esse livro feito de lata, onde cada um rabisca os parágrafos que queira, se converta em livro de ouro, cujo autor seja um só, único e legítimo autor de sua própria história?

BAZAR DE IMAGENS MENTAIS

A mente-fonógrafo - O traje ridículo



Em muitas pessoas de escassa cultura, a mente é semelhante a um daqueles fonógrafos do começo do século, chiantes e insuportáveis, e até a própria boca de tais pessoas parece transformada na ampla campânula de metal que os aparelhos tinham.

A gente inculta, ou de pobre ilustração, tem o costume inveterado de repetir centenas de vezes tudo aquilo que a impressiona vivamente, pois sabemos que ela capta, por impressão mais do que pelo entendimento, tudo aquilo que escuta ou sente. Assim é como se imprimem, na sua membrana mental, mexericos e episódios que, por sua índole, servem às mil maravilhas de assunto para falatório inútil.

Gravados os discos com aquilo que ocorreu a fulano, ou com o que beltrano disse de sicrano, são eles postos a tocar uma e mais vezes, até que se tornam um verdadeiro pesadelo; e se recordamos o que acontece com os discos gastos ou arranhados, teremos uma semelhança realmente incomparável.

No tempo do fonógrafo, havia muitos que punham sempre o mesmo disco, por falta de dinheiro para comprar outros. Coisa igual acontece com os seres a quem nos estamos referindo: a pobreza mental os impede de renovar o repertório, e a agulha vai arranhando o som, até eles se lembrarem de trocá-la.

As pessoas cultas melhoraram aquele papagaio eletrônico, a ponto de convertê-lo numa vitrola de som muito mais puro. Nessas pessoas, a membrana mental grava discos de outra natureza: em alguns, tocam os clássicos ao som de sublimes concertos, sinfonias, sonatas, momentos musicais selecionados; em outros, ficam impressos elementos de qualificado matiz social, científico, político, filosófico, artístico, etc., de modo que cada um tem uma discoteca mental bem apreciável.

O afã de aparecer na vida social ou política é uma ambição que, em muitos, se inflama de tal maneira que não lhes permite ver-se no espelho da realidade.

Com frequência, o homem faz de tudo para conquistar posições que estão muito acima de suas possibilidades mentais, isto é, de sua capacidade. Não vemos, por acaso, o incipiente político vestir depressa o traje de deputado e sentar-se muito ufano em sua cadeira? Como se inflou de repente, o traje até parece que lhe cai bem, mas no momento em que aparecem no recinto os deputados veteranos, com seu traquejo parlamentar, vemos o inexperiente legislador desinflar, dando-nos a impressão de que as mangas do paletó ultrapassam em meio metro as suas mãos, e que esse mesmo paletó, que em geral se assemelha a uma sobrecasaca das antigas, poderia dar-lhe volta ao corpo várias vezes.

Quantos querem vestir o traje de Presidente da Nação e passam a vida provando-o na imaginação! E, ainda que o caimento lhes pareça perfeito, na verdade a opinião pública os busca dentro do dito traje e não os encontra... de tão grande que lhes fica!

O novo rico, de ilustração não muito polida, acaso não sente uma íntima vergonha quando põe a roupa exigida pela etiqueta, para encontrar-se com aqueles que a sabem usar? A sensação que experimenta é a de que a aba traseira de seu fraque é tão comprida que se arrasta, e teme que uma pisada a arranque. A brancura do peitoral contrasta com a grosseria de suas mãos, que lhe parecem enormes e mal formadas, e não sabe onde escondê-las. É que a febre de aparecer consome estes seres, e o desejo de que todos se inteirem da sua mudança de situação os leva a se lançarem no mundo social antes de haver adquirido o dom da distinção – se é que só com dinheiro se pode adquirilo – ou, pelo menos, polir as grosseiras expressões de seus modos, até onde a condição de adaptação o permita.

ÓPTICA MENTAL



É sabido que os olhos do ser humano, mesmo no melhor dos casos, já que isto não significa uma deficiência do órgão visual, não percebem com exatidão tudo quanto fitam, pois já aconteceu uma infinidade de vezes que se têm feito apreciações equivocadas, assegurando de pés juntos que era a descrição exata do que se tinha visto. Daí provém, sem dúvida, aquela velha advertência que nos recorda que os olhos muitas vezes se enganam. Influem consideravelmente para que assim aconteça, por uma parte, a diversidade de matizes que configuram a coisa ou o fato focalizado pelo olhar e, por outra, o costume tão comum de pousar a vista superficialmente nas coisas, sem se deter para analisar detalhes do que se observa.

Isto quanto aos que não sofrem de nenhuma afecção nos órgãos da visão; porém, se colocamos numa escala primeiro os que têm uma simples enfermidade visual, avançando nas graduações à medida que a afecção se acentua, até nos vermos ante aqueles que a padecem em suas formas mais agudas, concluiremos que a área de percepção da vista começa a diminuir no primeiro caso, acentuando-se tanto nos sucessivos graus da afecção que mal se pode, com o simples concurso dos órgãos visuais, distinguir os objetos que estão ao redor. Este é o resultado da miopia óptica. Correntemente, devem ser usados óculos cujas lentes, receitadas em cada caso por especialistas na matéria, ao estar adequadamente calculadas corrigem essas deficiências, chegando, muitas vezes, até a fazer com que a vista recupere seu funcionamento normal.

Ocorre algo análogo com os olhos do entendimento, afetados com tanta frequência pela miopia mental. É notório e visível o curto alcance dos que não possuem a ilustração exigida pelas mais elementares normas da cultura comum, o que se produz seja por deficiências de instrução, seja por efeito da inércia mental, tão comum em muitas pessoas, seja também por incapacidade da inteligência escassamente cultivada. Por algum motivo se disse que a ignorância cega.

As primeiras explicações que a incipiente razão da criança admite se tornam esvanecidas e vão desaparecendo à medida que ela cresce, aparecendo em seu lugar a realidade em novos aspectos, que requerem outra classe de explicações: trocar as lentes que lhe foram dadas como auxílio para os olhos de seu entendimento. Estas lentes representam, é fácil perceber, as ditas explicações, as quais, ao levar ao ânimo da criança a sensação de uma visão maior, favorecem a compreensão do que permitem ver, fazendo as vezes de óculos para o entendimento.

E, ao internar-se na juventude, acontece o mesmo, pois o conjunto de conceitos que foram próprios da infância já não pode ser admitido na nova idade. Outra vez devem ser trocadas as lentes, para dar lugar a que a percepção, que na verdade constitui os olhos e as mãos do entendimento, possa desfrutar uma perspectiva mais ampla e, ao mesmo tempo, ver e tocar sob os auspícios de uma sensação mais real.

Apesar disso, seria ridículo admitir que, cumprindo-se os deveres e estudos que a ilustração comum impõe a cada um, já se esteja em condições de possuir a mais fina percepção mental. Seria também cair num grave erro, e vamos explicar por quê. Sendo as possibilidades do entendimento de certo modo ilimitadas, é lógico pensar, por conseguinte, que o saber pode se deter em qualquer dos graus que se julgue como suficiente. Quando assim ocorre, é porque as metas de quem interrompe sua ilustração não vão além da conquista de uma aspiração medíocre; mas como este não é o caso que fundamenta o princípio que sustentamos, chegamos à conclusão de que é mister continuar com o cultivo da inteligência numa proporção maior, e transferir o campo das investigações para uma esfera superior, onde as concepções da mente se cristalizem em conhecimentos de profundo alcance.

E, para que isto possa ser realizado com as melhores perspectivas de êxito, deve ficar subentendido que é indispensável trocar umas quantas vezes essas lentes a que nos referimos, as quais já devem ter alcançado o polimento requerido para dar ao entendimento mais elasticidade e uma força de observação capaz de captar, com nitidez, tudo quanto o ser se proponha examinar, com a atenção que lhe mereça aquilo que julgue ser motivo interessante de preocupação e investigação.

Já vimos como é imprescindível, no campo das atividades logosóficas, fazer com que o incipiente investigador note a deficiência observada nas lentes de sua mente; aludimos aqui aos conceitos comuns que se têm das coisas, muitos deles errôneos, justamente porque foram admitidos sem prévia análise consciente e sem prévia determinação de sua origem, para poder julgar os fundamentos ou verdades que, em realidade ou em aparência, pudessem conter. Diante do enfoque direto da razão, que logosoficamente é necessário efetuar, logo se vê que tais conceitos carecem de fundamento lógico ou de uma base certa. Mais propriamente, são conceitos hipotéticos ou empíricos, já que não podem resistir ao mais simples cotejo com a prova da lógica.

O afã dedicado, sadio e nobre de encaminhar as forças da inteligência para a aquisição de conhecimentos de ordem superior constitui todo um processo de evolução consciente. É um processo de aproximação à realidade, da qual queremos nos servir com a certeza mais absoluta de que é exato o juízo que dela fazemos.

Fica dado como certo, pois, que, seguindo os ditames da lei exposta, será necessário mudar de posição – veja que não dissemos “opinião” – diante de cada verdade ou fato, ideia ou pensamento, tantas vezes quantas a própria verdade o requeira, até que seja compreendida em toda a sua profundidade.

Isto exige, naturalmente, uma minuciosa e rigorosa revisão do primitivo conceito e de suas ampliações ou modificações, à medida que se avança em direção à realidade referida.

Eis, pois, apresentada uma das tantas imagens que a Logosofia utiliza para a exposição de seus conhecimentos. Pela força descritiva e pela riqueza de matizes que contêm, elas são de uma eficácia extraordinária para uma fácil compreensão e assimilação, ao mesmo tempo que adquirem um caráter particular, tornando-se inconfundíveis por essa mesma propriedade.

ARCANOS DO CONHECIMENTO



A Criação é a culminação máxima do pensamento universal de Deus. Como tal, é perfeita em sua concepção.

Para o homem, que é uma partícula dessa Criação, só se acha manifestado à sua consciência aquilo que sua inteligência descobre, à medida que evolui em direção à mais elevada expressão de sua integridade.

Dentro da Criação, não é possível conceber a menor imperfeição. E, para evitar o paradoxo que é atribuir a ela as chamadas imperfeições do homem, é preciso admitir, pela força irrefutável da realidade, que a imagem do ser humano, como parte integrante da concepção universal, é perfeita; em outras palavras, o homem é um dos tantos produtos dessa Criação.

Entretanto, o fato de haver sido criado perfeito não implica que deva, necessariamente, desfrutar tal perfeição, pois isso não será possível enquanto não consiga identificar-se, por próprio esforço, com essa perfeição.

Eis quão grande é a sabedoria plasmada na própria Criação. O ser humano é um conteúdo maravilhoso de possibilidades, e é à razão e à inteligência do homem que corresponde a alta missão de conhecer cada uma delas e lograr tal identificação.

Todos os defeitos tidos como imperfeições, ao se falar das características humanas, das alterações de seus traços psicológicos e das deficiências de seu temperamento racional, são tão somente resultados da ignorância em que o ser vive com relação às aludidas possibilidades.

A superação integral, chamada também aperfeiçoamento de si mesmo, não é outra coisa que o despertar da consciência, com cujo impulso começam a verificar-se no ser diversos movimentos psicológicos de profunda repercussão interna, que, ao porem em atividade as células adormecidas que em potencial contêm o papel assinalado a cada possibilidade, vão transformando a vida numa nova expressão, a qual, sob o rótulo de civilização, continua prosperando de idade em idade, até lhe ser dado alcançar sua máxima finalidade, que é a plena consciência de sua perfeição, que implicitamente significa o pleno e total domínio do pensamento-mãe da mente humana, em relação direta com o pensamento da Mente Universal. É o momento em que se estabelece uma conexão irrompível com os verdadeiros agentes do pensamento onisciente do Supremo Criador.

Pode, porventura, o selvagem ou o carente de toda cultura experimentar a realidade de sua existência e a da própria Criação, só pelo fato de viver e de sua vida estar contida no físico humano? Que é, senão a ampliação de perspectivas, o que faz o homem conceber sua existência como a coisa mais preciosa que Deus lhe permitiu desfrutar, sendo motivo de tão grandes e gratas satisfações?

Voltemos, agora, os olhos para as idades pré-históricas, em que a humanidade, carente por ignorância do que hoje dispõe pela inteligência, vivia e terminava seus dias em pequenos espaços, alheia por completo à existência que aflorava por todas as regiões da terra, e pensemos se, entre as preocupações que o ser humano pode ter, por grandes que sejam, não deve ser maior que todas a de culminar nessa promessa que encerra as mais elevadas manifestações do espírito, no mais alto grau de plenitude da consciência.

IMAGEM ANIMADA A MODO DE LENDA



Achava-se um velho sábio, certo dia, folheando um grande livro, no qual estava registrada toda a história do mundo, e, à medida que se internava no estudo de suas páginas, via que as letras desapareciam e, em seu lugar, se reproduzia em detalhes cada um dos acontecimentos que, no curso da história, foram assinalando os grandes momentos pelos quais a humanidade teve de passar.

Percorrendo as épocas, vendo o que o homem fez ou quis fazer, deu-se conta de que, no final de cada capítulo, as palavras se perdiam num espesso labirinto de pensamentos, culminando muitas vezes na desesperança e no extravio.

Em todos os tempos, sentiu-se a necessidade de alcançar algo que satisfizesse as aspirações da espécie humana; daí que, em tantas oportunidades, se intentasse construir um grande edifício que pudesse servir de amparo à civilização. Nele, os homens deviam preparar seus espíritos, conquistando aqueles conhecimentos que haveriam de lhes dar uma felicidade permanente.

Para realizar essa aspiração, buscaram por onde quer que fosse todos os elementos que, naquela época, consideraram mais convenientes, mas sempre tiveram de enfrentar grandes tempestades, que convertiam esses edifícios em escombros.

E os homens, perdidos e espalhados pelo mundo, continuaram em meio à desorientação e ao desamparo, como se levados por um destino desconhecido, do qual não podiam se livrar.

Viu o sábio, no meio dessas páginas, aparecer uma multidão de curiosíssimos motivos provindos da mente humana, os quais se dissiparam sem que ninguém soubesse por quê; eram motivos que lhe davam a impressão de ser despojos de almas que tinham habitado a Terra, cujos esforços por alcançar algo que não puderam definir nem realizar, por falta de quem guiasse a alma ansiosa na longa caminhada pelo mundo, ficaram, assim, como uma recordação. Eram alvos, talvez cercados de

ilusões, que tiveram por meta chegar à satisfação de uma das tantas aspirações que o homem costuma ter, quando percebe que dentro dele há algo mais do que aquilo que seu ser aparenta ter.

À medida que se internava nas páginas do livro, via que das antigas raças humanas só ficavam meros vestígios, e um ou outro traço proeminente com que se poderia reconhecê-las, reunidos com a escavação de ruínas e a extração de parte dos objetos que são partículas denunciadoras de seus costumes e levam o selo da evolução que cada uma delas alcançou.

Observando essas ruínas históricas, analisando os esforços feitos pelas raças que as povoaram, examinando os traços que evidenciavam até onde haviam cultivado suas mentes, o sábio descobriu que, apesar de mais de uma vez haver essa palavra luminosa percorrido o mundo – esse Verbo soberano que iluminou de quando em quando a mente dos homens –, a consciência humana ainda não havia conseguido os conhecimentos que a fariam transcender para sempre o estado incerto e até miserável em que a humanidade se debate desde os alvares de sua existência.

Ao aproximar-se dos tempos ligados aos nossos dias, viu como os olhos humanos se achavam endurecidos pela visão das coisas externas, e como o ser, no curso dos séculos, havia esquecido quase que totalmente o cultivo de sua vida interna, não apenas despreocupando-se dela, mas também dirigindo sua vista e seu ouvido constantemente para o externo. E foi assim que a maioria viveu a expensas do externo, ou seja, para o externo e do externo.

O sábio, então, pensou: “Se desde os primeiros dias até aqui este livro pôde ser escrito, por que não haverei eu de escrever, sobre a vida dos homens, outro maior, começando da última página desse livro que se chama História do Mundo?”

A empresa era enorme e árdua. Recorreu a uns tantos conselheiros, mas estes lhe disseram que não se aventurasse, porque, mal transcorridos alguns meses, estaria convencido do fracasso. Perguntou às estrelas, e piscando os olhos elas lhe fizeram um sinal, como a dizer: “Essa obra não é para os homens”. Perguntou à lua, e esta empalideceu de espanto, como se lhe respondesse: “É tão arriscada esta empresa, que é melhor nem pensar nela”. E, assim, foi interrogando cada um desses seres que,

por sua luz, aparentam ter uma grande inteligência, e todos lhe responderam em termos mais ou menos iguais, isto é, encheram sua vida de tristes profecias.

Entretanto, a obra já havia nascido no mais íntimo de seu ser. Havia proposto a si mesmo fazê-la, e começou por projetar os alicerces do edifício que haveria de construir.

Atraída pela curiosidade, aproximou-se do lugar muita gente que, com extremo ceticismo e ironia, lhe perguntava que era aquilo que ele ia fazer e de que meios se valeria para levá-lo a cabo.

Todos lhe davam conselhos, e o sábio, sobre cada um dos que se aproximavam, fazia profundos estudos, ficando com a impressão de que eram como a cal e o saibro, elementos que ele utilizava, pois serviam para ser postos entre os tijolos.

E, enquanto todos se divertiam, crendo que o faziam à custa do sábio, ele continuava imperturbável, levantando sua construção, cujo projeto a ninguém havia confiado. Até houve os que lhe atiravam pedras com ímpeto agressivo, enquanto outros lhe misturavam a terra com a cal.

Quando apareceu o primeiro cômodo, de tamanho diminuto, fazia um dia de tremendo frio. Muitos quiseram proteger-se ali dentro, e os primeiros a querer gozar do calor de seu pequeno mas confortável ambiente foram justamente aqueles que mais haviam zombado e rido dele.

Assim, infatigável, ele continuou a obra, até levantar as paredes do edifício acima da estatura humana, obrigando desta maneira o gênero rebelde a olhar para cima e vê-lo trabalhar no alto.

Se agora contemplarmos o fundo da imagem descrita, veremos que o construtor da obra era um velho sábio que abria as portas de uma eminente escola, para acolher em seu seio, ensinando-lhes o verdadeiro caminho, a todos os que se haviam extraviado nas inumeráveis sendas que se perdem pelo mundo.

A curiosidade, modalidade tão comum, que sempre deixa transparecer os ocultos resquícios do pensamento inquiridor, aproxima os seres, quiçá em maior número os que estão mais predispostos a negar do que a aceitar. A pedante suficiência pessoal, que é produto da sobrestimação de si mesmo, é condescendente com o agulhão da curiosidade, e cede

a seus impulsos com todas as aparências da indiferença. Poucas vezes o homem se detém para pensar – pelo menos não parece que tal coisa o preocupe, a julgar pelo conformismo refletido em sua atitude – no que poderia adicionar ao que já conseguiu saber, o que sempre seria oportuno. Em geral, interessa-lhe aquilo que pode saber circunstancialmente, e que não lhe demanda mais tempo nem mais trabalho do que o necessário para inteirar-se do assunto.

Tarefa por demais difícil, portanto, é a de fazer o ser humano compreender a transcendência que haverá de ter para sua vida o acúmulo de conhecimentos para o melhoramento de suas condições morais, intelectuais e físicas, sobretudo em face de sua indiferença, propiciada pela própria negligência mental, tão comum especialmente nos tipos médio e inferior das classes sociais.

Árdua havia de ser, portanto, a magna obra empreendida, sobretudo se levarmos em conta que nada existe de mais rebelde e refratário do que o elemento humano, mesmo não havendo nada que seja mais dócil que ele, nem que se dê com maior facilidade à união, quando vê que pode desfrutar aquilo que, equivocadamente, a princípio julgou uma quimera.

Passou o tempo, e hoje o velho sábio, tal como fazia ontem, quando folheava as páginas daquele grande livro, continua seu labor imperturbável, e o continuará ao longo dos séculos, com o mesmo amor e entusiasmo do primeiro instante, ainda que se pense ou se fale dele tudo quanto pode ocorrer às mentes que o observam.

A ação perseverante do tempo sobre o homem faz com que este envelheça; por outro lado, se o homem atua com perseverança sobre o tempo, detém seu envelhecimento e permanece numa eterna juventude.

FILIAÇÃO PSICOLÓGICA DOS TIPOS HUMANOS



Ao perscrutar por entre os tantos meandros da psicologia humana, encontramos-nos em presença de um fato que a Logosofia já tem como comprovado: a existência de tipos psicológicos que obedecem a uma conformação similar, cujas fisionomias, gostos, tendências, qualidades ou defeitos são, salvo pequeníssimas diferenças, quase que exatamente iguais. Trata-se de um fato observável até em crianças, podendo-se predizer, sem temor a nenhum equívoco, que, quando grandes, elas haverão de reproduzir com bastante fidelidade a vida de pessoas cuja filiação psicológica pareceria estar calcada nelas. Essa observação, confirmada em muitíssimos casos, mostra com inegável evidência que existem configurações psíquicas que respondem invariavelmente a uma determinada tipologia, dentro da qual os indivíduos se assemelham entre si como se pertencessem a uma mesma série psicológica.

Nos estudos efetuados, confirma-se que não só se encontram tipos de aparência quase perfeita entre os membros de uma mesma família, senão também, e são muitos os casos, entre pessoas sem vinculação alguma, e até entre famílias procedentes de distintos países.

Não obstante, é óbvio assinalar que os parecidos entre si, que constituem a série psicológica a que nos referimos, só se mantêm enquanto perduram as disposições que lhes são comuns, mas, tão logo um deles evolui, buscando para si uma superação, os traços psicológicos coincidentes vão-se diferenciando, até o ponto de se tornarem totalmente estranhos uns aos outros. Esta particularidade que acabamos de mencionar não deixa de ser de suma importância, pois adverte que as características psicológicas típicas podem ser melhoradas até que nelas se produzam mudanças substanciais. Muito mais ainda se uma dessas características coincide com a que certos animais apresentam, a menos que os que tenham tais

semelhanças se sintam cômodos e até contentes com elas. Nesse caso, como é comum, continuarão a ser chamados de raposas, lobos, tigres, porcos, gatos, etc.

Se correiros os olhos pelo mundo e observamos o drama que a humanidade vive, será fácil avaliar quão estéreis têm sido os velhos moldes em que se calcaram as sementes que hoje são imoladas na gigantesca pira que arde quase que de um extremo ao outro do orbe. E, pensando nisso, caberia perguntar se, ante o fracasso de tanta energia gasta em prol de metas inalcançáveis, não seria o caso de criar uma tipologia superior que satisfizesse com folga às exigências de um mundo mais bem constituído, cuja existência respondesse aos altos desígnios para os quais o homem foi criado.

Porém, essa nova série de tipos psicológicos deverá ser criada, como dissemos, obedecendo às necessidades do futuro, que haverá de demandar verdadeiros esforços conscientes de superação, a fim de que a humanidade não volte a cair no tenebroso abismo das paixões que tanto fazem o gênero humano retroceder.

É necessário prodigalizar a todos, e à juventude em particular, uma nova instrução, muito superior à comum; instrução que deverá cobrir a extensão de quase toda a vida, já que o aperfeiçoamento humano não é obra de uns poucos anos. O conhecimento de certas leis universais permitirá ao homem experimentar a magnitude de suas prerrogativas, cujo valor é incalculável, e fará com que sinta, ao mesmo tempo, sua enorme responsabilidade diante dos problemas de sua existência e do mundo.

Consideramos que a série de tipos psicológicos que surgir das cinzas desta hecatombe terá de manifestar características de uma espécie muito diferente das anteriores. Só assim o sacrifício não terá sido estéril ou em vão.

O estudo, o afã de superação, a compreensão clara das necessidades que a evolução dos povos reclama, deverão ser os sinais evidentes a nos denunciar o início de uma nova era de verdadeira reconstrução do estado humano, mas a isso terá de somar-se o cultivo incessante das faculdades que cada um possua e o enriquecimento do saber pela conquista do conhecimento em seus mais altos alcances e conteúdos.

DAS FORMAS DE EXPRESSÃO DO PENSAMENTO HUMANO

A oral e a escrita



Em mais de uma ocasião, tivemos de referir-nos aos diversos aspectos que configuram a linguagem humana. Sabe-se bem que é o meio de comunicação pessoal mais direto. Entre suas formas de expressão, conta com a oral e a escrita. Vamos nos ocupar hoje da última, após fazer sobre ambas uma breve diferenciação.

As palavras escritas não são exatamente iguais às faladas, ou seja, às que se transmitem por via oral, pois estas últimas são escutadas e penetram mais diretamente nas regiões do entendimento. As lidas nem sempre têm por consequência uma imediata compreensão, e não a têm porque, em geral, as palavras escritas são lidas superficialmente, com a atenção posta em múltiplas partes, e em estados mentais muito diversos; daí que às vezes custe tanto entendê-las e, por outro lado, seja tão fácil compreender a palavra que se ouve, pois, ao escutá-la, quase sempre se procura predispor a mente para absorver seu conteúdo.

Quantas vezes são percorridas páginas inteiras sem que se tenha, ao terminar, a mais remota recordação de seu conteúdo! É porque esteve ausente a razão, que controla a entrada dos pensamentos lidos. E assim é como o escrito se converte em letra morta.

Não é questão, pois, de ler por ler, mas de saber ler; saber propiciar à palavra escrita o ambiente mental necessário para que, em vez de converter-se em letra morta, tome contato com a inteligência e produza, como resultado de uma assimilação real, uma compreensão que, se não for perfeita, seja pelo menos a mais acertada possível.

Para isso, é indispensável concentrar a atenção naquilo que se lê e levar bem em conta tudo quanto o pensamento lido expressa à reflexão. Só assim o escrito pode beneficiar em alto grau a quem lê com paciência e disposição de ânimo, sobretudo se pensa que é uma mensagem que o autor lhe dirige; mais ainda: que é seu pensamento vivo transmitido pela palavra escrita, para que ele, compreendendo-a, a transforme em palavra oral, e os demais possam escutá-la tão pura e nítida como se proviesse de sua fonte original.

Muitas das errôneas interpretações que costumam ser dadas ao que é lido obedecem ao fato de, no momento da leitura, não terem sido tomadas as precauções convenientes para que não houvesse interrupções na passagem do pensamento através dos canais da mente. Ressaltamos isso para que, ao ler os ensinamentos logosóficos, o leitor não perca tempo em estéreis divagações, e sua leitura não seja fugaz e aparente, mas real, a fim de que possa transfundir-se na própria alma a palavra escrita, esse pensamento que é extraído dela, como essência do conhecimento. Predispondo a atenção e concentrando-a até que, serenada a mente, se manifeste um estado de espírito propício, conseguir-se-á que o conteúdo dos pensamentos logosóficos penetre sem obstáculo, com sua força de expressão, nas regiões do entendimento e da reflexão.

A LOGOSOFIA COMO CIÊNCIA DA OBSERVAÇÃO



É muito comum incorrer em equívoco quanto ao conceito que realmente se deve ter sobre o ato de observar, ou seja, sobre a observação feita nas mil oportunidades que diariamente se apresentam ao olhar ou ao juízo próprio.

Poder-se-ia dizer que é tendência geral observar para criticar, ou para apontar defeitos, esgrimindo constantemente a ironia sutil, que se esboça no rosto ao descobrir no semelhante as falhas ou imperfeições de seu caráter ou procedimento. Só quando o ser sente sobre si a intolerância alheia, a mesma que ele antes manifestara para com os demais, é que percebe a necessidade de voltar os olhos para motivos que predisponham melhor seu juízo e que não lhe sejam molestos, como no caso citado.

As observações que fazemos sobre os demais devem servir à própria razão e contribuir inexoravelmente para o melhoramento individual, pois da observação justa e inteligente surge a capacidade para corrigir os defeitos próprios. Assim, cada semelhante se converterá num espelho no qual cada um verá projetada sua imagem. Se tomarmos para observar, por exemplo, os belos gestos ou modos, as atitudes justas ou a conduta nobre, instituindo-os como modelos que servirão para aperfeiçoar nossa cultura, e tratarmos, com paciente empenho, de nos assemelhar a eles, veremos que a observação, longe de ser desviada de seu fundamento essencial, assumirá para nossa vida uma importância indiscutível.

E se, por um lado, serão melhoradas as características próprias pelo cultivo das qualidades observadas em pleno apogeu nos demais, por outro será necessário corrigir quaisquer falhas ou defeitos que entorpeçam o livre desenvolvimento dessas condições, já que o fato de não fazê-lo significaria colocar-se sempre numa escala de inferioridade, que de nenhuma maneira convém ao conceito que cada um anela que os demais tenham dele.

A Logosofia, ao ilustrar sobre a importância de que se reveste a observação como um dos meios individuais de aperfeiçoamento, também assinala que se deve alcançar uma verdadeira técnica na ciência de observar. A isso obedece o fato de ela salientar reiteradamente a necessidade de orientar a observação para fins sempre úteis ao processo de evolução, e que sejam férteis no sentido de auxiliar a inteligência na busca de elementos para ampliar os conhecimentos e aumentar o cabedal do saber.

O investigador científico aprofunda a observação e a exerce de modo continuado no aspecto que caracteriza seus estudos, mas geralmente desdenha toda outra que não interesse aos fins do ramo que investiga. Já a Logosofia, como ciência integral, propicia todas as observações que contribuam para ampliar o campo das experiências, já que, nas múltiplas fases em que costumam se configurar, delas se extraem, ou melhor, podem extrair-se valiosíssimos ensinamentos.

Fica assim esclarecido que a observação deve ser considerada questão fundamental para a evolução consciente do ser. E se for avaliado o que isto significa para a superação individual, ver-se-á que na vida comum ou diária é pouco ou nada o que se observa, visto que simplesmente se vê o que se quer ver, e na maior parte das vezes até isso é julgado de forma arbitrária.

Logosoficamente, observar é exercitar a reflexão enquanto o entendimento estende suas mãos para tocar e palpar o que se vê. A observação é, portanto, ativa, nunca passiva ou indiferente; e, sendo ativa, é lógico que deva encontrar a mente sempre disposta a receber com alegria o fruto da observação, e que este fruto sirva eficazmente ao enriquecimento das energias internas do ser.

A CAPACIDADE DE ESTUDO É O QUE ENGRANDECE OS POVOS



Em todas as épocas que a humanidade atravessou, nada deu maior categoria e prestígio aos povos civilizados do que o desenvolvimento de sua capacidade de estudo; capacidade que foi tanto mais ampla quanto mais oportunidades eram oferecidas à inteligência para sua livre manifestação.

Nenhum povo teria podido sobressair e ocupar um lugar de privilégio no conceito das nações, nem figurar entre os mais destacados da história, se não tivesse existido esse esforço louvável da inteligência, que edificou tantas obras, esclareceu tantas mentes e propiciou tantos exemplos.

A força moral das nacionalidades surge sempre da potência de sua cultura e da ilustração de seus pensamentos. A capacidade de estudo cresce ou decresce segundo seja o estímulo que receba para seu desenvolvimento. Nenhum labor deveria ser mais respeitado – já que não remunerado – do que aquele que a inteligência realiza, pois só a ela se deve a soma dos avanços obtidos em todas as ordens da vida.

A decadência dos povos sobrevém quando estes são privados do maior dos estímulos que o pensamento dos homens sempre reclamou: a liberdade.

Em todos os tempos, desde que existe o uso da razão, a inteligência humana se rebelou contra tudo o que pretendeu restringir ou regulamentar seu exercício. Falamos das inteligências bem inspiradas, cuja elevação de propósitos jamais traiu a esperança de seus semelhantes. Elas foram as que, em todas as épocas da história, fecundaram gerações inteiras com seu talento. É bem sabido que, para as ideias não construtivas ou, melhor ainda, para aquelas que se caracterizam por sua origem exótica e extemporânea, estão aí as leis e, por trás delas, os magistrados, que haverão de julgar essas ideias, caso o rebaixamento moral ou social a que tiverem chegado o faça necessário.

Não se pode negar que o que engrandece uma nação, mais do que suas riquezas materiais, é o concurso e o esforço dos homens de inteligência. No respeito às prerrogativas da consciência humana, na preponderância dos valores individuais e na justa estimação dos conceitos é que reside, invariavelmente, a melhor prova de sua independência e soberania.

O sentimento de nacionalidade surge, precisamente, da capacidade de estudo e de trabalho de uma nação. O conceito de pátria exalta os deveres do cidadão, resguardando a invulnerabilidade de sua terra natal. A nação constitui um corpo jurídico e social; a pátria é a alma desse corpo, encarnada no povo, e é a força moral que sedimenta a tradição e forja o ímpeto indomável do sangue.

É necessário que as massas incultas se instruem e se eduquem, para que não formem um peso morto político e social para a nação. As melhorias concedidas ao assalariado devem consistir, mais que nada, em estimular o estudo e propiciar os deveres morais e sociais, que geralmente os seres de condições inferiores evitam. Os direitos e os deveres são dois trilhos paralelos que, sem nunca se juntar, fazem avançar em marcha ascendente a máquina do progresso.

A que glória maior pode um país aspirar que à de sobressair entre os primeiros, por sua contribuição ao melhoramento humano, e à de contar, em seu seio, com capacidades que, ultrapassando as melhores, façam surgir por todas as partes a necessidade de consultá-las como autoridades reconhecidas no mundo inteiro?

Quantos esforços já não vimos malogar-se em pleno desenvolvimento, por não encontrarem o ambiente propício nem o alento que tanto contribui para avivar a chama do entusiasmo e do empenho? Toda ideia nova nasce na mente do homem, em geral sem outro amparo que a sua própria força moral. Duras e penosas são as horas que se seguem a seu nascimento; defende-se a ideia como se defende a própria vida; por ela se luta e por ela costumam ser experimentados os mais cruéis momentos, sobretudo se, triunfando contra a violência dos insensatos, contra a indiferença ou a inveja da maioria, ela ganha corpo e se expande, beneficiando generosamente a espécie humana.

Propiciar, pois, a capacitação por meio do estudo, exaltando a consciência em manifestações amplas do pensar e do sentir, é realizar uma obra fecunda, e é o melhor investimento que o capital político, social e espiritual de um povo pode fazer, se quer alcançar os cumes da glória.

PROCRIAÇÃO DA PALAVRA



Antigamente, e até não faz muito tempo, nas famílias reais era preocupação invariável conseguir que seu sangue não se mesclasse com o de origem plebeia. Existia verdadeiro horror ao bastardo ou adventício. Isso explica a razão que levava os descendentes de sangue azul, como se passou a chamar às castas reinantes, a se unirem entre si por laços de parentesco.

A palavra tem, em certo aspecto, uma semelhança com essa forma de a classe nobre se procriar, só que não se debilita como ela, cujo sangue, de tanto circular num meio cada vez mais reduzido, foi ficando debilitado até se extinguir quase que por completo na órbita das elevadas hierarquias humanas.

Quando a palavra não é uma simples manifestação do falar corrente, quando descende de uma família de palavras que encarna um ideal superior, ou constitui o tronco genealógico de conhecimentos de uma nova espécie, rechaça toda intenção de ingerência da linguagem torpe. A palavra oca não encontra eco algum na reflexão elevada, e é o estudo um dos meios mais eficazes para tomar contato com aquelas que são mais puras em suas acepções.

As palavras-tronco contêm suficiente força criadora para gerar uma multidão de palavras da sua mesma linhagem. Desnecessário é dizer que elas nunca saem de lábios incultos, senão daqueles que foram preparados para fazer chegar o acento educador e construtivo aos ouvidos que haverão de recebê-las com a preferência que suscita a simpatia ou a admiração.

No campo do conhecimento logosófico, temos uma prova irrefutável da verdade que estamos expondo. Os conhecimentos que a Logosofia divulga são palavras-mãe que, traduzidas para o pensamento comum com vista a uma fácil compreensão e assimilação, vêm dando à luz muitas outras que cumprem sua missão, difundindo-se de um ponto a outro, cruzando mares e continentes.

Assim aconteceu com as palavras-tronco pronunciadas pelos grandes espíritos que a humanidade já teve: suas descendentes continuam até hoje revivendo nas almas a consagrada recordação de seus autores. O mesmo ocorre no presente com as palavras que brotam dos lábios de preclaros estadistas, chamados a presidir futuros acontecimentos: sua palavra é recebida e interpretada com concordância e sentir unânimes.

O que já se viu, e em grau máximo às vésperas da guerra atual, é como se pretendeu, vezes sem fim, estabelecer parentesco entre as palavras de origem nobre e as bastardas da ralé farisaica, cuja finalidade é tergiversar o sadio conteúdo daquelas. Mas, quando as palavras pertencem a uma família cujo chefe é verbo e raiz de uma linhagem, elas se procriam por germinação espontânea, atravessando épocas e séculos, e nada nem ninguém teria poder suficiente para impedir sua manifestação. O verbo do Cristo teve essa virtude, como anteriormente a teve a palavra de outros guias ilustres, e como a terá em nossos dias aquela que mais verdades contenha e que seja mais fecunda em seus propósitos de bem.

A PROVIDÊNCIA E A SORTE



É muito comum atribuir à sorte um caráter providencial. Os que são eventualmente favorecidos pelo acaso parecem experimentar a vaidade de se sentirem seres privilegiados. Não obstante, caso se busque a razão de tal privilégio, ver-se-á que ela não existe. A sorte é como a bala perdida: após sair da arma, tanto pode atingir um alvo como outro qualquer, por não ter nenhuma direção prefixada. Escapa, pois, à explicação da lei, já que não está regida por ela.

Seria como se a sorte, que de vez em quando favorece indistintamente a um ou a outro, representasse aquelas sobras de bem que a Providência deixa cair, sem levar em conta em mãos de quem. O que raramente acontece é o favorecido guardar alguma gratidão por essa dádiva, usando-a para dignificar sua vida. Isto é parecido ao que poderia suceder a uma vara de porcos aos quais alguém jogasse uma bela cenoura: esta seria comida por aquele cujo focinho estivesse mais próximo no momento, sem que isso modificasse em nada sua vida. O fato de João ou Pedro ganhar milhares de pesos num jogo de azar não tem explicação da lei, mas o uso que eles farão do que ganharam, isto sim, não escapa à lei.

Apesar disso, que ensinamento se pode extrair de uma questão como esta, que não tem causa alguma em que se apoiar?

Vejam o seguinte: a Providência é uma força superior, que atua no mundo com plena independência da vontade dos seres; vale dizer que ela não foi conquistada pelo homem, como o foram outras forças que ele hoje maneja e com as quais se beneficia.

Como força superior, está fora do alcance da cobiça humana, mas é possível atraí-la e, até mesmo, chegar a ser um agente dela. Como? Eis a indagação que brota ansiosamente do segredo. Ninguém pensará, é claro, que esse segredo consiste em alguma palavra misteriosa que, simplesmente por ser pronunciada, produzirá o milagre desejado; nem pensará que, de braços cruzados, chegará a ser o eleito que o acaso

converterá da noite para o dia num potentado. Tal coisa não existe nem deve ser esperada por aquele que, de verdade, queira atrair para si a Providência.

É muito justo que quem trabalhe receba, como recompensa, um salário. Pois bem, quanto melhor for a qualidade de seu trabalho, de seus esforços e de seus afãs de bem, tanto maior será a recompensa. A este a Providência ajuda, e, por ele ter o que tem, mais ainda lhe é lícito ter. Porém, aquele que sem juízo nem trabalho algum é favorecido pela sorte, terá de lidar com o bem recebido usando seus próprios meios, e já sabemos o que lhe sucederá em pouco tempo; enquanto isso, o outro, com justo mérito, continuará progredindo.

No primeiro, o uso da razão resguarda sua propriedade; no segundo, a embriaguez instintiva provoca o esbanjamento. Os conhecimentos, ao ser usados por seu possuidor, são agentes da Providência. O médico que cura o enfermo, o que salva com seu conselho um extraviado, o que corrige o rumo do perdido, o que, enfim, evita um mal a seu semelhante, auxiliando-o oportunamente, porventura não atuou com eles providencialmente? Quanto mais conhecimentos o ser possua, mais amplo é o poder que a Providência lhe outorga para realizar atos de caráter providencial.

O acaso é vencido quando se eliminam as aspirações ridículas. Deve-se esperar tudo da própria força e capacidade; numa palavra, cada um deve converter-se em sua própria providência.

TÊM CERTAS PALAVRAS FUNÇÕES ESPECÍFICAS?



É digna de nota a acentuada diferença que se estabeleceu, desde tempos muito longínquos, entre a palavra “cérebro” e a palavra “mente”. Parece, a julgar pela aceção corrente, que se quis distinguir uma da outra atribuindo-lhes uma espécie de função específica. Quando se quer, por exemplo, destacar a figura científica ou política de alguma pessoa, como também acontece nas esferas sociais ou no mundo das finanças, diz-se que “é um grande cérebro”, ou que “tem um cérebro privilegiado”, somando-se assim os qualificativos de elevada hierarquia com que se nomeia o agraciado para diferenciá-lo dos demais. Por outra parte, quando é o inverso, quando, conforme diz a expressão comum, alguém “perde as estribeiras” e põe a razão a funcionar sem rumo, é apontado como “alienado mental”, ou seja, um demente; ou então dizem que ele padece de perturbação mental. Nunca, em tais casos, se menciona o cérebro, como se este nada tivesse a ver com o assunto, ou tivesse funções específicas diferentes das que a mente tem.

É curiosa essa diferenciação, precisamente por provir de um ato discernidor da própria mente humana, cuja propriedade reflexiva está intimamente ligada à atividade cerebral. Não obstante o que ficou dito, devemos reconhecer que, de uns dois ou três anos para cá, grandes estadistas e homens de governo, ao se referirem aos problemas que se vão apresentando à inteligência em virtude das bruscas transições que quase todos os povos do mundo estão experimentando, referem-se à mente, atribuindo-lhe o caráter de reitora de todas as atividades humanas. Vem-se dando, pois, à palavra “mente” a posição hierárquica e a distinção que lhe corresponde ter entre suas irmãs de linguagem.

A Logosofia sustenta este critério há mais de quatorze anos, ao determinar as funções da mente e demonstrar com farta evidência o seu papel, bem como o que os pensamentos desempenham como entidades autônomas do mundo mental. Hoje, já é mais comum ouvir referências

à “mente esclarecida” ou “mente privilegiada” deste ou daquele, como também à “visão mental” ou “clareza mental”, o que prova como evoluiu o conceito da palavra “mente” e o que ela significa, em sua mais ampla acepção, para a razão individual.

REAÇÃO DA NATUREZA HUMANA



Quando ocorrem casos raros, desses que as pessoas não estão acostumadas a presenciar, comumente são colocados na categoria de fenômenos. E aí param, em geral, até as digressões científicas. Não obstante, existem fatos que, por sua natureza e pela repetição de suas manifestações, deveriam constituir um chamado à reflexão, não só para a ciência, mas também para toda a humanidade.

De uns tempos para cá, e já com pronunciada frequência, vem-se produzindo, na bela metade do gênero humano, uma espécie de reação da maternidade. Assim, temos podido saber de mães que deram à luz três, quatro e até cinco crianças simultaneamente. Nunca, desde tempos remotos, se soube ter ocorrido um só caso de tão marcante anormalidade. Já era uma exceção o parto de gêmeos; de modo que o fato de vir sendo ultrapassado esse número nos nascimentos indica que se está produzindo uma mudança fundamental na história da sociedade humana.

Deixemos que a ciência, por sua parte, descubra as causas e explique a que obedece semelhante mudança na fecundação, sem que tenha existido, para isso, nenhum fator ou razão biológica que houvesse alterado o normal funcionamento do processo de gestação no ventre materno, e vejamos como é visto, com a penetração logosófica, este fato que não pode passar inadvertido, ante cuja repetição não é possível permanecermos sem concentrar agudamente o pensamento, para encontrar uma explicação que satisfaça às exigências de nosso juízo, e sem que nos vejamos diante destas indagações: O que deve significar tal fato para a consciência humana? Não estará sendo infringida uma lei natural que, ao reagir, nos mostra esses casos como sinais ou advertências para corrigirmos desvios injustificáveis?

Se, com serenidade de juízo, percorrermos o processo das últimas gerações, partindo da segunda década deste século, veremos que a família humana se foi desvinculando pouco a pouco de seus deveres, enquanto tomava o caminho da frivolidade; dia após dia, foi-se afastando das normas consagradas à conservação da espécie. A sentença “Crescei e multiplicai-vos” parece ter sido substituída por esta outra: “Cessai de ter filhos, reduzi-vos ao nada”.

O certo é que a natalidade vem diminuindo em escala cada vez mais alarmante, a tal ponto que evitar ter filhos já é costume adotado em cada matrimônio. Esta sistemática oposição à lei natural alterou o equilíbrio, sem dúvida, da substância humana, que por esse meio substitui as baixas na espécie numa constante compensação reguladora.

É, pois, como se a lei tendesse a corrigir o prejuízo ocasionado pela resistência imposta pela teimosia humana, fazendo com que as mães que cumprem sua missão, atualmente em número tão diminuto, tragam à vida várias crianças ao mesmo tempo. Conhecendo a inexorabilidade das leis, diríamos que há implicitamente nisso uma séria ameaça de que os seres humanos – caso não restabeleçam o primado de sua própria natureza e voltem a conquistar a posição que lhes foi conferida entre as espécies – possam degenerar pouco a pouco, assumindo características impróprias a seu gênero, como seria o fato de dar à luz muitos filhos de uma só vez.

Deve-se pensar que não é fechando os olhos do entendimento para uma realidade tão amarga que se afasta um problema que há de afetar a todos por igual. É a própria natureza que reage diante do agravo que a ausência de natalidade lhe inflige.

Pensamos que, no devido tempo, a ciência terá como justas estas considerações; mais ainda: esperamos que haverá de ratificar nosso conceito e dar voz de alarme à humanidade. De nossa parte, seguiremos pensando que essa reação da natureza está a indicar aos seres humanos seus erros capitais, apresentando-lhes a oportunidade de se redirem por meio da realidade de uma existência melhor e mais digna do que aquela que até aqui viveram. E se contemplarmos tudo quanto está acontecendo no mundo, não será difícil chegarmos à conclusão de que o fogo que está calcinando a tantos mortais produz, ao mesmo tempo, a depuração necessária para que surja, purificado, aquele a quem se chamou rei da Criação.

OS PROBLEMAS DA JUVENTUDE



Entre as etapas da vida humana corrente, existem duas que, por serem as formativas do caráter e preparatórias do espírito para a luta, merecem a mais acentuada preocupação por parte dos pais, dos professores que tenham como encargo a tarefa de educar, e das autoridades cuja função seja a de zelar pelo futuro das gerações jovens: a infância propriamente dita, que vai até os doze anos, e a juventude, que, partindo da adolescência, se interna na vida depois dos vinte e cinco anos, oportunidade em que esta haverá de exigir, como dever irrecusável, uma contribuição à sociedade humana em termos de cultura, capacidade e iniciativa.

É uma verdade inegável que a educação da infância e da juventude tem sido visivelmente descuidada em quase todos os povos do mundo, apesar de geralmente se pensar que, nas salas de aula das escolas, o aluno recebe educação suficiente e que, cumpridos os programas de estudo, ele terá completado sua preparação. A experiência já demonstrou que não é assim. As crianças precisam ser preservadas de todo elemento nocivo ou pernicioso para seu espírito: escutar conversações impróprias para sua idade, ou delas participar; companhias inadequadas; leituras inconvenientes; filmes não recomendáveis para sua incipiente reflexão, etc. Quanto à juventude, faz-se imprescindível uma preparação que lhe permita enfrentar com inteligência e valentia as contingências da vida; em poucas palavras, o que a alma do jovem requer são estímulos sadios e nobres, como também raciocínios férteis sobre sua conduta e as perspectivas que, de acordo com ela, haverão de se abrir para o seu futuro. Acima de tudo isso, porém, será mister orientá-lo sobre as experiências instrutivas das lutas diárias, sobre modos de conduzir-se e, principalmente, sobre a importância que seu próprio porvir tem para ele e para a sociedade.

Sabe-se que nem todos os jovens oferecem as condições requeridas para cumprir, mais tarde, altas funções em quaisquer das atividades em que, por sua inclinação natural e vocação, lhes tocasse atuar, e que nem todos serão chamados a assumir responsabilidades de vital importância em posições que requeiram a influência efetiva da capacidade pessoal, ou seja, uma competência superior; mas não haverá dúvida de que um treinamento adequado permitirá que sejam muitos mais os que se capacitem e se destaquem num amanhã, quando a pátria, e talvez a humanidade, deles necessitem.

Parece, e muitos são os motivos pelos quais isto já pôde ser confirmado, que em todos os povos do mundo os afãs da sociedade humana tenderam a formar profissionais da ciência, da política, do comércio, da indústria, etc., mas não a formar homens, homens a quem os próprios povos poderiam confiar seus altos destinos em todos os aspectos da vida política, social e cultural, com miras perduráveis de progresso e unidade moral.

A crise destes últimos anos, com a carência tão marcante de homens de Estado verdadeiramente capazes e consagrados pelo apoio popular, fez muitos países levar este assunto a sério, buscando encaminhar a vida nacional por rotas mais propícias aos reajustes que impliquem corrigir as deficiências, os erros e as atitudes inoportunas, cujos resultados foram tão prejudiciais para a paz social desses mesmos países.

O JUÍZO FINAL NÃO ESTÁ LONGE



É tão lento o avanço do entendimento humano em direção à realidade dos problemas que palpitam no seio do mundo – fatos notórios evidenciam isso –, que às vezes nos perguntamos se não estará chegando a hora do “juízo final” anunciado pelo pensamento bíblico, pois parece que é maior o número dos que perderam o juízo do que o dos que o conservam, e até mesmo estes devem fazer bons esforços para não extraviá-lo, em consequência de já não saber como se situar em meio a tantos desvios, tanta tergiversação de princípios e tanta necessidade de emendar a conduta que deve ser observada: por um lado a individual e, por outro, a coletiva, como povo. Certamente, esse “juízo final” se faz tão necessário para a conservação da espécie humana como imprescindível para que o homem recupere o juízo perfeito e se convença de que, para lhe ser possível viver em liberdade e em paz, é absolutamente exigível que deixe seu semelhante viver em liberdade e em paz. Resumindo, que ele pare de destruir a si mesmo ao destruir a vida de seu próximo, pois o horrível paradoxo que a humanidade está vivendo é este: o semelhante a quem se quis destruir está fazendo o mesmo com aquele que se propôs a destruí-lo primeiro.

Fizemos referência ao “juízo final”, porém não o entendemos com o significado de fim do mundo, mas sim com o da insensatez humana. A razão deve voltar a reinar na terra; a razão do existir natural como súdito de uma criação maravilhosa, ignominiosamente negada; a razão do amor e respeito mútuo e universal, tantas vezes maculado e ofendido; a razão dos direitos e dos deveres e, sobretudo, a razão da liberdade e da justiça, instituída desde que as nações se organizaram como tais, e que conceitos de civilização e progresso nasceram como necessidades imperiosas da conservação e melhoramento da raça humana, em sua condição superior no plano racional e social.

O “juízo final” haverá de ser, pois, o triunfo do juízo sobre a violência e a falta de razão. E, ao retornar os homens ao juízo e à sensatez, isso significará que o juízo é final, porque é o único que pode corrigir, em última instância, o desviado rumo que a humanidade tomou.

A PROPRIEDADE INTELECTUAL

Seu valor no mundo das ideias



Na vida mental, quando a inteligência desenvolve num contínuo esforço um vasto trabalho de ilustração, investigação e produção, deve-se distinguir o que é próprio, quer dizer, o que surge da própria produção, daquilo que pertence à produção alheia. É a melhor maneira de o ser não enganar a si mesmo, apropriando-se indevidamente do que não lhe pertence.

No campo da investigação – e quando por este caminho se vai atrás de altos propósitos –, os conhecimentos que se incorporam ao acervo interno devem permanecer sob custódia e ser defendidos como próprios, desde que, ao palpar a verdade que contêm, a pessoa se tenha identificado com eles. Neste caso, pode-se falar em nome de tais conhecimentos, porque foram confirmados pela própria investigação, ainda que a descoberta tenha sido alheia, pois o fato de serem investigados prova que já foram dados a conhecer por outros. Não obstante, a presença de um certo número de conhecimentos, na mente do investigador, promove um fluxo de reflexões que permite a extração de valiosos elementos para elaborar outros, auxiliares e vinculados àqueles, e então esse mesmo esforço constitui uma propriedade, sendo esta a que é reconhecida ao se avaliar o trabalho da inteligência, ou seja, suas produções.

Por justiça, a propriedade-mãe, isto é, a original, pertence ao espírito criador, ao que revela princípios, ensina verdades e descobre novas e fecundas ideações do pensamento. Páginas inéditas, cuja paternidade ninguém poderá negar, escreve o sábio que persegue, numa paciente e tenaz perseverança, o instante feliz em que sua razão há de iluminá-lo sobre o mistério que procura desvendar com tanto empenho.

No concerto das ideias, sempre são respeitadas as que acusam maior expressão hierárquica. As ideias dos gênios e das mentes esclarecidas tiveram um lugar privilegiado no conceito generalizado, e ninguém ousaria usurpá-las, pois elas tornam patente a própria genialidade dos seus autores.

Por outra parte, a produção da inteligência deve distinguir-se como tal por sua propriedade original. Em dois livros, cujo conteúdo seja igual ou similar, fácil será descobrir o plágio ou a usurpação. Um procederá de fonte legítima, quer dizer, do autor que leva em seu haver talvez numerosas obras publicadas, e cujo labor intelectual é sobejamente conhecido; o outro será a produção de um medíocre que, na melhor das hipóteses, pela primeira e única vez, ou no máximo duas, pôs um livro em circulação. Isso não obsta a que, mesmo entre autores de prestígio, possam existir coincidências de pensamento, mas neste caso sempre será bem visível o teor e a essência da ideia exposta.

Não é difícil, pois, estabelecer a propriedade intelectual, se for levada em conta a qualidade e a capacidade do autor que a reclama. A lei que ampara este direito acabou com o vampirismo intelectual, que, de qualquer ponto de vista, é impróprio da moral e honestidade das ações pensantes do gênero humano.

FÓRMULA PARA A ESTRATÉGIA ECONÔMICA INDIVIDUAL



Se fizermos uma revista na maior parte dos seres humanos e, pondo-os em fila, repentinamente os virarmos de cabeça para baixo, veremos que muito poucos tostões caem de seus bolsos. Entretanto, isto não quer dizer que eles nunca tenham possuído, uns mais, outros menos, uma certa quantidade de dinheiro, com a qual poderiam ter forjado o que comumente se chama de “um futuro tranquilo” no aspecto econômico. O que acontece é que geralmente se ignora como deve ser encarado o problema da estratégia econômica individual.

Supondo, por exemplo, que as notas de um peso representem soldados, procuraremos recrutar um pequeno batalhão e, para isso, buscaremos obter cinco soldados; teremos, assim, uma nota de 5 pesos. Como a aspiração não deve terminar aí, vamos nos esforçar para aumentar o número de soldados e, quando tivermos conseguido reunir 10, teremos já um tenente. Seguindo o processo de recrutamento dos soldados-peso, que, é claro, terão de ser ganhos honestamente, “com o suor da própria frente”, como se diz, chegaremos a converter o pequeno batalhão em vários, obtendo a nota de 50 pesos, que representará um capitão. Adiante, vigiando sempre para que os soldados não desertem de suas fileiras – coisa que deve ser cuidada com esmero, porque são muitos os que recrutam essa classe de servidores da economia individual, e, quando se vê, eles já foram para outro quartel –, chegaremos a uma nota de 100 pesos, ou seja, teremos um major; um major que equivalerá a 100 soldados. Se continuarmos alistando novos praças no exército em formação e não experimentarmos baixas em seu número, chegaremos à nota de 500 pesos, que virá a ser um coronel, e assim, progressivamente, até a de 1.000 pesos, que já será um general.

Ao chegar a este primeiro general – que é o mais custoso, pois quase se poderia dizer que muitos passam a vida sem conseguir ter em suas mãos uma patente tão cobiçada como esta cédula rosada –, tudo consistirá em saber conservá-lo e fazer que, com sua ajuda, se possa ir formando outra legião de soldados, para que haja mais generais em atividade. Quase sempre acontece, e é bom ressaltar este fato, que, tendo este militar de nosso exército econômico já assumido suas funções, o recrutamento dos soldados-peso será cada vez menos difícil.

Contudo, não devemos pensar que este assunto andar­á sempre às mil maravilhas. Cada inversão de capital significa mandar para a luta um exército de pesos que, muitas vezes, representa uma boa quantidade de generais, coronéis, etc. Se formos derrotados na batalha, ocorrerá que nosso exército vai ficar um tanto desorganizado, e o número dos soldados diminuído consideravelmente. Se, ao contrário, vencermos, a vantagem será representada pelo aumento do número de todos eles, de conformidade com a magnitude do triunfo.

Porém, o que diríamos ser a vitória não consistirá em saber ganhar as batalhas, mas sim em saber sobrepor-se às derrotas e preparar-se para novas operações naquelas frentes em que a inversão parece correr menos risco. Naturalmente, quem possui um exército com maior quantidade destes soldados-peso é respeitado e considerado pela força que reúne em si, sendo muito difícil que se possa vencê-lo numa batalha. Acontece, também, que às vezes se unem vários desses exércitos de pesos, ou seja, vários capitais, e formam uma empresa; nestes casos, as probabilidades de êxito, pode-se dizer, estão quase asseguradas. Com paciência, tempo, prudência, empenho e convicção, é possível chegar a ter um exército semelhante, com o qual se pode enfrentar qualquer classe de situações.

Como vemos, é questão de cada um aprender a técnica de recrutar os pesos que haverão de servir-lhe para estabilizar sua situação econômica, sem que para isso deva recorrer a ações extremadas, sempre perniciosas.

A experiência demonstra que esses soldados-peso deverão circular com inteligência para que se reproduzam, sendo essencial saber dirigir estrategicamente seus movimentos, a fim de que não os vejamos militando em outros campos de recrutamento. E, como convém extrair sempre algo útil de tudo, interessa recordar o que dissemos, ou

seja, quem sobrevive às derrotas que se podem sofrer nesse sentido é o que sabe triunfar nelas e, sem perder a coragem, se dispõe a recrutar novos e mais numerosos praças para os campos de ação de seu pequeno mundo econômico.

Esta estratégia, tão singelamente descrita, e que por isso mesmo parece fácil de realizar, é uma das tarefas mais difíceis que cabem à razão humana, visto que implica cobrir a vida material com a devida defesa econômica, para que a vida moral e espiritual possa desenvolver-se sem as travas que as situações precárias costumam criar para ela.

Fazemos referência a este aspecto por conceituá-lo o mais natural dentro da órbita das possibilidades humanas, cujos fins deverão de tender sempre à superação constante das virtudes e à eliminação dos defeitos e erros, coisa que não poderá ser feita se não se tomar como norte o que está além das preocupações correntes da vida material.

Não vamos considerar aqui aqueles que, na eventual posse de uma fortuna, dissipam insensatamente o que possuem, seja em negócios ou no jogo, caso em que se confia tão somente na sorte. Tampouco consideraremos os que, acumulando milhares e até milhões desses soldados-peso, os asfixiam dentro de uma caixa de ferro, ou pretendem, com eles, em emboscadas perigosas, pôr mão em altos rendimentos da usura, desvirtuando a nobre função que foi atribuída a esses servidores da economia individual e universal. Só diremos que o contrário sucede quando, ao se compreender em toda a sua amplitude o papel que esses soldados-peso devem desempenhar como agentes da independência econômica, são eles destinados, quando seu número excede ao necessário para o bem-estar e a felicidade individual, a obras construtivas de alta significação espiritual e social, fazendo com que esses agentes da vida econômica se constituam num elemento de concórdia na vida de relação, e não, como tem ocorrido até aqui, em promotores de discórdias.

COMO SE FORJA A GRANDEZA DOS POVOS



Sempre que se fala da pujança ou do engrandecimento de um país, isso se faz do ponto de vista de seu progresso material, do incremento de sua produção agrícola, pecuária ou industrial, das condições satisfatórias em que ali o trabalho é desenvolvido e, em resumo, de sua riqueza em geral. Contribuem também para formar esse juízo os fatores étnicos e geográficos. A tradição, a evolução histórica, a cultura e o desenvolvimento social e intelectual, ainda que corram em paralelo com o progresso material, são comumente valorizados em menor grau, talvez pelo próprio fato de que, em cada nação, as pessoas cultas e ilustradas sempre constituam uma minoria, enquanto o grosso da massa humana permanece estancado e absorvido pelo torpor da ignorância.

Entretanto, em todas as épocas são os sábios, os investigadores da ciência e todos os grandes homens que se destacam no campo da política, das artes, da poesia, os que dão relevo à posição hierárquica das nações, cobrindo-as de glória e de respeito. Não é possível pensar na história de um povo, grande ou pequeno, sem associar de imediato o nome dos que encarnaram o espírito desse povo nas altas funções de condutores do pensamento nativo. Mas quando os povos, com a modernização dos tempos, mergulham no mercantilismo, chegam a avaliar-se mais pelo que têm do que pelo que valem espiritual e intelectualmente. É como se a este último aspecto só a posteridade desse atenção.

A verdadeira grandeza de um povo se forja na vontade criadora do espírito nativo, nesse grande laboratório do pensamento, no qual os homens de estudo e de consciência trabalham sem descanso para oferecer, a serviço da pátria, e até da humanidade, o resultado de suas investigações ou de suas inspirações, as quais, amadurecidas em profundas combinações, resolvem seus problemas, mesmo aqueles que, de tempos em tempos, costumam deter o avanço dos povos nas distintas fases de seu processo evolutivo.

Essa elite humana, essa minoria estudiosa e capaz, é a que em todos os tempos beneficiou a humanidade, pois todos os grandes descobrimentos da ciência, todas as grandes diretrizes do pensamento, partiram sempre dessas mentes esclarecidas. Citar apenas algumas delas faria sentir de imediato a censura íntima por omitir as demais. Por isso, pensamos em quão digno seria infundir, nessa grande massa que forma a maioria, o máximo de respeito e amor por aqueles que consagraram suas vidas ao bem da humanidade ou, em menor grau, ao bem dos respectivos povos. É este um dever de gratidão que concerne a todos os habitantes da terra que, direta ou indiretamente, se beneficiaram e continuam se beneficiando com a luz das grandes inteligências. Este reconhecimento traria como consequência uma maior compreensão de todos os que fazem parte da grande comunidade de famílias humanas.

A QUEIXA E A LEI



A queixa constitui, em muitos casos, o fator da desgraça.

Com frequência se vê quão infundadas são as queixas que o ser humano manifesta, atribuindo sempre, desde as mais leves contrariedades até as mais intensas desditas, à injustiça. À injustiça que o liga àqueles que lhe querem mal; à injustiça de Deus, que no final das contas também lhe quer mal. Para o queixoso, todos são, portanto, seres injustos; ninguém vê nem percebe suas desventuras, razão pela qual ele se crê na obrigação de apregoá-las por toda a parte.

Como a maioria das queixas são infundadas – falamos das que o ser expressa para desafogar tudo o que lhe ocorre –, temos que tal atitude denota debilidade, impotência e falta de confiança em si mesmo.

Quem se queixa de sua sorte ou, digamos mais cabalmente, de sua situação, sem nada fazer para mudá-la – muitos creem fazê-lo ao buscar a ajuda alheia –, atrai para si o agravamento do mal, pois que, à medida que o tempo passa e a idade avança, as oportunidades são menores e as possibilidades diminuem, numa relação direta com a falta de impulso próprio para a realização de qualquer esforço tendente a melhorar a posição em que o ser se encontra.

Com frequência se observa como o ser perde uma amizade por duvidar dela injustamente. Isto ocorre, muitas vezes, porque se confunde, de forma lamentável, amizade com propriedade. E porventura já não se viu como muitos, em nome de uma amizade, pretendem fiscalizar a vida alheia, ao extremo de exigir que sejam informados de tudo o que os outros fazem ou deixam de fazer? É, ao que parece, como se quisessem apropriar-se do direito que cada um tem de usar livremente, e como melhor lhe agrada, sua vida e sua vontade.

A reação não se faz esperar, e temos, como no caso anterior, a lei inflexível castigando o infrator. A amizade se perde, pois em vez de cultivá-la, cuidando de não afetá-la com exigências ou exageros fora de propósito, o que se fez foi abusar dela. E eis-nos então com a queixa que, como desabafo comum, surge em quem, crendo-se com direitos de propriedade sobre a vida do amigo, se sente defraudado quando este não aceita tão errônea interpretação.

A obstinação costuma trazer desventuras, uma vez que, ao não atuar a reflexão, o ser fica à mercê de uma realidade que lhe é adversa.

A queixa surge com o fracasso; muito mais ainda quando se atribui aos demais a culpa dos próprios equívocos.

A lei é rígida, e sua sanção, justa. De nada servirá lançar culpas em todas as direções, pois quem sofrerá as consequências será aquele que anda mal com seus pensamentos e comete as inconveniências.

Os que se queixam daqueles que os servem, por exemplo, menos serão servidos, já que estes farão com que seja verdade aquilo que foi dito em depreciação de seus serviços, imaginária ou intencionalmente, pelos reclamantes. Ao contrário disso, uma palavra de estímulo aumenta a boa vontade e a dedicação dos servidores.

Será necessário convencer-se de que o queixoso é, por si, pessimista, desconfiado e defensor de ideias ridículas, tanto que chega a ser insuportável para todos os que tratam com ele.

Se tivesse de ser tirada alguma sentença moral do que foi dito, seria, a nosso juízo, a seguinte:

A queixa não conduz a nada que não seja o fazer mais triste a existência.

ESPÍRITO CONSTRUTIVO DO ENSINAMENTO LOGOSÓFICO



Sobre a função do espírito

Quando a Logosofia menciona a palavra “espírito”, é para significar o que se move, agita e vive dentro de cada ser humano. O espírito é, na verdade, o que constitui a alma e a essência do ser, porque por ele a vida adquire a expressão que condiciona o homem como criatura inteligente e permite o contato de sua mente com as vibrações sensíveis e até as ultrasensíveis do universo animado.

O espírito é o que faz as vezes de ponte entre todos os seres humanos, sem exceção, propiciando o estabelecimento das relações entre os semelhantes e permitindo, também, que estes colaborem conscientemente na obra comum da humanidade.

Se o espírito não animasse as criaturas humanas, não poderiam elas conhecer-se mutuamente, nem tampouco se amarem e respeitarem. É própria da espécie inferior ao homem a incapacidade para cumprir tal função.

Assim sendo, o que o investigador logosófico vem a conhecer é sua verdadeira posição ante si mesmo e, numa ordem de preferência, ante os demais semelhantes.

Sobre os problemas

Aqueles que chegam a esta fonte de sabedoria têm, uns mais, outros menos, seus problemas. Estes, mesmo que ao se manifestar pareçam análogos, não podem ser resolvidos da mesma maneira por todos os seres humanos. Não é possível aplicar idênticas fórmulas ou procedimentos, ainda que os casos sejam similares, pois

sempre existem fatores de caráter pessoal que incidem nas questões apresentadas. Por outro lado, uma pessoa com capacidade e experiência encontra solução mais rápida e feliz para os problemas que lhe possam ser criados, do que outra de curtos alcances mentais e pobre de experiência.

Comumente, os problemas obedecem a causas que é necessário investigar, e, uma vez conhecidas essas causas, será preciso dirigir-se diretamente a elas, ou seja, à raiz do pensamento que promove o inconveniente ou a situação difícil, e resolvê-la, encarando-a de acordo com os fundamentos e as características que apresente. Mas sempre se há de ter em conta que, ao abordar estas questões, o tempo não deve pressionar, pois é isto o que impede, geralmente, remover as dificuldades. Quem necessite honrar uma obrigação bancária, por exemplo, não haverá de esperar o último momento para saldá-la, se não quiser enfrentar transe amargos.

Uma das formas mais aconselhadas para evitar o súbito aparecimento de problemas é a de fazer com que os movimentos da própria vontade se harmonizem com os objetivos primordiais da vida. E isto se consegue quando são tidos em conta os ensinamentos recolhidos por meio de tudo o que está plasmado na imensidão do espaço e do tempo.

A Criação é o produto de um grande processo universal; a Natureza, a manifestação constante de uma série de processos em número incontável, que se realizam sincronizados rigorosamente pela Lei de Evolução. Os seres humanos constituem, por sua vez, um desses processos da Criação chamados naturais: o processo da própria vida, que se realiza sob o signo da evolução. Isto é o que a Logosofia designou com o nome de processo-mãe⁽¹⁾, e por ser o que abarca a totalidade da vida. Só quando o ser humano se dá conta da existência de tal processo, e de que este se vai realizando dentro dele mesmo, é que experimenta as mais felizes emoções e, com o ânimo já apaziguado pelo afastamento dos mil conflitos que lhe atormentavam a vida, afirma em seu interior as mais fecundas convicções.

⁽¹⁾ "Logosofia", Nº 24, págs. 4 y 5; "Aquarius" 1938, 1-3, pág. 14.

Necessidade de uma capacitação progressiva

Temos de reconhecer, por ser óbvio, que existe uma grande maioria de pessoas que não estão suficientemente capacitadas para enfrentar as contingências da vida com a devida serenidade, inteireza e reflexão. Daí que muitas sucumbam diante das primeiras dificuldades ou de obstáculos posteriores, correntemente considerados superiores às próprias forças.

Na realidade, não é de forças que o ser carece, mas da capacidade necessária para utilizar essas forças como veículo do triunfo nas lutas que se lhe apresentem para provar sua resistência.

A Logosofia, ao advertir sobre este ponto, que tanta transcendência assume na vida, põe de manifesto a necessidade que existe de cada um criar as próprias defesas, o que seria, em outras palavras, criar condições que o habilitem para assegurar o próprio domínio e alcançar a capacidade indispensável para livrar-se, com êxito, de todas as eventualidades que pudessem ocorrer, com risco de perturbar a tranquilidade ou, dizendo melhor, a paz interna.

A confiança e a segurança em si mesmo

Uma das razões pelas quais a Logosofia insiste reiteradamente sobre a importância de distinguir e conhecer com clareza tudo quanto concerne às atividades do mundo mental e da própria mente, consiste no fato de que o homem pode alcançar, por esse meio, a segurança mais firme a respeito do que comumente constitui sua vontade ou seus propósitos, visto que, ao se diferenciar na amplidão do conceito aquilo que em realidade é produto da própria inteligência, daquilo que aflui sem prévia discriminação à mente e atua dentro dela, estabelece-se, por natural consequência, o ato seletivo.

O desconhecimento dessa verdade é causa de desorientação e de um sem-número de incompreensões. Tem-se visto, por exemplo, a muitos decidir-se a empreender uma obra, grande ou pequena, e mais tarde abandoná-la pela metade, amiúde para empreender outra, ou outras, que também ficam truncadas, sem que exista uma explicação que justifique essa mudança de conduta, adotada, precisamente, para modificar as próprias decisões.

Pois bem, isso obedece, na maioria dos casos, à insegurança dos pensamentos alojados na mente; e se há tal insegurança, logicamente é porque eles não são fruto da concepção própria. Pensamentos de toda índole desempenham ali um papel preponderante, sendo muitos deles, às vezes, alheios aos motivos de preocupação em que o ser se acha absorvido.

Ao contrário disso, quando se empreende uma obra e ela é levada a bom termo, é porque as reflexões foram bem amadurecidas antecipadamente, e a inteligência favoreceu o projeto graças à esmerada elaboração do plano a ser realizado. Em tais circunstâncias, o ser pode ter confiança e segurança nas diretrizes próprias, e dificilmente acontecerá que deva abandonar o trabalho começado, desde que antes de iniciá-lo tenha tomado, repetimos, todas as medidas que possam contribuir para assegurar o êxito na empresa.

Muitas vezes, um simples desejo mental, promovido por um ou outro pensamento, leva o homem a realizar coisas que, por não haver sido devidamente pensadas, fracassam quase em seu início.

O pensamento executor de uma obra deve ter, necessariamente, raízes na consciência, pois é dela que o ser haverá de se valer toda vez que se sentir debilitado.

O ensinamento logosófico, ao assinalar estes casos que tanto se repetem na vida comum, é categórico por força de sua verdade, tendo-se em conta que antes eles não foram explicados com a clareza devida, indicando ao mesmo tempo como deve o discernimento atuar na consumação do propósito.

Diante do que ficou dito, temos de admitir que os mais capacitados são os que triunfam, levando seus projetos a uma feliz culminação. A capacidade compreensiva é, pois, imprescindível em todos os atos do pensamento, e é para ela que a vontade deve sempre apelar, a fim de não se debilitar em plena ação.

Como se pode observar, a palavra logosófica é precisa, não contém nenhuma letra a mais; ela expressa, sinteticamente, ensinamentos que se referem a conhecimentos.

PROPENSÃO AO ABUSO

Assinalar as causas determinantes dos males que o homem padece é um dever indeclinável de humanidade.



É uma verdade inegável, e um fato comprovado com suma frequência, que a maioria dos seres humanos ignora as razões de cada um dos múltiplos padecimentos e contrariedades que sofre no curso de seus dias, isto é, o porquê de tantas inquietações, angústias e desgostos. É que, à exceção de uns poucos, ninguém se preocupa em encontrar a verdadeira causa de seus males, numa sincera investigação da conduta própria e alheia.

Não se deve esquecer que os pensamentos, as palavras e as ações humanas dão lugar a uma série quase ininterrupta de modificações da situação pessoal, dentro e fora da própria vida. Essas modificações passam despercebidas, na maioria das vezes, para a observação particular de cada ser, e é assim que depois se produzem as colisões entre os pensamentos de uns e de outros, colisões que, se não se consegue evitar, promovem conflitos que perturbam e agitam os espíritos.

É o caso, por exemplo, da propensão ao abuso, a qual, como a Logosofia assinala é uma das causas determinantes de tais colisões e conflitos. As concessões que um ser faz a outro, com frequência se produzem – e isto costuma acontecer também entre povos e nações – em atenção a um impulso de generosidade, compaixão ou simples cortesia, porém nem sempre elas se interrompem com o desaparecimento da causa que as motivou nem no fato de serem outorgadas ao favorecido, pois é comum que, mesmo assim, sigam sendo feitos repetidos pedidos do mesmo benefício.

Na vida diária de relação, observa-se uma infinidade de casos que confirmam essa realidade, à margem da qual todos, inconscientemente, parecem colocar-se. O ser que possui cultura é de per si cortês e obsequioso, levando muitas vezes esse temperamento ao extremo de não olhar ou medir a dimensão de seus oferecimentos, as circunstâncias em que estes ocorrem e aqueles a quem são dirigidos. Oferece sua casa a pessoas de sua amizade ou relacionamento, manifestando com isso um gesto afável, muito comum no mundo social. Às vezes, esse gesto se particulariza num convite especial, por meio do qual se concede ao amigo a oportunidade de se tornar, por uns dias, um hóspede da família, o que não significa, por certo, que seja necessário depois ter de convidá-lo a se retirar, tal como acontece no caso dos que criam o hábito de almoçar ou jantar na casa dos amigos, pelo simples fato de ter sido convidados alguma vez. Se se pensasse no fato de que os convites não criam direitos, obter-se-ia por conclusão a seguinte compreensão: aceitar um convite obriga a retribuir de igual forma a atenção de quem convida; não sendo isto possível, que pelo menos não se abuse dessa atenção.

Por outra parte, há oferecimentos que são feitos em determinadas circunstâncias; entende-se, pois, que, cessadas as causas que os motivaram, devem cessar também as razões pelas quais os ditos oferecimentos foram aceitos. Quem, por exemplo, passando por uma fase econômica difícil, aceita a ajuda de alguém que compreende sua situação, não deverá continuar exigindo essa ajuda depois que a situação mudar e lhe permitir bastar a si mesmo.

O abuso se multiplica numa diversidade de aspectos e aparece por todas as partes. Quase poderíamos dizer que é a consequência do trato contínuo entre semelhantes, mas isso carece de exatidão, pois o recato é uma condição natural de todos os seres e, mesmo quando nem todos mostrem isso, ele sempre impedirá, enquanto possa se manifestar, tudo o que signifique um menoscabo para o decoro natural.

O abuso de confiança é o resultado do erro cometido por aquele que é induzido por certos pensamentos a tirar proveito das circunstâncias que lhe foram oferecidas com o propósito de fortalecer sua posição ou aquilatar sua honestidade. Tal aproveitamento se faz por alucinação ou sob o império de vis sugestões. Quantos perderam tudo, inclusive a

honra, a dignidade e até a liberdade, por haver abusado da amizade e da confiança de seus semelhantes.

Também existe o abuso por equívoco de conceito; é o caso daquele que, depois de ajudado, pretende envolver seu benfeitor numa obrigação, recorrendo insistentemente a ele para que atenda a suas necessidades e resolva seus problemas.

O abuso é causa dos maiores males que a humanidade sempre sofreu, pois é um excesso que destrói toda harmonia, produz desequilíbrios e, finalmente, esgota a paciência daqueles que são suas vítimas, o que termina com a tolerância, provocando as reações que põem as coisas no seu devido lugar. Não é outra coisa o que está acontecendo no mundo e o que vemos por todas as partes; daí que se promovam tantas gestões e se ditem tantas leis, tendentes a neutralizar e diminuir o abuso em todas as suas possíveis manifestações.

É preciso que sobre este ponto, o da propensão ao abuso, sejam ministradas aulas permanentes em todos os estabelecimentos de ensino, inclusive nas universidades; deste modo, ambientes melhores serão preparados para o futuro da humanidade.

ORIENTAÇÃO PARA O CONHECIMENTO LOGOSÓFICO



Há seres cuja voracidade especulativa mental é tão extraordinária que, se fossem encaminhados pela senda do saber e chegassem a ser postos em presença do próprio Deus e diante das maravilhas mais estupendas da Sabedoria, pediriam de imediato para ver, ouvir e tocar outro deus e conhecer outras fontes, ainda que para isso fosse necessário arrancá-las da própria inexistência. Vemos neles uma semelhança com os que comem e comem sem digerir os alimentos, mostrando uma magreza alarmante. Os mais valiosos ensinamentos passam pelas mentes dessa classe de seres resvalando e evaporando-se, como faz a água ao cair sobre uma superfície de ferro quente.

A consciência não pode reclamar mais do que é capaz de conter. A necessidade de conhecimento deve estar associada aos espaços que a consciência prepara para recebê-lo e fazê-lo servir ao empenho de capacitação e superação que se leve a efeito. De outro modo, os conhecimentos postos ao alcance das possibilidades, em vez de serem conseguidos com a necessária eficiência e utilizados nas funções próprias da investigação, adaptação e fecundação de estímulos, que facilitem a posse de outros e façam sempre mais grato o trabalho a realizar, desvanecem-se ao contato com a crueza do tratamento que recebem e do pouco valor que se lhes dá, já que nada parecem representar para os favorecidos.

O processo de evolução consciente, tal como a Logosofia ensina, significa nada menos que realizar a totalidade dos valores humanos, ou seja, o aperfeiçoamento levado a cabo mediante o conhecimento progressivo de altas verdades, por meio das quais é forjada a grandeza espiritual do próprio ser. O desenvolvimento ininterrupto deste processo predispõe à eclosão de belas manifestações, que depois se condensam em qualidades propícias à nova individualidade – equivalente a potência –, ao se reunirem os estímulos da observação sadia com os da experiência própria, e

ao encarnar no ser os conhecimentos que ele vai conseguindo mercê de um labor tenaz e inteligentemente dirigido. Ao contrário disso, obstinar-se na pretensão de se situar numa posição de privilégio, com o objetivo de fugir às exigências lógicas do processo em questão, é atentar contra a boa-fé de sua natureza racional e engolfar-se em atitudes irracionais e injustas.

Quando o ser se propõe com firmeza a encaminhar sua vida fora da perspectiva corrente, busca o contato com as forças superiores da inteligência, ou seja, com os conhecimentos de elevada hierarquia, e não com a especulação intelectual que a nada conduz, ou ainda melhor: que somente conduz a um vazio comparável àquela sede que o homem não consegue nunca satisfazer, quando já perdeu o gosto da água, visto que as virtudes desta desaparecem calcinadas pela saliva amarga do paladar alterado.



A vida exige a vida, e, como ela requer plenitude, tudo o que restrinja sua livre expressão e expansão, ou que a limite, privando-a de seu natural desenvolvimento, será uma negação, um contrassenso e uma aberração.

Essa plenitude é matizada com as múltiplas experiências que se sucedem diariamente, as quais, é lógico admitir, não podem ser produzidas para ilustração de um só, mas sim para serem aproveitadas, mediante a compreensão própria, pelos que a ela se vincularem ou dela forem simples testemunhas, fazendo assim com que todos, em conjunto, adquiram maior conhecimento com o estudo e a observação do acontecido.

O aproveitamento das experiências pela compreensão própria surge do domínio que o ser tenha do mecanismo de sua inteligência, do conhecimento de como se movem seus recursos diretivos e discernidores, de como é sua atuação e de como absorve a essência do que quer conhecer.

Para que a vida cumpra seus altos objetivos, será necessário criar internamente estados de ânimo que influam de forma decisiva no futuro dela, a fim de evitar as alterações internas tão frequentes sob a influência de estados transitórios, contrários às boas disposições do ser.

Conseguir a fixação de um estado superior de evolução significa achar-se em condições de apresentar uma frente de combate decidida e tenaz ante tudo o que pretenda atentar contra a firmeza das próprias resoluções; é vencer as características rebeldes a toda modificação e aperfeiçoamento, forjando um temperamento dócil à condução de si mesmo, que sirva à sua missão essencial, que é alcançar a plenitude pela evolução consciente, constituindo-se num ser humano digno da estirpe superior à qual pertence.



Todos os grandes seres que existiram no mundo atuaram de forma impessoal, guiados ora pelo amor à pátria, ora pelo amor à humanidade. Os que em suas obras buscaram a lisonja pessoal e conseguiram alcançar posições destacadas, logo puseram de manifesto seus pensamentos mesquinhos e, ao baixar de seus altos postos, não tardou muito para que seus nomes se apagassem da memória de todos, sendo recordados tão somente para apontar suas extraviadas condutas.

Atuando de forma impessoal, a vida se amplia. O esforço do semelhante e seus triunfos são sentidos e celebrados como próprios, e os próprios, por sua vez, são considerados de todos.

Não deve inquietar, pois, a quem queira ampliar os horizontes de sua vida, se aquele é mais ou menos do que ele, se faz mais ou faz menos; mas deve inquietá-lo, isto sim, o fato de saber que é incapaz de fazer o que quer que seja, e o de não ser consciente da própria inferioridade diante dos demais. Com tais reflexões, podem ser rompidos os limites que estreitam a compreensão humana.

Os homens não foram criados para viver em currais, cercados por limitação alguma. A terra é vasta; o mundo, grande; a obra que a humanidade deve realizar, imensa. Convém, em consequência disso, buscar sempre o ambiente propício, diáfano, puro, amplo, em vez de cair nos pântanos do vício, na turbulência ou no fastio.



O conhecimento logosófico é adquirido por meio do estudo e da experimentação reiterada dos elementos que constituem sua base. Isto

é uma verdade, mas também não é menos certo que, mesmo sem um estudo intensivo, o simples fato de escutar com frequência, a palavra logosófica produz no ser efeitos benéficos, tonificando-o e saturando-o de força e bem-estar.

Neste caso, ela atua como os raios solares, os quais, tomados com frequência, douram a pele e produzem efeitos saudáveis no organismo; entretanto, seu efeito não passa disso. Já no caso de a investigação ser levada até o estudo das energias solares, veremos que seus raios ultravioleta, aplicados de forma metódica e de acordo com a prescrição científica, podem curar às vezes as mais rebeldes enfermidades.

NA MENTE HUMANA ESTÁ A CHAVE QUE HAVERÁ DE EMANCIPAR O MUNDO DE SUA ATUAL DECADÊNCIA

Por RAUMSOL

Publicado no jornal “El País” de Montevideú,
no dia 5 de dezembro de 1944.



Quando enfocamos temas de capital importância, nos quais o homem, o mundo e a própria humanidade são as principais figuras que se movem no cenário que nos incita à crítica, sempre é necessário levar muito em conta detalhes os mais insignificantes, por conterem, muitas vezes, indícios eloquentes de causas que se ocultam entre as dobras de mil circunstâncias que, na forma de um espesso emaranhado, impedem o acesso a elas.

Tem-se visto, por exemplo, que, durante o período da aparente paz vivida desde o término da guerra mundial de 1914 até a deflagração da atual, foram surgindo problemas que, embora a princípio não tenham chamado maior atenção, ao crescer em dimensão se transformaram em grandes problemas, que preocuparam seriamente o juízo de todos, tais como o desemprego, o isolamento, a indiferença internacional e as rivalidades cada vez mais acentuadas a propósito das zonas de influência política e comercial. Todas essas questões, ao não serem solucionadas no devido tempo, foram cada vez mais perturbando a ordem, a harmonia e a estabilidade social e econômica dos povos. Daí que tais questões, ao chegar ao máximo de volume tolerável, tenham dado motivo à consideração da guerra como único meio para solucioná-las. O lamentável é que, nessa destruição que a guerra traz consigo, contemplada na hora atual e em todas as épocas, devam perecer milhões de seres humanos e destruírem-se tantas cidades e tantos esforços que foram orgulho da humanidade.

Será necessário, pois, encarar os problemas que irão surgindo neste pós-guerra, tendo muito presente a experiência passada e buscando novas fórmulas para sua eficaz solução.

Na mente humana, e não em outra parte, deverão ser encontradas as chaves que permitam chegar a elevadas e satisfatórias soluções, já que na mente humana se gesta tudo o que convém à vida e ao progresso da humanidade. E, sendo assim, nada poderá ser mais auspicioso, pelos imponderáveis resultados que permitirá obter, do que propiciar e estimular em todas as suas formas a livre iniciativa, ou seja, a livre expressão do pensamento individual orientado para esse futuro que todos, sem exceção, anelam seja melhor e mais feliz.

A preocupação de cada um em tal sentido deverá constituir um dever aceito espontaneamente por todos; mais ainda, essa aspiração particular de contribuir para a edificação de um mundo melhor terá de converter-se num verdadeiro culto à humanidade, culto que, a um só tempo, se transformará em compreensão dos problemas e necessidades mútuas, em todas as ordens da vida. Porém, para evitar que esse concurso, que poderia ser oferecido por tantos seres capazes, tantas inteligências cultivadas, seja desaproveitado – já que esse esforço se perde numa grande porcentagem, por não chegar oportunamente ao conhecimento dos homens que têm em suas mãos a responsabilidade de estabelecer as novas normas e a ordem que imperará ao terminar a atual contenda –, será de suma conveniência e importância que se levem em conta as sugestões que assinalamos, a fim de poder encontrar a maneira de utilizar a contribuição de cada ser, permitindo-lhe, por alguma via segura, fazer chegar a quem corresponda suas ideias e iniciativas, expressadas com a maior clareza e com manifesta confiança na bondade delas.

De qualquer forma, tudo o que se faça para que as mentes de todos tenham uma atividade constante haverá de contribuir, em muito, para a manutenção de uma paz estável; e, a este respeito, pensamos que é muito o que se pode fazer em benefício do gênero humano. Por exemplo, essa atividade mental a que aludimos poderia ser grandemente favorecida, e com resultados muito felizes, se a futura Sociedade das Nações, que está para ser instituída, adotasse como norma, para assegurar o êxito de suas altas gestões, a realização de pesquisas mundiais de

opinião pública sobre cada problema que, por sua natureza, ela julgasse conveniente ter em conta. Classificados os problemas por natureza e importância, poderiam eles ser conhecidos mundialmente por transmissões radiotelefônicas e publicações na imprensa em geral. Em seguida à sua exposição viria a consulta, cuja resposta todos poderiam fazer chegar ao seio dessa alta instituição mundial, na forma e pelos meios que fossem estabelecidos.

Pensamos, e isso está muito vivo em nós ao sugerirmos esta iniciativa, que, se para enfrentar uma guerra tantos milhões de homens jovens se incorporam nos exércitos que vão lutar, e ainda se lança mão do concurso de quantos ofereçam seus serviços, para enfrentar o pós-guerra, cuja transcendência é maior, deverá ser aceita a colaboração de todos, já que também a tarefa do futuro requer grandes e continuados esforços. Isso será, outrossim, um exemplo de verdadeira democracia, que todos os Estados do mundo poderiam levar em consideração. Por outro lado, não deixa de constituir uma novidade, que promoverá, em todos os seres humanos e em todos os sentidos, o reconhecimento de uma efetiva confiança no porvir do mundo.

E quem poderia duvidar da atividade mental e do entusiasmo que isso suscitaria, bem assim de seus efeitos eminentemente construtivos e benéficos para o ânimo e o sentir da humanidade? Tampouco seria possível duvidar da expectativa que em todas as partes existiria de conhecer, em sua devida oportunidade, o resultado da pesquisa que fosse feita para cada assunto ou problema. E isto, naturalmente, evitaria ao mesmo tempo que muitos espíritos, hoje atribulados e sujeitos a infinitas flutuações, fossem instrumentos de pensamentos ou ideias de outra espécie e natureza, que, em geral, acabam aumentando o volume das preocupações, o que será devidamente evitado ao se adotar o sistema da pesquisa de opinião, além de ficar consideravelmente diminuído.

E, para sublinhar tudo quanto expusemos a respeito deste assunto, adicionaremos que nada pode ser mais digno e enaltecedor para a família humana que o concurso desinteressado e leal de cada um dos membros que a integram.

Os que leiam isto e depois sigam com atenção a marcha das deliberações e alternativas que se promoverão ali, na nova Sociedade das

Nações, poderão julgar o valor e a oportunidade de nossas sugestões, interpretando-as, naturalmente, como expressão pura e sincera de nosso empenho em oferecer o concurso de nossas ideias e iniciativas.

UMA DEFICIÊNCIA SENSÍVEL DA MENTE HUMANA



Existe em quase todos os seres humanos, mais acentuada em uns do que em outros, uma deficiência do mecanismo mental que costuma ser causa de muitos sofrimentos, ao interromper e dificultar o desenvolvimento normal da vida. Essa deficiência é o esquecimento.

Para a Logosofia, o esquecimento é uma espécie de morte daquilo que antes teve vida no cenário das recordações. Enquanto todo instante passado estiver presente na mente, a existência mantém-se conectada a tudo o que pertence ao mundo de seus pensamentos e afetos.

Quantas vezes o esquecimento obriga a reeditar fatos e experiências à custa de novos esforços e preocupações! Em toda aprendizagem, seja da índole que for, ele constitui a dificuldade maior com que tropeça aquele que aprende.

Quanto ao esquecimento do bem recebido, isto leva o ser à ingratidão e, naturalmente, costuma fechar-lhe muitas portas, que ele não vai encontrar abertas quando, recorrendo à recordação, voltar a bater nelas.

O esquecimento também diminui a autoridade das pessoas e chega até a desconceituá-las perante seus semelhantes; é o caso dos que esquecem suas promessas ou, simplesmente, suas palavras, sendo que estas foram pronunciadas em determinadas circunstâncias para inspirar confiança e fazer com que merecessem todo o crédito possível. O esquecimento, nestes casos, costuma extraviar os seres numa série de confusões, pois que, não tendo o bom cuidado de guardar com fidelidade o exposto ou feito em tal ou qual ocasião, expõem-se ao perigo de parecer falsear os fatos ou as palavras, o que quase sempre dá lugar a que toda atuação posterior seja vista pelos demais com prevenção, ao ser considerada como falta de veracidade.

Os esquecidos costumam matar o tempo. Também se poderia dizer que matam parte da vida, porque os trechos que percorrem e que, por esquecê-los, devem voltar a percorrer, são passagens da vida que eles repetem sem nenhuma utilidade, e, sendo assim, é lógico que o tempo utilizado em repeti-los seja vida que perdem e tempo que dificilmente recuperam.

Definitivamente, o esquecimento é um eclipse temporário da consciência, que pode se tornar permanente e, em tal caso, ter reflexos sobre a vida de hoje e de amanhã.

CARACTERÍSTICAS NEGATIVAS DO SER

O egoísmo



A vida e o mundo são dois livros dos quais o homem pode sorver todos os conhecimentos de que necessita para conduzir seu ser pela senda que lhe oferece mais garantias na realização de seu aperfeiçoamento. O lamentável é que muito poucos são os que aprendem a ler nesses livros, cujos ensinamentos instrutivos tampouco são sempre compreendidos ou interpretados como deviam. Isto é causa de que muitos experimentem – a história já tem uma grande quantidade de antecedentes registrados – contrariedades de toda espécie e sofram, ao que parece, injustamente, por faltas que creem não haver cometido, acabando mergulhados, em consequência disso, numa aflitiva desorientação. É que custa perceber o próprio erro, talvez numa compensação ao fácil que é perceber o alheio.

Que movimento mental, que posição equivocada induz o ser humano a incorrer em faltas que, por não ser evitadas, lhe ocasionam tanto dano?

Sem dúvida alguma, o egoísmo é a origem de muitas das agitações que, como consequência, o espírito experimenta; o egoísmo, que se manifesta de maneiras muito distintas, algumas vezes até se revestindo de probidade e de justificado amor-próprio – justificado em aparência –, e outras vezes se oferecendo como argumento à própria razão, para não deixar ouvir a consciência nem auscultar o palpitar do coração.

O egoísmo, ao pretender limitar as demais pessoas, limita tão somente o ser em quem se encarna, que quer exclusivamente para si aquilo que não gosta que outros possuam. Por exemplo, quantas vezes já se tentou fazer do bem, que é universal, algo particular, visando a criar um direito próprio, quando só deve existir um dever: o dever

de gratidão, que enaltece os espíritos fazendo-os abnegados, probos e equânimes. O altruísmo, cujo melhor expoente é a generosidade, faz o contrário, ao tornar a vida ampla e o ser humano compreensivo e feliz, alguém que já não quer para si isto ou aquilo com fins egoístas, pois só anela o bem pelo próprio bem, como uma graça de Deus que ele eternamente bendiz, e alguém que, mesmo sem compreender, intui que o bem não pode ser exclusivamente para ele, e busca fazer seu próximo participar daquilo que possui, oferecendo-lhe, se não o bem em si, pelo menos a compreensão do que dele se extrai para a própria felicidade.

IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO TRANSCENDENTE



Grande parte dos seres humanos, desde seus primeiros dias até sua mocidade, é educada e instruída seguindo sempre programas de ensino prefixados, sobre a base de estudos padronizados que moldam suas mentes e com os quais cada um, mais tarde, chega a se formar na profissão escolhida. Todos devem saber, ao deixar as universidades, as mesmas coisas e ter mais ou menos uma análoga apreciação sobre as questões que estudaram.

Porém, embora saiam delas com os conhecimentos que os habilitam para as funções de médico, advogado, engenheiro, etc., fazem-no sem a preparação de que necessitam para enfrentar a vida na grande variedade de suas situações. Já nos primeiros encontros com tais situações, eles se dão conta da real escassez de seus recursos para evitar as dificuldades.

O primeiro recurso é o de recorrer ao conselho dos demais, apesar de muito poucas vezes aproveitá-lo. Entretanto, nem sempre isso constitui um recurso eficaz, já que dessa forma se perde a oportunidade de criar a própria capacidade e utilizar os meios que esta mesma capacidade põe ao alcance da mão. Se o conselho proviesse invariavelmente da experiência ou do mais capacitado, não deixaria de ser um auxílio de inestimável valor para quem o solicita; porém, frequentemente se vê que não acontece assim, e é nesses casos que se dá a desmoralização daquele que buscou ajuda no saber alheio.

O conhecimento transcendente tem por finalidade instruir o ser humano acerca de tudo aquilo que ultrapassa a rotina do pensamento vulgar. Mais ainda: tende a fortalecer o espírito e prepará-lo para todas as contingências da vida. Daí sua importância.

O que não se adverte com o estudo corrente, descobre-se por meio do conhecimento transcendente. E é por isso que este amplia a vida, permitindo que o ser sobreviva ali onde a vida comum sucumbe por carência de recursos. Quem o cultive poderá, pois, ter uma visão ampla das coisas que o rodeiam e, ainda, penetrar naquilo que, aparentemente distante, lhe diz respeito diretamente.

Vejamos, nos parágrafos que seguem, alguns aspectos desse conhecimento cujas virtudes enaltecemos.

O erro mais grave que se comete, e com suma frequência, é o de considerar a vida segundo suas situações, e não como a soma de todos os valores e significados que ela encerra. Assim, por exemplo, na vida dos seres as circunstâncias fáceis se alternam com as difíceis, as plácidas com as tristes, mas nenhuma delas constitui a vida mesma, a que se vive em suas múltiplas variações e aspectos, a que se realiza apesar de todos os contrastes, contratempos e lutas da vida diária.

Se consideramos que a árvore nasce e morre no mesmo lugar, que o animal é guiado pelo homem, e que a este são os pensamentos que guiam, veremos quanta necessidade há de que a razão individual guie os pensamentos da própria mente, na busca de um destino mais acorde com as prerrogativas de sua inteligência.

Cada um tem um espaço no qual sua vida se desenvolve. Se este é estreito, a vida vegetará e se esterilizará, já que não haverá folga para os movimentos de seu ser, e toda a atividade será precária. Ampliar esse espaço deve ser, pois, um imperativo da consciência, mas ampliá-lo sem privar os demais dos espaços a que têm direito. Para que isto aconteça, deverá ser ampliado o espaço dentro da própria mente, a fim de que a estreiteza mental não comprima nem anule a razão.

Quando o homem consegue compreender que pode ser instrumento de pensamentos estranhos a seus sentimentos, trata por todos os meios a seu alcance de evitar que isso aconteça. E o evita exercendo um domínio sobre aqueles que são seus. Ao ser consciente do que pensa, ele adverte que os pensamentos de sua propriedade não podem ser trocados por outros que sejam alheios à natureza deles.

Costuma-se dizer que quem já sofreu muito compreende mais, por ter participado de todas as angústias. Esse ser é o único capaz de abrir seu coração à desgraça alheia; o único que encontra, no mais feio e horrível, motivo de piedade, de admiração ou de estima, tal como o revela o Mestre da Galileia, ao mostrar a seus discípulos os dentes do cachorro que lhes inspirava repulsa. O conhecimento transcendente, ao ampliar o juízo, torna os seres justos, elevando-os acima do mesquinho juízo que o discernimento comum formula.

É um fato comprovado que ser injusto, intolerante e até agressivo é tendência comum. Pois bem, tal atitude, que cria como consequência a intolerância, a injustiça e a violência nos demais, contribui para fazer desse mal, que tanto afeta a sociedade humana, uma tendência geral.

O que não é levado em conta, talvez por não se ter refletido detidamente sobre isso, é que todos os seres vivem no mundo e que todos têm igual direito à vida. E, enquanto esta vida tiver um dono consciente e responsável por ela, ninguém, sob pena de cometer uma arbitrariedade, deve levianamente julgar de acordo com as caprichosas figuras de um pensamento deformado.

O bem é sempre grato, qualquer que seja a circunstância em que é recebido; mas o bem que cada um seja capaz de fazer chegar a quem se encontra em situação aflitiva e difícil deixa de ser um bem para se converter numa bênção. É a suprema expressão da compreensão humana, cumprindo os excelsos preceitos da Lei de Caridade.

CONCEPÇÃO ÉTICA DA LOGOSOFIA



Todo pensamento criador contém em grau máximo as excelências de uma ética superior.

A sabedoria logosófica é o expoente leal de uma concepção ética que abarca todas as ordens da vida humana. Ela ensina a cultivar todo sentimento elevado e auspícia, orientando-o, o desenvolvimento das qualidades que configuram o modelo mais bem concebido das características humanas. Assim, cada ensinamento, além dos conhecimentos que oferece à inteligência, tende a modelar o caráter, corrigir as deficiências, enquanto propicia uma superação efetiva em prol de uma conduta mais ampla e generosa, que permita à vida manifestar-se em toda a sua plenitude.

É indubitável que existe uma disparidade de critérios quanto ao conceito que se tem sobre a ética ou suas normas na prática da vida social. Para a Logosofia, a concepção ética abarca todos os aspectos determinados pela conduta humana; a beleza, em todas as formas em que é concebida pelo espírito, não cumpriria a função mais acabada da ética, em sua acepção mais completa, se não existissem no homem as inestimáveis prerrogativas que lhe são oferecidas pelo fato de ser apto para toda mudança e transformação psicológica.

Um dos valores éticos que se pronuncia com caracteres mais proeminentes é o da observação; a observação consciente, que de forma constante recolhe de toda parte os elementos que depois deverão servir para aperfeiçoar o caráter e as modalidades do ser, ao permitirem que este, no exercício continuado dessa faculdade, verifique a prática do observado, polindo desta forma, como dissemos, todas as arestas de seu temperamento.

A manifestação expressa e natural do espírito que tende a modificar o critério elevando as miras, enquanto aceita, na busca do aperfeiçoamento, a correção de erros como algo imprescindível, é um belo expoente ético da conduta humana.

A ética superior deve se converter em lei natural em tudo o que constitui a vida íntima de cada um, por estar isso reservado única e exclusivamente à própria e individual condição do livre-arbítrio. Quem infringe esta lei se expõe a perder tudo quanto possa ter de dignidade e delicadeza.

A paciência, a benignidade e a tolerância são manifestações de ética superior. Quando se exalta o fervor pela retidão dos pensamentos e ações, também se enaltece o conceito ético pela compreensão de seu significado social. Assim, todo pensamento, toda ação e toda palavra deverão estar condicionados a uma norma de conduta que dignifique e não menoscabe o próprio conceito perante o juízo dos demais. Cada palavra deverá levar ao semelhante uma impressão de confiança, em virtude ou em nome de uma invariável norma ética.

Entre as pessoas cultas existe, pode-se dizer, uma linguagem ética só entendida pelos que a praticam e usam, e que inspira o respeito e a consideração daqueles com quem se trata. Seria de anelar que essa linguagem fosse utilizada por todos, regendo e ordenando a vida como fórmulas de verdadeira elevação moral.

CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO SER HUMANO



Reações involuntárias

Entre as diversas modalidades que configuram a psicologia humana, existe uma que a Logosofia define como reações involuntárias. Apresenta-se como característica nos temperamentos humanos pela frequência com que se repete, e é das que mais desgostos e inquietações causam ao ser, tanto que, às vezes, até se converte em sua inimiga mais cruel.

Estas reações involuntárias são as que amiúde fazem cometer as chamadas precipitações, que levam a julgar sem a intervenção da razão, e tudo isso conduz, como consequência, a semear contrariedades e dar começo a inimizades. Por serem involuntárias, deve-se entendê-las como descontroladas.

Praticamente, as reações involuntárias são as que criam maiores obstáculos para a vida harmônica do ser. Não se deve esquecer que os seres humanos reagem com maior facilidade desfavoravelmente, e isto ocorre porque, em geral, são suscetíveis a tudo quanto afeta direta ou indiretamente sua autoestima, e também a tudo que contraria aquilo que foi aceito por sua razão.

Como é natural, tal suscetibilidade é limada em grande parte ao se penetrar na vida sem conhecimento do que nela ocorre ou vai ocorrer, pois os tropeços e as quedas, com as consequentes reflexões que suscitam, dão lugar às primeiras experiências, as quais, por sua vez, criam a noção, ainda que rudimentar, da realidade, essa realidade que muitas vezes deverá ser enfrentada sem se dar conta disso, até que seja adotada a postura devida.

As reações involuntárias podem ser consideradas como pedras que o próprio ser põe em seu caminho, e nas quais tropeça repetidamente, sem advertir a que obedecem. Acaso não se truncaram, por causa delas, amizades formadas e alicerçadas durante longos anos? Isto é muito certo, como é muito certo também que elas muitas vezes fazem com que o ser se situe mal ante os demais, privando-o de desfrutar o afeto e a simpatia de que poderia ser credor por suas virtudes ou condições.

Entretanto, esta característica tão típica do temperamento humano não se delinea em todos por igual. Enquanto em uns aparece com variações pouco pronunciadas, em outros se acentua com bastante intensidade; por exemplo, nos estados de impaciência, nervosismo, ansiedade, contrariedade, e em muitos outros de análoga natureza.

Sob a influência destes estados, comumente transitórios, a mente perde com facilidade o próprio controle; são pensadas e ditas coisas sem obedecer a um critério definido, ou seja, o ser está sob a influência de uma excitação do ânimo ou alteração psicológica. Tais reações, que na maioria dos casos levam em si a violência, por sua vez dão lugar a que se promovam no semelhante outras de índole variada: primeiro, de confusão; mais tarde, de desconfiança; por último, de prevenção. E é lógico que isso aconteça, porquanto o trato entre as pessoas se afirma sobre a base do respeito à sinceridade com que cada um exprime seus pensamentos, ao conviver e confiar na boa-fé mútua. Daí que, se depois ocorre uma mudança brusca na maneira de pensar ou de proceder, sem dúvida isso afetará o conceito de integridade que ambas as partes tenham formado uma da outra, o que promoverá, como consequência, um debilitamento das relações entre elas.

O comportamento individual deve estar condicionado sempre às boas disposições do ser, e não às caprichosas formas da inconstância. É essencial, portanto, não se afastar da própria natureza consciente, mantendo sem alterar os estados que, quando permanentes, se definem como condições superiores do espírito; só assim o ser pode se preservar de ser influenciado pelos pensamentos que, alheios muitas vezes à própria posição interna, induzem a cometer atos irrefletidos que depois devem ser lamentados.

As reações involuntárias costumam fazer perder, como dissemos, muito do prestígio ou do conceito pessoal, conseguido mercê das próprias energias e qualidades. Isto adquire uma grande importância ao serem considerados os fatores que, durante a vida, contribuíram para o bem ou para a desdita humana. Sabe-se que um ser que luta sozinho na vida, por exemplo, deve sofrer e correr uma infinidade de riscos se suas condições psicológicas, morais e físicas são precárias. Se a isso se adiciona o debilitamento de energias que tais coisas trazem consigo, e também o debilitamento do que constitui seu patrimônio como um todo, ocorrerá que quem enfrente a vida em semelhante inferioridade de condições haverá de encontrar suas perspectivas de triunfo consideravelmente diminuídas.

Defesas do indivíduo

Nada pode contribuir mais para o desenvolvimento de uma vida plena do que a criação de defesas que a amparem, no maior grau possível, contra o mal.

Ninguém ignora que é mister defender-se de tudo quanto ameace prejudicar o próprio ser, trate-se de agressões físicas ou morais, de contrariedades e de qualquer outra classe de perturbações que altere a tranquilidade ou a vida pessoal. A elevação do conceito que cada um mereça dos demais pelo cultivo das condições e das qualidades superiores, o desenvolvimento da inteligência e o despertar da consciência são defesas que o preservam em alto grau contra as contingências do mal.

Porém, isso não basta; é necessário criar outras defesas, que aumentem a potência das que já se tenham e façam cada vez mais invulnerável a vida, preservando-a também de ser afetada pelo mal que às vezes o semelhante costuma causar, à medida que ela se amplia e ganha prestígio nos ambientes em que se atua. Referimo-nos aos vínculos de afeto ou simpatia constituídos entre familiares e amigos, e ainda entre pessoas menos próximas, que defenderão, em cada oportunidade que for preciso, a quem foi capaz de lhes inspirar um conceito em defesa do qual intervirão lealmente, constituindo tudo isso parte da defesa própria. No caso, por exemplo, de uma pessoa cujo conceito é atacado em um ou vários ambientes pela mesquinhez de espírito de quem está interessado

em diminuir seu prestígio, amigos, familiares ou simples simpatizantes poderiam tomar a seu cargo a defesa de sua pessoa, neutralizando, assim, todo efeito pernicioso do ataque de que houvesse sido vítima, ataque a que por si mesma ela não teria podido fazer frente, por não poder estar presente em vários lugares ao mesmo tempo.

À medida que se amplia a vida, e mais ainda se esta vida se estende por povos e continentes, mais necessário será instituir defesas deste tipo, destinadas a salvaguardar o prestígio não só do nome, mas também da obra que se realize. E quão mais fácil será isto se o bem que se oferece ao semelhante não reclamar para si mais do que a satisfação de saber que obedece a um dever de consciência, que o ser cumpre com o maior de seus empenhos!

EDUCANDO PARA A VIDA



Durante os últimos lustros, as nações totalitárias, com uma obsessão e empenho dignos de uma melhor causa, foram preparando a juventude, educando-a para a morte desde a infância; e dizemos assim porque a guerra nada mais é que um sinônimo de morte e destruição.

A preparação bélica, que agitou e perturbou as mentes de tantos seres, excluía todo outro conhecimento, problema ou preocupação que não tendessem a encaminhar os esforços e as energias para um único fim: o domínio e a subjugação dos povos. As consequências podem hoje ser avaliadas em sua total magnitude. Milhões de homens, mulheres e crianças pagaram com suas vidas semelhante extravio.

Finalizada a contenda, e começando um período ativo da reconstrução moral e material dessa parte semidestruída do mundo, cujos povos se sentem agoniados pelo peso de tantas penúrias e misérias, será necessário auxiliar os sobreviventes da horrível catástrofe, educando-os para a vida, o que significa que se deverá dar a eles a sensação de uma verdadeira segurança quanto ao futuro que terá de ser edificado. Segurança e confiança na perduração das obras e de todo trabalho construtivo em que hoje estão empenhados os homens que preparam o amanhã das novas gerações.

Insistimos em que nada poderá propiciar mais e fazer mais efetiva a reconstrução do mundo do que o incentivo leal e amplo à iniciativa privada: o incentivo ao trabalho, ao estudo, à produção, sem cercear a liberdade que cabe a cada homem, a cada ser humano, de usar como melhor lhe convenha o fruto de seus próprios esforços. O respeito à dignidade humana e à vontade que fertiliza as inteligências será o estímulo maior que se poderá esperar, para que o concurso individual, aumentando em grau progressivo, possa servir eficientemente aos fins da obra de reconstrução mundial.

Educar para a vida implica também dar às futuras mães a certeza de que seus filhos não se converterão novamente em “bucha de canhão”. Isso deve levar os grandes estadistas que hoje discutem a nova estruturação do mundo a meditar sobre a imperiosa necessidade que existe de estabelecer uma paz que não possa ser violada por ninguém; enquanto não houver tal segurança, a natalidade irá diminuindo de forma alarmante, devido, precisamente, a esse receio e desconfiança que existirá sobre o futuro dos filhos.

Mas educar para a vida tem ainda outro significado de maior transcendência: é preparar os espíritos para o conhecimento de seus elevados destinos, pois a vida a que nos estamos referindo não é somente a comum, que vegeta e se esteriliza num ambiente puramente doméstico, mas a outra, aquela que cumpre, ou pelo menos se empenha em cumprir, os mandatos da evolução, e alcança sua plenitude nas mais altas expressões da convivência humana. Educar para a vida é considerar, como um de seus fins primordiais, o aperfeiçoamento de tudo quanto esteja compreendido na existência do ser humano, promovendo a eliminação das deficiências pela correção consciente dos erros, e despertando nos seres o afã de superação por força da natural aspiração de servir à humanidade em posições que permitam um maior e melhor aproveitamento das energias internas, dedicadas a obras de bem e de profundo sentido humano e espiritual.

Para todos há um lugar na terra, desde que cada um saiba ocupá-lo com dignidade, sem descolocar-se, sem pretender usurpar os direitos do semelhante enquanto acentua suas possibilidades de melhoramento individual. Só assim será possível haver paz entre os homens e chegar à eliminação dos perigos a que a vida está exposta quando a paz é alterada.

ASPECTOS DA TÉCNICA LOGOSÓFICA



A Logosofia desde o princípio tem afirmado que todo conhecimento adquirido, quando não é usado com frequência, perde pouco a pouco a força de seu poder construtivo. Em geral, esse conhecimento é esquecido, e todo conhecimento que se esquece é como o capital que se gasta sem utilidade alguma. Ao contrário, quando o conhecimento é utilizado assiduamente, chega-se a ter dele um domínio tal que permite aumentar as possibilidades de influência pessoal nos campos em que se atue. E não há dúvida que quanto melhor for o uso que dele se fizer e mais elevados e nobres os fins a que seja destinado, tanto maior será o volume em capacidade de inteligência, discrição e sensatez de quem souber manejá-lo.

Se levarmos nossa observação ao campo mais comum das atividades humanas, o econômico, no qual é necessário que todos façam uso frequente dos números para poderem desenvolver-se com alguma eficácia em suas ocupações habituais, veremos que a utilização do cálculo aritmético se torna sumamente difícil se não é exercitado amiúde, pelas mil combinações que se devem fazer para encontrar a solução conveniente a todas as operações de números que se queira efetuar, as quais alcançam desde a mais simples, de uso corrente, até aquelas que dizem respeito às mais altas finanças, passando por toda a escala de atividades em que os números ocupam uma posição predominante. A esse respeito, a Logosofia expressa que os números são como os animais selvagens, aos quais é necessário amansar para que prestem docilmente todo serviço útil e todo auxílio que deles cabe esperar, tal como se consegue fazer em relação aos animais domésticos, dos quais o homem se serve para satisfazer a muitas exigências da vida.

Pois bem, como podemos dominar os números? De uma forma simples, tal como dominamos os animais; e, depois do primeiro esforço realizado para conquistá-los, devemos trazê-los sempre sob vigilância, ao nosso lado, ou seja, sujeitos a constante cuidado. Quanto ao cão, por exemplo, que ontem era um animal temível e que hoje, já dócil a seu dono, faz a guarda da casa, deve-se acariciá-lo com frequência e brincar diariamente com ele por alguns instantes, para que, ao ver que lhe dispensam cuidados e festas, seja cada dia mais fiel. Do contrário, haverá perigo de que o animal, atraído pelo bom trato que lhe poderiam dar pessoas alheias à casa, diminuísse sua lealdade ao amo, pois o cachorro, que não tem discernimento, apreciaria mais, como é natural, as manifestações de carinho dos estranhos que a indiferença de seu dono. Portanto, a carícia do patrão é indispensável para que o reconhecimento do animal seja efetivo e, por instinto, compreenda que deve a ele todos os cuidados que recebe na casa, inclusive a alimentação, que, por certo, não lhe é dada por estranhos.

Se, deixando de lado o cão, observamos o cavalo, vemos que este se ressentido quando seu dono, por alguma circunstância, deixa de atendê-lo como de costume. De muitas maneiras dá a entender isso, e muito rapidamente se dissipa sua contrariedade se percebe que as mesmas manifestações de carinho de antes voltam a ser-lhe dispensadas.

No caso dos números, será necessário termos isto presente e dedicar-lhes uma constante atenção, a fim de que se familiarizem com as nossas necessidades e preocupações. Assim, a dedicação de um pequeno espaço de tempo diário ao treinamento matemático, efetuando cálculos mentais, operações de porcentagem e equações aritméticas de toda espécie, dará por resultado o automatismo mental, que se produz pela repetição assídua, que fixa o conhecimento dos números e permite manejá-los com facilidade e rapidez.

Este princípio, ou lei, pode logicamente ser aplicado a todos os conhecimentos, já que leva a manter vivo e ativo o domínio sobre eles, sejam de que índole forem. A todos se deve oferecer o carinho que requerem, para que eles, por sua vez, se ofereçam sem reserva à recordação. Não basta servir-se deles uma vez e depois pô-los em um canto da mente, pois se corre o risco de esquecê-los por completo. Se de um conhecimento, qualquer que seja, extraímos um bem, o menos

que podemos fazer em retribuição será conservá-lo na memória, como um ato de gratidão a esse conhecimento, ao que ele significou para nós, quando o adquirimos, e a tudo que contribuiu para que ele viesse a fazer parte de nosso domínio mental.

Com frequência se ouve dizer: “Eu ando muito esquecido disso ou daquilo”, quer se trate de idiomas, de música, quer de qualquer outra atividade que a inteligência desenvolva. De que serve então o que se aprendeu, se logo será esquecido? Por acaso se abandona o cultivo da terra pelo fato de se haver feito a primeira colheita? Não, porque o campo se encherá de plantas daninhas, que depois custará muito extirpar, caso se queira obter dele o que antes se obteve. Assim, pois, no campo mental deveremos proceder tendo isto em conta, sem esquecer o que ele pode produzir se não nos descuidamos um só instante da atenção aos cultivos que a inteligência pode nele realizar.

Esta técnica sugere a cada um a conveniência de promover em si mesmo uma revisão constante do próprio saber, a fim de conhecer até onde este se estende, e quem aspire a mais deverá proceder à ampliação do limite de seus domínios, por meio do cultivo de suas faculdades e da maior potência de seu entendimento.

A SUPERAÇÃO INTEGRAL COMO OBJETIVO



Embora seja certo que muitos desejam de verdade uma superação de suas próprias vidas, por experimentar isso como uma necessidade e ainda por se sentirem desconformes com a passagem monótona de seus dias – que se sucedem e se repetem como algo fatal, sem nenhuma variação que estimule o espírito, tal como a gota d’água a cair sempre de modo igual –, nem todos se empenham em realizar esse objetivo com a resolução, paciência e constância que, logicamente, são requeridas por um processo de superação integral, o qual exige, como requisito indispensável, que se trace um plano de trabalho pessoal. Este plano consiste na observação ininterrupta de todos os movimentos diários que se referem tanto aos pensamentos quanto às atuações que o indivíduo está habituado a desenvolver no curso de seus dias. Mencionamos os pensamentos em primeiro lugar porque são eles os que têm a principal interferência na realização de tal processo.

A preparação interna que se realiza com vista ao desenvolvimento da inteligência, por exemplo, requer ser assistida por uma firme vontade de alcançar um verdadeiro adiantamento em cada um dos conhecimentos comuns em que a vida diária se desenvolve. A preocupação básica é neste caso permanente, e preside uma por uma das horas que se vivem, para que não se descuide do cumprimento do que ficou resolvido em relação a esse fim. Assim, sendo permanente o empenho, haverá uma melhoria de todas as atuações, sejam elas do tipo que forem, e se tratará, ao mesmo tempo, de ir superando a cada dia as atividades que se vão desenvolvendo, pois nada pode estimular mais, nem causar alegria mais terna, do que observar o progresso obtido em cada superação.

Porém, há algo que vai além das simples atuações ou atividades externas, quer dizer, daquelas que comumente se realizam; esse algo é a superação integral, que não deverá ser feita visando tão somente a um maior desenvolvimento da inteligência, mas também a alcançar

todos os confins da vida do ser. E, para isso, será necessário que este crie no interior de si mesmo o ambiente adequado, a fim de que frutifique o bem que se persegue.

Saber que se pode ser mais do que se é e ter mais do que se tem, mercê dessa superação em que a alma deve se empenhar com todo o afinco, é já uma garantia inquestionável do que é possível alcançar. Mas as normas a que todo ser humano deve submeter o exercício continuado de suas faculdades mentais deverão ser inflexíveis, no sentido de não tolerar os erros e as deficiências, as quais devem ser corrigidas ou eliminadas à medida que se avança em busca do aperfeiçoamento.

Os obstáculos e dificuldades que geralmente se interpõem ao cumprimento de tão plausíveis desejos de superação são o esquecimento dos propósitos, a falta de vontade para prosseguir o labor iniciado e o tão acentuado costume de deixar sempre para outro dia o que se pode fazer a qualquer momento. Não obstante, tem-se visto que os que triunfam nisto ou naquilo, alcançando as metas aneladas, são os que persistem em seus esforços e corrigem suas atuações deficientes.

A ninguém, pois, está vedado superar suas próprias condições e levar seu ser a planos de atuação cada vez mais eficientes e dignos de uma posição melhor.

DIRETIVAS DE QUE A JUVENTUDE NECESSITA



Para os adolescentes que entram na vida, uma das coisas que mais custa aprender é o comportamento que corresponde adotar em cada circunstância que se apresenta, no transcurso de seus dias, como um dos tantos obstáculos naturais que aparecem nos caminhos do mundo.

Pode-se dizer que entram às cegas num mundo que lhes é desconhecido, onde se produz o contraste inesperado entre o que conheciam e o que a realidade apresenta a seus incipientes juízos acerca do que esse mundo é em suas múltiplas e variadas tonalidades e aspectos. A pouca idade e a falta de experiência e de saber privam-nos das mais elementares defesas, tão necessárias para se prevenirem contra as frequentes quedas que, repetimos, ocorrem pela pouca idade e pela inexperiência.

No jovem a reflexão mal atua, pronunciando-se só naquelas situações que intimamente o afetam, ante as quais o entendimento deve eleger a melhor conduta a seguir, mas sem ter conhecimento sobre as mil e uma figuras enganosas que se movem no cenário da aparência, a qual muitas vezes é tomada por realidade para seu próprio mal, já que logo deve experimentar as amarguras desse engano. Embora seja certo que, nestes casos, fica a experiência como precedente para preveni-lo em situações futuras similares, tampouco é menos certo que tais situações se apresentam sempre sob novos aspectos e diferentes circunstâncias.

Para o ser que começa a ver a vida nos momentos em que ela se transforma em existência independente e responsável, é de todo indispensável recorrer, para uma melhor adaptação a essa realidade cuja força ele começa a sentir, ao conselho dos mais velhos, que já experimentaram esses transes; recorrer também ao estudo e à observação do que é inconveniente nele e nos demais; e, acima de tudo isso, deve realizar uma preparação de caráter integral, que, convocando todas as suas energias para o mais amplo desenvolvimento das faculdades de sua inteligência, possa muni-lo dos conhecimentos que haverão de

servir-lhe para preservar-se do mal e triunfar nas lutas que precise sustentar contra a adversidade.

Nos centros universitários, o ensino que se ministra é destinado exclusivamente à preparação geral do estudante, isto à parte da especialização, que exige adquirir os conhecimentos da profissão escolhida; porém, ainda não foi tida em conta a possibilidade de criar uma cátedra dedicada especialmente à preparação da juventude para a vida, na qual lhe sejam oferecidos todos os elementos de ilustração a esse respeito; uma cátedra que permita aos jovens conhecer qual deverá ser seu comportamento e sua atuação nas diversas e múltiplas situações que a vida costuma apresentar aos que nela se iniciam.

Tal capacitação traria como resultado, é indubitável, um melhoramento na vida de relação e, propiciado por esta mesma capacitação adequada da juventude para tal fim, um desenvolvimento mais fecundo da cultura.

Não há dúvida de que, com tal diretiva, seria assegurado o livre desenvolvimento das forças juvenis, encaminhando-as para atividades criteriosas que, por si sós, haveriam de significar uma grande contribuição para a sociedade.

O RESPEITO, FATOR ESSENCIAL DA PAZ



Cada vez que se quis precisar as causas que determinaram as guerras, as rebeliões, ou até mesmo as simples discórdias domésticas, chegou-se a tudo, menos ao que na verdade poderia ser tido como a razão principal ou, pelo menos, a que mais influiu no desencadeamento violento de tais conflitos ou perturbações.

Nunca se poderá negar que o respeito mútuo entre os povos e entre os homens seja o agente ou fator essencial da paz, já que, enquanto ele existe, se aplanam todos os caminhos que levam a encontrar soluções para as diferenças criadas. Ao contrário, caso deixem de ser respeitados os tratados que foram assinados em solenes cerimônias, e se violem também as normas do direito internacional, as guerras se tornam inevitáveis, pois nada há que fira mais a dignidade de uma nação, de um povo ou de um homem do que sentir que esta dignidade foi menoscabada pela falta de respeito. Quando isso ocorre, quando o respeito deixa de ser a fiança que resguarda os convênios e as considerações mútuas, começa a rachar-se a estrutura jurídica, econômica e social dos povos.

Coisa igual acontece dentro de cada nação, quando cessa o respeito às leis que a governam: depressa os direitos se quebram, sobrevivendo a desorientação, a desconfiança e o receio. E a tudo isto se deve ainda adicionar o relaxamento que se produz nas instituições, relaxamento que acaba por levar à anormalidade e a conflitos de toda espécie. Não pode haver paz num povo se o respeito às leis e a suas instituições deixa de ser a garantia que ampara cada um em seus direitos e em seus valores. Daí que, quando se burla a dignidade do homem, faltando com o respeito à sua pessoa, sobrevêm as crises sociais, tão nefastas para a vida de povos e das nações.

Respeitar para ser respeitado: eis uma expressão que, por ser axiomática, se explica por si mesma. Quando os homens de maior responsabilidade, por exemplo os estadistas e demais figuras do governo, fazem desse respeito um culto e põem nisso sua mais fervorosa e sincera fé, instituindo-se em exemplos, atraem a simpatia e a adesão plena de seus povos e até mesmo do mundo, tal como se tem visto nestes dias.

Não existe uma lei que imponha o respeito, porquanto, bem se pode dizer, ele responde a uma lei natural. Em todos os tempos, o respeito constituiu o meio imprescindível que tornou realizável a convivência entre os seres humanos. O homem, desde que nasce, como tudo o que se manifesta à vida no seio da Criação, deve inspirar respeito. Nada melhor se poderia fazer, portanto, para edificar a paz futura, do que conseguir que o respeito presida a todas as suas determinações, erigindo-o como algo inseparável de sua responsabilidade.

PREPARAÇÃO BÁSICA DA JUVENTUDE



Depois do duro ensinamento que as nações do mundo recolheram, ao comprovar as dolorosas consequências dos métodos pedagógicos utilizados na Alemanha e Itália para educar a infância e a juventude, não pode existir dúvida alguma sobre a imperiosa necessidade de dedicar à preparação infanto-juvenil toda a atenção que ela merece.

A mente infantil é suscetível a inclinar-se na direção de qualquer pensamento que a sugestione. Como não sabe nem tem consciência alguma da vida, aceita com facilidade tudo o que lhe é inculcado; daí a enorme responsabilidade dos que têm a seu cargo a tarefa de conduzi-la. E não se deve esquecer que os meninos e os jovens de hoje são os homens de amanhã, de modo que não será difícil saber como haverão de ser eles, se é levada em conta a preparação que receberam quando sua reflexão era incipiente.

Durante esse período, a mente é o campo virgem e fértil em que germina e se desenvolve rapidamente qualquer ideia ou pensamento. Se estes tendem para o bem, a vida se tornará útil e benigna; se tendem para o mal, a vida se tornará sombria e estéril. Nada, portanto, pode ser mais propício, quando se trata de educar as mentes dos mais novos, do que ilustrá-las com toda a clareza e amplitude acerca dos problemas e pontos com os quais a consciência haverá depois de tomar um contato mais imediato.

É especialmente na idade juvenil que toda classe de pensamentos ocorre à mente, e enquanto uns incitam a realizar uma coisa, outros incitam a realizar outra. Acumulam-se, assim, projetos que, num ímpeto de rivalidade, lutam para absorver integralmente a atenção da ainda não cultivada inteligência. Esses fatos se repetem com sugestiva frequência nos adolescentes, trazendo como consequência a desorientação, já que, em tais circunstâncias, poucos são os que dominam sua inquietação e se dirigem com firmeza ao desenvolvimento metódico de um estudo ou à realização ordenada de um projeto. Por outro lado, o

jovem tem de ir condicionando seu ser a todos os vaivéns da vida; e é aí que ele necessita saber que todos os seus passos devem ser inspirados pelo anelo profundo de corresponder ao que espera de si mesmo, proporcionando à sua existência todo o bem que ela exige de sua razão e de sua consciência, e também pelo anelo de cumprir os deveres que tenha em relação a todos os seus semelhantes, podendo beneficiar, dentro da medida de sua capacidade, sobretudo os que lhe são mais achegados.

A juventude requer ser orientada; só assim não se haverão de malograr os esforços e a inteligência dos que amanhã, por sua vez, deverão preparar as gerações que lhe sucederão.

O fomento do estudo em todas as suas formas, das atividades sadias, do culto ao saber, à humanidade, à família, e, muito particularmente, do culto ao respeito que o indivíduo deve a si mesmo, ao que é seu, e ao respeito que deve aos demais e à propriedade alheia, é o fundamental para que tal orientação cumpra seu grande objetivo, que é o de formar na juventude a consciência cabal de sua responsabilidade perante a vida, seus semelhantes e o mundo.

Dentro deste quadro de preparação básica, com análise dos problemas e assuntos que mais diretamente afetam os períodos iniciais da vida, deve-se educar a juventude; desta maneira, será consolidada nela a segurança e confiança nas próprias forças e recursos, e ficará facilitado seu acesso a postos de responsabilidade, reservados sempre à maturidade e à senectude.

A LINGUAGEM DE CORES



Entre as múltiplas formas que os seres humanos utilizam para se entender, existe uma que a Logosofia identifica com o nome de linguagem de cores. Manifesta-se ela na linguagem comum, mas evidenciando-se em signos de inteligência para os que, conhecendo-a, a entendem e praticam. Não é, decerto, uma novidade no que se refere aos movimentos significativos da linguagem, pois ela vem sendo usada desde tempos remotos como ponte de entendimento entre os homens, mas nunca foi considerada – e prova disso é que ninguém a tinha mencionado até hoje – como verdadeira linguagem da inteligência.

Vejamos o que a Logosofia define como linguagem de cores.

Comumente, nas conversas, entram temas que dizem respeito a pessoas, ou a fatos ou coisas vinculados ou não a pessoas. Se os que falam comungam em idênticos pensamentos, estabelecem, por esse entendimento mútuo das coisas que tratam, um algo particular que define o intercâmbio de seus raciocínios. A esse algo a Logosofia dá uma cor determinada, que aparece sempre em destaque no entendimento harmônico que caracteriza uma conversação ou discussão, seja qual for o número dos que nela intervêm. Assim, se dois industriais ou comerciantes chegaram a um acordo prévio acerca de um assunto a tratar com outros para a realização de um negócio, deram já uma cor a seus pensamentos, cor que se manifesta na linguagem que haverão de usar para sustentar seus pontos de vista e levar os demais a aderir ao que foi previamente tratado e combinado por eles. Mas como isto pode acontecer também com os outros, o comum é que duas cores se encontrem, de onde haverá de surgir, caso se chegue a um acordo, a cor que os concilie; isso quer dizer que, se a primeira é o amarelo e a segunda o azul, das duas haverá de surgir o verde.

A linguagem de cores, tal como a descrevemos em sua manifestação no campo econômico, aparece também nos meios políticos, sociais e espirituais. Isso quer significar que ela é passível de ser traduzida e compreendida por quem possua o entendimento da cor que se manifesta numa conversação. E nunca esta linguagem é mais significativa do que quando é expressada pelo sentimento, tanto é assim que, muitas vezes, podem exteriorizar-se coisas cujo conteúdo só é entendido por aquele que vibra em uníssono com esse sentimento, ou seja, na mesma cor.

Com tal linguagem é possível estabelecer uma ponte espiritual entre duas ou mais vidas, ponte pela qual somente podem passar os pensamentos que interessam vivamente às partes que a estenderam entre si. É esta mesma linguagem a que permitiu que os homens livres do mundo se entendessem, para unir todas as suas energias contra aquela outra linguagem, de cor negra, que as forças retrógradas da humanidade proclamaram, com toda a violência, como a predestinada para dominar o mundo.

A linguagem das nações unidas, utilizada para vencer a das trevas, foi e segue sendo clara como a luz, e nada pode haver mais estimulante e promissor para o futuro do que saber quanto o mundo anseia que se fale somente nesse idioma de luz, por ser o único que haverá de eliminar de todos os âmbitos do orbe os vestígios daquela outra linguagem, usada pelos que tanto mal fizeram à humanidade.

A DIFERENÇA ENTRE DOIS ENSINAMENTOS



Em mais de uma oportunidade, já se fez referência à singularidade do ensinamento logosófico e à particularidade de que nele não se percebem vestígios das velhas teorias, nem vinculação alguma com os sistemas filosóficos conhecidos. Efetivamente, ele não provém de nenhuma fonte conhecida; sua origem se acha na própria sabedoria que anima cada um dos conhecimentos que formam o conteúdo da Logosofia.

Se dirigirmos a vista para as primeiras páginas da história, isto é, para as que o homem até aqui conhece como memórias do mundo, veremos que desde as épocas iniciais existiram duas classes de ensinamento: a que foi ditada por aqueles que foram ungidos pela própria inspiração, e a que provinha da divulgação de conhecimentos que correspondiam a inspirações de outros.

Os que ditaram a primeira dessas classes foram apontados pela história como guias da humanidade, porque neles mesmos estava a fonte da sabedoria; os outros foram os filósofos, os eruditos, etc., que transmitiram, como já dito, o que recolheram de outras fontes e da própria experiência. A diferença fica estabelecida, e é fácil avaliá-la, pois os últimos sempre se referiam ao passado, citando aqueles fatos, exemplos e ensinamentos dos quais tinham conhecimento, enquanto os guias sempre, ou na maior parte das vezes, se referiam ao futuro. Isso significa que a maioria de seus ensinamentos, compreendidos e vividos muitos séculos depois, atendiam a uma preparação para o futuro, razão pela qual tais seres foram chamados de profetas, e até de visionários.

A explicação que surge a este respeito é clara e não admite que possa existir confusão alguma sobre a diferença entre ambas as classes de ensinamento e formas de ensinar, devido ao fato de que um é dado diretamente, de mestre para discípulo, e o outro, indiretamente,

já que aparece o recopilador metódico que o divulga, glosando por seu turno o que, a seu juízo, crê necessário para facilitar um melhor entendimento a respeito.

Ao dizer que os ensinamentos dos guias se projetavam para o futuro, não se deve entender que eles estavam alheios às preocupações e necessidades do momento, porquanto é sabido que o futuro começa justamente com o presente; parte do próprio instante em que os fatos e as coisas ainda não pertencem ao passado.

Da humanidade depende, pois, que tais ensinamentos lhe sirvam de norma e a beneficiem a curto prazo, ou que, por não compreendê-los ou não aceitá-los, séculos tenham de passar antes que eles deem frutos.

A FUNÇÃO DE PENSAR E OS PENSAMENTOS



Quando se fala de pensamento, é comum referir-se indistintamente, já o dissemos noutras oportunidades, à razão, à mente, à inteligência, à reflexão, à imaginação, etc., como se tudo tivesse a mesma função, e até são muitos os casos em que se toma uma coisa por outra, sem distinção alguma.

A Logosofia define a função de pensar como um ato que a mente exerce para elaborar um pensamento, uma ideia ou, simplesmente, a descrição de um motivo que uma circunstância determinada exige para os fins de uma explicação. A função de pensar é, pois, um ato que se poderia chamar de criador, desde o momento em que cria, na mente, a existência de um pensamento ou de uma ideia que até esse instante não existia; mas esse ato também satisfaz a outras necessidades da inteligência, como é a de coordenar e selecionar os elementos que depois serão usados para encarar assuntos ou problemas, sejam eles de incumbência pessoal ou geral.

A função de pensar se diferencia nitidamente de todo esforço mental que se possa fazer para recordar conhecimentos ou coisas que se achavam ausentes da zona mental imediata ao domínio espontâneo da própria vontade, seja por esquecimento, seja por falta de uso deles. O esforço mental para recordar atrai os pensamentos esquecidos, e isto, naturalmente, nada tem a ver com a função de pensar. Cada um, segundo seja sua capacidade mental e o cultivo de sua inteligência, pode ter à sua disposição um acúmulo de conhecimentos que, por pertencer a seu acervo pessoal, não requerem um novo processo de elaboração, e a inteligência, quando se dispõe a usá-los, espontaneamente os toma do arquivo mental próprio, arquivo que, como é natural, constitui o cabedal de saber adquirido pelo estudo e pela experiência.

No trato corrente, é frequente observar como se confunde de modo contínuo o papel que a inteligência desenvolve com o dos pensamentos e da função de pensar. Quem houver feito estudos a fundo sobre essas questões aparentemente complexas do entendimento terá podido surpreender, sem maior dificuldade, a diferença substancial, aqui apontada, entre um e outro ato da mente ou da inteligência.

O certo é que a função de pensar se exerce, quase sempre, nos momentos dedicados ao estudo, ou naqueles em que devem ser encarados, porque assim exigem as circunstâncias, assuntos com a participação ativa da própria capacidade; diferentemente disso, nas relações diárias entre uns e outros geralmente são usados pensamentos de diversa índole, que cada um tem à disposição dentro de sua mente.

Esta discriminação que fazemos entre a função de pensar e os pensamentos é extremamente necessária para o ordenamento das atividades da inteligência e, sobretudo, para que se possa ter uma visão clara a respeito de como o ser deve se comportar no emprego das próprias opiniões e de seus juízos.

MÉTODO PRÁTICO PARA O ORDENAMENTO DAS IDEIAS



Para quem não esteja familiarizado com as disciplinas da inteligência – e pode-se dizer que aí se acha incluída uma boa maioria –, é muito difícil ordenar as ideias, a ponto de muitas delas se confundirem entre si, o que dá lugar a que mais tarde se produza a inibição parcial, e às vezes até total, da mente. É assim que, em grande número, os pensamentos que nela se fixaram ficam anulados, sem que tenham podido manifestar-se em nada de concreto, precisamente por não existir na mente o motivo que teria feito possível a realização deles; e tal motivo não existe porque as ideias foram confundidas umas com as outras, sem ter sido determinado o fim que cada uma cumpriria separadamente.

Ao contrário disso, quando existe na mente um verdadeiro governo próprio, as ideias podem ser ordenadas de conformidade com sua natureza. Dentro de qualquer plano que se formule, é possível configurar todo o esquema concernente à imagem, ou seja, à ideia concebida. Fica dessa maneira perfeitamente determinada a finalidade que se persegue com cada uma delas, e seu resultado, ao serem levadas à manifestação, ou seja, à prática, existe maior probabilidade de êxito. Se uma ideia, logo após concebida, fosse considerada como inviável ou de escassa importância, seria apenas necessário eliminá-la do plano mental e, dessa forma, sem gasto algum, o esforço seria concentrado na realização prática de outra.

Este método, que pode ser aplicado a todas as atividades da inteligência – esteja ela voltada para as ciências, as artes, a literatura ou a política, como também para a indústria, o comércio ou alguma outra profissão –, economiza tempo e evita as fatigantes elucubrações mentais sobre projetos e ideias que, ao se mesclarem e se confundirem entre si, se tornam quiméricas ou irrealizáveis. A formação prática das ideias, com o respectivo ordenamento, facilita em sumo grau o trabalho executivo da inteligência. O primordial é que exista em cada propósito o

sentido mais aproximado da realidade, a fim de que possa ser cumprido sem maiores obstáculos.

O método experimental de referência para o ordenamento das ideias conduz ao domínio dos pensamentos e torna mais eficaz a intervenção do juízo na solução e utilização deles, visto que, mediante sua aplicação, cada um pode ser consciente do que pensou realizar, de suas ideias e, sobretudo, de sua capacidade para fazer com que sirvam aos propósitos de sua inteligência.

FATORES DETERMINANTES DO COMPLEXO DAS SITUAÇÕES HUMANAS



De uns tempos para cá – e de forma mais acentuada que em qualquer outra época da História, em razão de suas características alarmantes –, vem-se notando no ambiente do mundo um verdadeiro afloramento de inquietações de diversa índole, com traços marcantes de violência, que agitam o espírito humano.

A que obedecem tais inquietações, bem como as repetidas manifestações turbulentas que se promovem de um a outro ponto da terra? Que pensamentos impedem os homens de viver em paz, em harmonia com seus semelhantes e tranquilos com suas consciências e seus interesses? Que germe maligno se introduz nas mentes humanas, fazendo com que elas, em torturantes desvios, compliquem as situações e multipliquem os problemas, quando mais necessárias são as soluções e o entendimento mútuo? Porventura isso não será devido ao fato de que as almas se intoxicam vivendo nas cidades, onde mal existem espaços que não estejam já ocupados pelos milhões que as habitam? Acaso não estará ocorrendo que a perda do contato com a Natureza, ou seja, com o campo, as montanhas, o mar, pouco a pouco vai insensibilizando os seres, endurecendo seus corações e fazendo com que suas mentes se tornem agressivas? Na verdade, o ritmo acelerado da vida, as obrigações de toda classe e as múltiplas atenções impostas pelo ambiente social pervertem, de certo modo, o sentimento que antes caracterizou a vida das famílias, quando não havia tantas pressões para cumprir as exigências do viver diário.

O fato é que existe, por todas as partes, um nervosismo e uma ansiedade coletiva, configurados numa série de curiosos aspectos, e que custa muito acalmar. Diríamos que, tão logo é satisfeita uma necessidade, uma exigência ou um desejo, surgem de imediato outros que, com maior insistência, exigem ser atendidos e resolvidos, muitas vezes em prejuízo da justa medida, das conveniências e do bom senso.

Tudo isso mostra que estamos atravessando um dos períodos mais críticos e angustiosos da história humana. Por todas as partes, percebe-se, como dizíamos, uma situação de anormalidade poucas vezes observada no curso da História. A humanidade parece estar se debatendo num daqueles estados incertos de onde seria possível ascender a um estado superior, que significaria o que vulgarmente se convencionou chamar de salvação do mundo, ou então precipitar-se num caos, cujas proporções é muito difícil predizer. Pensando bem, não é concebível que, sendo a vida humana relativamente curta, haja os que prefiram encurtá-la ainda mais, perdendo-a prematuramente, tal como se vê nas guerras, nas revoltas e nos mil incidentes que a intolerância e a violência causam.

Deveriam ser definidos, pois, de uma vez por todas, quais são os fatores determinantes do complexo das situações humanas, o qual tantos males acarreta, para buscar o remédio, se é que já não foi achado, que ponha fim a tanta desdita e a tanta dor, como a que está suportando o homem, sobretudo nesta última década. É necessário que voltem a renascer a confiança, o entusiasmo e a fé no futuro, e, para que isso ocorra, será preciso trabalhar intensa e incansavelmente, a fim de conquistar a paz com sacrifício e sem esquecer a compreensão extraída de todos os acontecimentos passados, para poder assim reformar a conduta dos povos, fazendo com que se conduzam sem receios nem desconfianças, com nobreza e dignidade, pelo caminho que cada um deve percorrer do nascimento à morte, cumprindo uma lei que cabe a todos os homens respeitar por igual, precisamente por lhes ter sido imposta para realizar seu destino.

De uma análise que se faça da essência dos fatos históricos, depreende-se que esses fatores determinantes – assim como os problemas que surgem de todo encontro entre a realidade daquilo que é inviolável e a aplicação do critério sobre o que o entendimento considera real para sua conveniência – estão configurados na tendência a desviar-se das leis naturais e das normas fundamentais de convivência pacífica entre os povos. O rio pode transbordar de seu leito natural, porém a realidade o faz retomá-lo, já que não poderia conservar sua correnteza regular fora dele.

Tarde ou cedo a realidade corrige todo desvio que atente contra o que é estável e fixado por leis inexoráveis.

CONDIÇÕES E PERSPECTIVAS DA INTELIGÊNCIA



Quando analisamos as questões sociais e observamos a incapacidade de tantos para progredir na vida, chegamos à conclusão inevitável de que os seres humanos se acham situados em dois grandes campos de atividade mental diferente.

No homem medíocre, o desenvolvimento das faculdades é nulo, já que não há nele preocupação nem vontade para o melhoramento das condições próprias; tudo fica por conta da iniciativa alheia. Diríamos que, nesse tipo de seres, a mente é um campo que a falta de cultivo e de atenção pessoal torna infértil; muito pouco ou nada costuma crescer nessas terras áridas, onde os pensamentos parecem estar enraizados em épocas aborígenes.

É este o ente humano cuja capacidade intelectual quase que só responde aos fins de atender, e nem sempre com eficiência, aquela atividade à qual se dedica. E dizemos aquela para precisamente ressaltar que é costume seu ocupar-se de uma coisa só, nada mais, quer seja um emprego, um negócio ou uma profissão. Daí que sua vida se ache em permanente perigo de sofrer bruscos reveses, visto que, sendo apenas uma a atividade que realiza, esta lhe absorve a vida inteira, e, no caso de ele fracassar nela, fracassará também sua vida.

Isto não ocorre com aqueles que atuam no outro campo de atividade, onde a vida não se resume numa ocupação ou numa única preocupação. Referimo-nos aos que, num constante anelo de superação, se capacitam para ampliar a existência própria em múltiplas atividades. Nestes seres, as prerrogativas da inteligência são amplas e ilimitadas; muito raramente se tem notícia de terem eles fracassado, como é frequente e observar nos do primeiro campo. E por que acontece isto? É que a vida, ao multiplicar-se em diversas atividades, mantém a soma das forças do espírito, de tal forma que ela se identifica com cada uma dessas atividades e cada atividade, por sua vez, se identifica com um fragmento dessa

mesma vida. Se chegassem a fracassar em algum desses fragmentos, isso passaria despercebido em relação ao volume que sua vida adquiriu no conjunto de suas atividades, e os triunfos obtidos em uma delas lhe permitirão passar por cima dos contratempos sofridos nas outras.

Poderíamos perfeitamente dizer, ao estabelecer a diferença que existe entre os dois campos de atividade mental, que, enquanto num deles a vida é restrita e estéril, no outro ela é ilimitada e fecunda. Não existe lei que impeça alguém de atuar neste último campo; para ninguém há exceções neste sentido. Eis então como se revela a justiça universal no âmbito das possibilidades humanas. As condições e prerrogativas da inteligência se abrem a todos por igual, mas depende de cada um que elas cumpram suas altas finalidades e se definam como valores inalteráveis e permanentes do espírito humano.

O LIVRO NA EDUCAÇÃO DA HUMANIDADE



Desde que foi possível recopilar os pensamentos e ideias dos homens, primeiro em pedra, depois em papiros, e mais tarde por intermédio da imprensa, teve-se a impressão de que grande parte dos seres humanos poderia, por esse meio, receber uma instrução e uma ilustração que, de outra maneira, ficariam relegadas apenas a um reduzido número: àquele que tivesse o privilégio de receber, por via oral, o conhecimento que haveriam de lhe transmitir os que estivessem de posse dele.

A difusão do livro, realizada de um extremo a outro do mundo, foi, é e seguirá sendo o recurso mais eficaz para que os povos se conheçam entre si, estudem seus costumes, seus avanços, suas características típicas, etc., como também para que todos, sem exceção, possam compartilhar os benefícios que cada descobrimento científico proporciona e também as grandes conquistas na evolução do pensamento, naqueles pontos em que a civilização acentua seus progressos em consecutivos avanços na conquista do bem e da felicidade.

Na atualidade, em todas as nações do mundo existem bibliotecas enormes, consideradas orgulho da cultura e expressão das altas inquietudes que movem o espírito da nacionalidade na busca do aperfeiçoamento em todos os sentidos, visando ao engrandecimento dos respectivos países. Entretanto, convém ressaltar que, entre os milhões de livros que circulam, nem todos – talvez venha ao caso dizê-lo – contêm ideias construtivas ou de alta finalidade moral, intelectual ou social. Naturalmente, para uma inteligência preparada, o fato de haver livros que carecem de utilidade ou valor prático tem pouca ou nenhuma importância, pois está em condições de escolher os melhores; o mau, e até pernicioso, acontece com aqueles que, sem preparação alguma, sem um juízo amadurecido no estudo, sem disciplina intelectual, escolhem ao acaso quaisquer livros, sejam eles bons ou ruins, dando muitas vezes a estes últimos uma marcante preferência. Daí a necessidade, tão

profundamente experimentada nos países civilizados, de fomentar o estudo e ensinar até mesmo às classes mais humildes a pensar. Trata-se de uma preocupação que sempre existiu, por ser bem sabido quão indefesas são as pessoas que não pensam, e como é fácil levá-las de um extremo a outro, por ser particularidade delas seguir cegamente aqueles que, tendo maior capacidade, as conduzem para cá ou para lá, segundo suas conveniências, seus interesses ou suas tendências do momento.

Permitimo-nos abrir um parêntese e dizer que não se deve esquecer que, entre os homens, há os que pensam bem e os que pensam mal. Entre os primeiros, podemos distinguir ainda, e sem esforço, os que pensam bem acertadamente e os que pensam bem equivocadamente. Tal discriminação permite ver que estes últimos, de curtos alcances na maioria dos casos, pensam sem nenhuma intenção contrária ao bem, mas chegam à paradoxal situação de estar servindo inconscientemente ao mal; noutras palavras: na crença de que pensam bem, estão às ordens do mal, sem que disso se deem conta.

Os que pensam bem acertadamente não limitam seu pensamento ao simples fato de pensar, mas o completam, estendendo os alcances de seu pensar ao cumprimento de altos objetivos de bem e colocando a serviço dele seus melhores empenhos, sua vontade, suas energias, e nisso muitas vezes chegam até o sacrifício. Estes seres são os que jamais fecham seu entendimento ao exame dos fatos, das circunstâncias, dos pensamentos e das palavras, sobretudo daquelas que, vertidas por outros, se relacionam em sua causa e são, não obstante, alheias à sua concepção. Diante de uma iniciativa pessoal, o pensamento de crítica ou de aplauso dos demais lhes serve para corrigir detalhes, omissões e imperfeições, trabalho que possivelmente teria sido difícil de realizar sem o concurso dessas inteligências. Daí que quem pensa com acerto sinta especial gratidão aos que lhe permitem, com a crítica ou o aplauso, aperfeiçoar suas ideias ou projetos, sempre que não lesionem, logicamente, sequer numa mínima parte, a integridade do pensamento exposto. Caberia destacar que, ao contrário disso, os que pensam bem equivocadamente desdenham e rechaçam, para não se darem ao incômodo ou ao trabalho de modificar seus próprios pensamentos, todo juízo adverso, ou, quando muito, permanecem indiferentes a qualquer outro pensamento que contrarie essa forma de pensar adotada, que eles consideram, em sua crença, como a melhor, afirmando-se ainda mais nela ao escutar opiniões concordantes ou aprovatórias.

Se o que expusemos fosse comparado à direção de um automóvel, poderíamos encontrar imagens ilustrativas, como seria, por exemplo, a que surge quando quem dirige, diante dos insistentes avisos que lhe denunciam imperfeições nos pneus ou em qualquer outra parte do veículo, detém a marcha para repará-las, e ainda toma algumas precauções para evitar outras. Eis então a modéstia do pensamento, ao admitir que pode haver um erro ou uma imperfeição suscetível de ser corrigida. Não ocorre isto com aquele que pensa bem equivocadamente, pois sempre supõe que são os outros os equivocados, só se convencendo de seu erro quando os pneus estouram ou se produz no carro outra pane qualquer, coisas que poderiam ter sido evitadas, bastando atender às opiniões ou avisos dados durante o trajeto.

Voltando ao tema que intencionalmente deixamos por uns instantes para fazer algumas considerações que estimamos necessárias, vamos nos referir à importância do livro como elemento de inestimável valor para o assessoramento da inteligência, o fundamento da cultura e a ilustração dos povos.

Uma coisa é o livro em si, e outra, sua leitura. No livro, o autor expõe seu pensamento, seja este da índole que for, com o propósito de fazer os demais participarem de seu conhecimento, de suas experiências ou de suas satisfações, ao entrelaçar numa fina trama o que crê interessante dar a conhecer. Assim, pois, as obras científicas, filosóficas, como todos os textos de estudo, servem para auxiliar o entendimento dos que abraçam uma carreira ou uma profissão, e as literárias, em seus variadíssimos matizes, tendem por sua vez a regozijar o espírito no mundo das ideias, das belezas naturais e panorâmicas, ou no da fantasia.

É indubitável que quem escreve um livro experimenta uma série de sensações que estimulam fortemente sua vontade e seu entusiasmo; mas nem tudo o que sua observação percebe acerca do mundo, da Natureza, dos homens ou das coisas, e nem tudo o que aparece manifestando-se no espaço de sua concepção mental, no instante da criação, é consigna do no correr da pena. Pode-se muito bem afirmar que isso sempre ocorreu e continuará ocorrendo, quer dizer, o que o autor escreve é só uma parte daquilo que ele pensou escrever, não obstante ter a sensação de que nada escapa à sua recordação no momento de materializar seu pensamento no papel. A ideia em si, surgindo

luminosa na concepção mental, não é a mesma coisa que a fotografia que a inteligência tira dela para ser descrita depois em caracteres frios, procurando fazer com que conserve fielmente a forma e o fundo do que fora concebido. Indubitavelmente, a diferença é notável, apesar do afã que se põe na referida descrição da ideia.

Ocorre algo semelhante quando, na volta de uma viagem, são relatadas aos amigos, com todo o tipo de detalhes e segundo o juízo de quem relata, as maravilhas, as paisagens ou lugares visitados, e que impressionaram vivamente o espírito. Os que escutam, como é natural, não poderão participar além de uma mínima parte das sensações experimentadas na realidade; isso não impede, contudo, que algum dos que têm oportunidade de escutar o relato, interessando-se em conhecer as maravilhas descritas, decida experimentar por si mesmo idênticas sensações. O relato, neste caso, teria servido como estímulo para conhecer e sentir algo que, se a circunstância da narração não ocorresse, seguramente não se teria levado a cabo.

Passemos agora ao caso dos que leem livros. Nestes se produzem curiosas variações quanto ao que extraem dos livros como elemento de juízo. Temos duas ou talvez três classes de leitores. Em primeiro lugar, aquela que inclui os que leem um livro com verdadeiro interesse e concentração, sem nenhuma prevenção, buscando em suas páginas, além do que lhes possa ser útil, a agradável sensação de compreender o pensamento do autor, ou por ser afim com o seu, ou porque, sendo muito superior, cativa seu espírito e o enche de admiração. É muito comum que esta classe de leitores chegue até a dialogar mentalmente com o autor, completando desta maneira muitas imagens que não foram totalmente desenhadas, ou que foram palidamente refletidas no texto.

O bom leitor, o que sabe ler e valoriza o esforço e o pensamento exposto numa obra pelo autor, encontra ao longo de sua leitura as passagens de positivo valor e se interessa por elas vivamente, passando sem se deter por aquelas que, por carecerem de mérito, não chegam a despertar nele igual atenção e deleite. É o mesmo que ocorre quando, viajando por uma estrada, se contemplam paisagens que agradam sobremaneira, e cuja simples vista, ao oferecer motivos justificados para extasiar o espírito, convida a parar; ao contrário, passa-se com indiferença, e às vezes a uma grande velocidade, pelos pontos áridos ou carentes de atração, que de modo algum despertam interesse. Com isto se confirma

a verdade de que a natureza humana, da mesma forma que se mostra afim com as belezas naturais, tem afinidade com tudo mais que se relacione intimamente com a própria natureza.

Prosseguindo com nosso tema, vamos nos referir agora à segunda classe de leitores, que compreende os que mostram gosto pela leitura, mas que, por carecer de capacidade suficiente, de educação e de vontade, ou por não ter juízo formado acerca do valor dos livros, muitas vezes leem sem a devida atenção. A estes podemos somar todos aqueles que, mesmo possuindo vasta ilustração e inteligência, leem aos saltos, folheando os livros sem preocupação alguma com o ordenamento das ideias expostas pelo autor. Tomadas as páginas ao acaso, geralmente se lê e se julga por elas o conteúdo total de uma obra. Isto, como é natural, poderia justificar-se e ser o bastante em se tratando dos livros cujos autores, sendo desconhecidos, ainda não revelaram seus conhecimentos e sua capacidade como escritores, mas não deveria acontecer com aqueles livros cujos temas ou assuntos assinalam rumos ou guardam motivos valiosos e de profundo interesse para o pensamento dos leitores, os quais às vezes ignoram isso, por haver permanecido indiferentes e, portanto, à margem das preocupações contidas em suas páginas.

É provável que a época em que vivemos tenha influído muito para que se leia aos saltos, como dissemos, pois parece não existir mais a tranquilidade que antes havia e que a leitura das grandes obras, que tanto apaixonam o espírito, requer. O certo é que sempre encontramos nos livros, como em tudo aquilo que não foi pensado ou feito por nós mesmos, algo para adicionarmos ao nosso conhecimento, e é desse justo interesse por esquadrihar todas as coisas consideradas de valor para aumentar o saber pessoal que surge, precisamente, o anelo e a necessidade de superar as condições e as possibilidades de aperfeiçoamento individual.

Temos ainda o terceiro caso, que agrupa os leitores que só vão aos livros e aos textos de grande difusão, nem sempre traçados pela boa pena. Referimo-nos às obras passionais ou policiais, como também às que difundem certas e determinadas ideologias.

Se levamos em conta que, para as pessoas de pouca ilustração, tudo o que aparece em letras de forma é a verdade, fácil será compreender como podem ser danificadas suas mentes, ao fazer uso dessa literatura “barata” que, por ser perniciosa, tão caro custa, já que é muito difícil de

ser extirpada da mente dos tantos que admitem tudo que leem, justamente por não ter a capacidade necessária para discernir o bom do mau, o justo do injusto e o conveniente do inconveniente.

Tudo isto dá motivo para que surja a necessidade de que nas bibliotecas públicas, nas academias e centros de estudos seja fomentada a leitura daquelas obras que mais contribuam para alicerçar a cultura e a preparação do público leitor. Com isso, muitos chegariam a interessar-se pelo conhecimento dos bons livros, e seriam eliminadas muitas causas, entre as quais a falta de tempo para o exame de obras escritas, que tornam cada vez menor a dedicação à leitura, sendo ela tão necessária para serenar os espíritos.

A missão do livro na educação da humanidade é grande e respeitável; por isso, cabe esperar que, no futuro, ele vá se impondo como uma necessidade que a todos diz respeito por igual. É o livro o veículo que, conservando o pensamento nele exposto, permite que as gerações possam nutrir-se, servindo assim aos fins da civilização e ao progresso cultural do mundo.

AS EMOÇÕES SUPERIORES DO ESPÍRITO



Muitas e variadas são as emoções que o ser experimenta durante sua vida; tristes ou alegres, duras ou ternas, alternadas umas, contínuas outras, poucas, muito poucas vezes essas emoções são evocadas para discernir sobre seu encanto, suas causas ou suas consequências. Elas passam, pois, por sua vida como tantas coisas que raramente a consciência registra com o fim de perpetuá-las na recordação.

Entretanto, o que matiza a vida psicológica são as emoções, despertando entusiasmo quando são gratas, ou provando a resistência do ser quando são adversas. Se ele não as registra, é porque não tem, verdadeiramente, um conceito formado sobre o que tais emoções representam, nem uma clara noção da função que desempenham no jogo dos fatores que configuram sua psicologia. Isto fica evidenciado no fato comum e frequente de que as emoções, sejam simples ou fortes, mesmo que comovam ou impressionem, não têm nenhuma significação especial para quem as experimenta.

Para a Logosofia, todas as emoções felizes, e por isso mesmo gratas ao coração humano, podem ser agrupadas numa só; do mesmo modo acontece com as emoções ingratas ou amargas. Temos, assim, as emoções associadas em dois diferentes grupos: o primeiro é o das emoções que fazem experimentar a bênção de um momento feliz, somando à vida algo que, mesmo que não possa ser definido concretamente, representa como que uma força que, impondo-se à totalidade do ser, fertiliza seu campo de possibilidades e faz florescer nele os mais vivos e promissores ensinamentos. Bem se pode dizer que esse algo é o que sustenta a existência do homem em todas as agitações e contrariedades por que passa. Estas emoções ampliam a vida, tonificando-a e fazendo que experimente, às vezes em breves lapsos, as belezas da existência. O segundo grupo de emoções, o que entristece e quebranta o ânimo, oprime e desvitaliza física e psicologicamente a vida.

Não existe pessoa alguma que não tenha passado, com maior ou menor intensidade, por esses estados de emoção, mas para a imensa maioria todos eles obedecem a causas umas vezes fatais, outras vezes providenciais, sem que a vontade individual intervenha para nada, segundo se considera.

Não vem ao caso rebatermos aqui este juízo tão comum; mas o certo é que podem ser proporcionados voluntariamente ao próprio espírito muitos momentos de emoção feliz, que não apenas se contraponham aos efeitos prejudiciais daqueles que são desagradáveis, mas que cumprem ao mesmo tempo uma missão útil, qual seja a de estimular e fortalecer em alto grau as inclinações e impulsos naturais do espírito. Cultivando, pois, estas emoções superiores que, superando as comuns, oferecem os instantes mais doces e ternos da existência, o ser sente e acentua um profundo amor aos deveres que as funções reitoras de sua espécie lhe impõem. É nessas circunstâncias, quando a compreensão se abre aos eflúvios do conhecimento, que se experimenta a necessidade de estender ao semelhante o bem obtido como resultado de uma maior realização daquelas emoções superiores, que tanto aprazem à nossa natureza sensível.

Na realização de obras de bem, cumpridas no vasto campo das aptidões humanas, é que se multiplicam as emoções de índole superior. E nada há que sustente e fortaleça mais o ânimo do que a vivência das emoções e sua reprodução em novas e fecundas realizações, nas quais a consciência aprova os gestos ou os atos que tenham um fim nobre.

Finalmente, no quadro das perspectivas psicológicas comuns, tão rico em matizes, temos uma infinidade de recursos que, sendo utilizados inteligente e conscientemente, permitem alcançar uma plenitude espiritual impossível de conseguir sem recorrer ao conhecimento, que é o que capacita cada um para que descubra, em si mesmo, o agente causal e inspirador do próprio destino.

ORIENTAÇÃO PARA A VIDA

Como fazer a inteligência produzir o máximo de rendimento



A desorientação que, no trato com uns e outros, é percebida em grande parte dos homens com respeito ao futuro, reside no fato de que pouquíssimos são os que sabem o que farão no dia seguinte ou nos demais, ou nas horas ou minutos que terão disponíveis, uma vez livres das preocupações rotineiras. É esse tempo, precisamente, o que em geral se perde em divagar ou em coisas triviais.

Isso revela a ausência de disciplina intelectual, o que impede o ordenamento das atividades da inteligência. Paralisada esta pela intromissão de pensamentos estranhos à sua função reitora, deixa de atuar em tal função, perde vigor e elasticidade, ficando finalmente reduzida a uma ação vegetativa.

É uma verdade inegável que, para assegurar à inteligência uma atividade constante, útil e construtiva, é preciso preparar o campo mental de forma adequada, tal como se preparam os campos da lavoura, arando a terra e semeando o cereal, a fim de assegurar o trabalho na época da colheita e, ao mesmo tempo, os benefícios a obter com sua comercialização, não cabendo a menor dúvida de que, para chegar a resultados favoráveis, esse processo deve inevitavelmente ser cumprido.

No campo mental acontece o mesmo, mas convém ter em conta que, embora o cultivo das faculdades por meio do estudo represente a preparação que depois culmina na obtenção de um título para exercer uma profissão, isso não impede que, conseguido o primeiro resultado, se continue com o cultivo da inteligência, aperfeiçoando todos os outros resultados que se forem alcançando, para que, gradualmente, pela acumulação de conhecimentos, seja edificada uma vida ampla, sólida e feliz. E, como os seres humanos desenvolvem diversas atividades – o que significa que, enquanto uns se dedicam a uma, outros se aplicam a outra –, o princípio

de preparação do futuro vigora para todos, sem exceção. Vemos, assim, que é necessário, para o desenvolvimento de atividades futuras, criar pensamentos e construir ideias que sejam arquétipos fiéis para a inspiração; que sirvam para impulsionar a vontade na realização do que foi concebido. Logicamente, a inteligência desse modo se proverá de energias e desenvolverá uma função importantíssima na direção dos trabalhos que, até alcançar a culminação do objetivo perseguido, deverão ser executados.

Se não existisse o pensamento que anima o espírito e o move ao desenvolvimento de uma atividade dirigida à conquista de um propósito, estimulando e fomentando com tais perspectivas as aspirações do ser, não haveria tampouco oportunidade para que este dedicasse a tal atividade seu tempo livre, porquanto faltaria, como dissemos, o motivo ou causa que a promovesse. Tomemos, por exemplo, duas pessoas que realizam um determinado labor diário. Enquanto uma conforma sua vida ao cumprimento de sua obrigação e depois se despreocupa de todo movimento individual, não ocupando suas horas de descanso em nada além de distrações triviais e coisas sem importância, a outra preenche essas mesmas horas capacitando-se em atividades que a conduzirão, após o indispensável processo, a uma melhor posição. Chegará, assim, o dia em que uma haverá dado um grande passo adiante, enquanto a outra permanecerá estancada.

O operário que se especializa em alguma técnica, o pequeno industrial que estuda como ampliar as perspectivas de sua indústria, etc., revelam que existem possibilidades no ser, mas, sendo elas de exclusiva incumbência individual, convém a cada pessoa fazer com que tais possibilidades lhe abram o caminho do aperfeiçoamento a que ela aspire dentro dos diferentes campos que a vida oferece. Todos, pois, devem utilizar seus naturais recursos e, ao mesmo tempo, fazer que estes se reproduzam, empregando-os com inteligência, de tal forma que eles sejam inesgotáveis. É esta uma orientação clara e precisa, que, sendo meditada com boa disposição de espírito, haverá de inclinar os homens a um maior aproveitamento do tempo, fazendo com que possam, seguindo esta mesma linha de conduta, edificar seu futuro em melhores condições, principalmente se têm em conta que os que mais se destacam no próprio aperfeiçoamento sempre são os mais úteis a si mesmos, à sua família e à sociedade.

AS FORÇAS POTENCIAIS DA CRIAÇÃO

O homem diante de seus desígnios



Existe uma lógica superior que não foi alterada no curso dos séculos. Essa lógica se mostra no fato de que, totalmente à margem dos pensamentos e das ações dos homens, determinantes de tudo quanto concerne à humanidade e ao mundo no qual eles vivem e desenvolvem suas atividades, um mecanismo universal se move, aciona e cumpre os grandes objetivos da Criação, um mecanismo regido por leis e princípios de essência eterna, sendo, por conseguinte, de caráter permanente e inalterável. Assim, pois, todas as vezes que as ambições humanas e seus excessos pretenderam invadir o campo das forças potenciais da Criação, estas devolveram o extravio dos homens ao correspondente bom senso, não sem antes fazê-los experimentar os terríveis castigos que, por tal infração, fizeram por merecer; castigos que se traduzem nas calamidades que trazem como saldo as guerras, com suas epidemias morais e sofrimentos, que devem ser enfrentados até que os desvios consumados tenham sua justa reparação.

É este, e não outro, o caso atual e o momento crucial que a humanidade está vivendo em seus titânicos esforços para encontrar a solução para os múltiplos e complicados problemas criados pela insensatez e pelo esquecimento de que, acima dos poderes que os homens em determinados momentos creem possuir, existem forças potenciais que não admitem interferência alguma em seus domínios, nem tampouco nos planos que o Gênio Universal traçou para ser cumpridos inexoravelmente por todos os seres vivos da Criação, sejam quais forem as hierarquias e espécies em que estejam incluídos.

O gênero humano paga caro, muito caro, quando aqueles que estão circunstancialmente em posições de privilégio dão rédea solta a veleidades que, ao extraviá-los, os levam inevitavelmente de encontro a esse poder que termina por fulminá-los, e com eles grande parte de seus semelhantes, porque a reação das forças que mantêm a ordem universal, pela própria índole da sua função, quando atuam não discriminam quem é culpado e quem é inocente. Para isso, os próprios homens criaram suas leis e sua justiça; eles têm, portanto, como discernir a responsabilidade dos culpados e a reparação devida às vítimas.

O processo de Nuremberg parece estar confirmando a verdade disso, em momentos em que o ultraje à natureza humana, aos sentimentos, ao pudor e à dignidade do homem chegou a limites inconcebíveis. Porém, enquanto esse processo, para o qual estão voltados os olhos de todo o mundo, torna públicos os fatos perante o mais alto tribunal constituído na história da humanidade, os povos, e deles os homens mais capazes, devem trabalhar infatigavelmente para dominar, antes de tudo, o mal que, com inesperado recrudescimento, pôs em perigo a própria existência da raça humana.

Grave e enorme é, por conseguinte, a responsabilidade que compete aos homens desta geração, os quais, lutando com todo o fervor que a consciência da hora crucial que vivemos dá à alma humana, dispõem-se a dominar e vencer para sempre o pensamento infernal transformado em legião, há anos empenhado em minar as mentes dos seres com o sinistro desígnio de esterilizar suas vontades e submetê-los à mais irreparável de suas desgraças: a barbárie.

Não é possível pensar que a estas horas, depois de ter consciência dos fatos consumados contra a semente humana, ainda haja alguém que não sinta em sua mente e em seu coração a necessidade de contribuir, na medida de suas possibilidades, para erguer o próprio espírito e o de seus semelhantes acima de todas as misérias, a fim de restituir, como anseiam todos os habitantes da terra, a liberdade, a justiça e a paz a que todos têm direito, sem exceção alguma, para que, mediante uma evolução consciente e um conhecimento cada vez mais amplo de suas responsabilidades, o homem possa, sem travas nem afrontas, cumprir o trajeto que lhe foi assinalado e transpor as distâncias que medeiam entre ele e seu Criador.

OS PENSAMENTOS NO CONFLITO DAS IDEIAS



A grande experiência que a humanidade teve de sofrer, e da qual ainda não saiu, porquanto continuam os efeitos do sacudimento mental e psicológico que comoveu os alicerces da civilização atual, confirmou – e essa confirmação é reproduzida dia após dia – que os pensamentos desempenham o papel mais importante na existência humana. E, no enorme acervo de observações realizadas a propósito das múltiplas circunstâncias em que o alcance e a força deles se estabeleceram, aparece um fato que assume nestes momentos um valor de imensurável transcendência. Este fato é o que mostra que, ao serem invadidas as mentes dos homens pela sugestão de correntes ideológicas até então estranhas à sua natureza e aos seus sentimentos, não se fez esperar a reação promovida em muitos por seus próprios pensamentos, os quais, enraizados em convicções profundas, defenderam sua posição contra aqueles outros pensamentos que ameaçavam exterminá-los.

Também pudemos observar, ao contrário disso, os que em milhares de casos, influenciados por essas correntes ideológicas, vacilaram e ainda se deixaram arrastar um trecho seduzidos por uma espécie de fatalismo inexplicável. Mas isso só durou até que reagissem os pensamentos que havia tempos se tinham consubstanciado com o próprio espírito, desembaraçando-se dos que pretendiam se apossar de suas mentes e de suas vontades.

Este fato revela quão grande é o espírito de conservação da espécie e a força dos sentimentos que surge no homem pela compreensão dos deveres que lhe correspondem, em favor de sua existência e de toda a família humana.

A grande experiência pôde alicerçar, no consenso de todos os povos da terra, o grande ideal que flui dos mais elevados princípios para os quais as aspirações humanas convergem: a perfeição, por intermédio da evolução e do conhecimento das leis que regem a Criação.

Nada, pois, que altere a ordem existente, sobre a qual repousa a segurança que ampara o livre desenvolvimento das atividades humanas, poderá exercer permanente influência sobre a alma dos homens. Pelo contrário: circunstâncias dessa índole haverão de servir sempre para reafirmar neles a compreensão de seus deveres para com Deus, com os semelhantes e consigo mesmos.

Eis então, sinteticamente expressado, o pensamento que haverá de presidir, sem abdicar jamais, o juízo de todos os homens que chegaram a certo amadurecimento espiritual.

UM LUGAR PARA TODOS



O último lustro transcorrido, durante o qual houveram de ser lamentadas as terríveis consequências do recente conflito bélico, foi, por outra parte, exuberante em motivos, circunstâncias e fatos sobre os quais poderão ser feitos profundos e amplos estudos, que indubitavelmente servirão – pois para isso deverão tender – ao melhoramento integral da espécie humana, e que a protegerão contra o mal, nas múltiplas formas em que este se manifesta.

Parece mentira, por ser inconcebível, que, sendo a natureza tão pródiga e a terra tão vasta, ainda não tenha sido possível encontrar um lugar onde cada homem possa viver sem necessidade de disputá-lo constantemente com outros, por não se ter achado até hoje a forma de garantir, mediante rígidas leis humanas, a ordem, a justiça, o direito e a liberdade de cada indivíduo e, por conseguinte, de todos os povos que habitam e constituem o mundo.

O contraste que existe entre a vida do campo e a da cidade parece querer indicar que, quanto mais o ser humano se afasta do contato com a natureza, mais se artificializa e automatiza, perdendo, assim, grande parte de seu aprumo e generosidade. Daí que seja dado ver, muitas vezes, até onde chegam os egoísmos e os pensamentos com marcantes matizes de violência, que caracterizam a intolerância.

Se cada um buscasse seu lugar para viver no mundo e se achasse tão feliz de ocupá-lo quanto de ver os demais ocupando felizes os seus, a vida se tornaria plácida e grata para todos; mas bem vemos, por toda a parte, claros indícios da comoção que hoje os homens experimentam, por querer mais do que lhes corresponde, ou por pretender ser mais do que em realidade são. Diante deste quadro de incompreensão humana, diríamos que haverão de estilhaçar-se todos os esforços em prol de um aperfeiçoamento in crescendo das leis e das instituições; entretanto, não é assim, visto que, à medida que se criam as dificuldades, surge a exigência de soluções que o homem deve buscar por todos os meios

a seu alcance, a fim de fazer frente às consequências de seus erros ou desvios. Isto propiciará a sustentação de novas formas que conferem as necessárias defesas para o gênero humano, em sua condição de seres superiores a todos os que habitam o orbe. Desta maneira, chegará o dia em que poderá haver um lugar para cada um na terra, sem que deva ser disputado pelo semelhante.

O advento dessa era se dará quando o homem souber compreender qual é seu lugar no meio em que vive, na sociedade que integra e, enfim, dentro do próprio mundo onde cada ser, sem perigo de se equivocar, haverá de alcançar a consciência da posição que lhe cabe assumir.

AS CRISES HUMANAS NA EVOLUÇÃO DOS HOMENS E DOS POVOS



Quando, em trabalhos anteriores, dissemos que estas eram horas de reflexão, fizemo-lo com a convicção de que dessa reflexão haveriam de nascer não poucas explicações, que exaltariam o espírito rumo a uma compreensão mais ampla e profunda das situações humanas, no conjunto das circunstâncias que concorrem para o desenvolvimento da vida nos variados e importantes aspectos em que ela se configura.

Em seu constante ir e vir por este mundo, o homem conquista muitos bens espirituais, morais e materiais, que depois perde se não sabe fazer deles o devido uso, ou abusa das perspectivas que tais bens lhe abrem no terreno de suas possibilidades. Entre esses bens, existe um que, indubitavelmente, é o que dá conteúdo à vida e permite a ela alcançar seu mais alto expoente no homem como ser racional e espiritual: a liberdade.

É este um bem que, justamente por dar à vida seu conteúdo essencial, pode qualificar-se como supremo, pois enquanto é desfrutado existe paz e alegria em todos os corações.

O que provoca o perigo de perder essa liberdade, temporária ou definitivamente, é, repetimos, o abuso ou mau uso que dela se faz, o que ocorre por não se considerar, ou por se esquecer ou ignorar, que a liberdade deve ser cercada pelo máximo de garantias e pelo mútuo respeito entre os homens e os povos.

A liberdade, que é o fruto de uma conquista que o homem fez ao cultivar sua inteligência, elevar sua moral e estender a cultura por todos os pontos da terra, contribui para manter o equilíbrio entre seus deveres e seus direitos. Por exemplo, se tomamos o caso de um homem que, no aspecto econômico, vive folgada e livremente graças a ganhos que cobrem seu orçamento e lhe permitem desfrutar um saldo positivo, temos que, a não ser por motivos de força maior, ele sempre estará em

condições, nesse particular, de se desenvolver com liberdade. Mas se, em determinada circunstância, começa a exceder-se nos gastos – não porque se vê obrigado a isso, mas porque, desviado de sua realidade, confia em novos proventos ou numa capacidade que não tem para livrar-se de dificuldades –, chegará um momento em que seu *superavit* se terá esfumado, e se verá em sérios apertos para cobrir suas despesas.

As consequências estão neste caso bem à vista, porquanto à medida que se foi criando e ampliando o problema econômico, que antes não existia, a liberdade desfrutada até então foi-se limitando, ao estreitar-se cada vez mais dentro de um círculo em que a existência se tornou cada dia mais precária.

Pois bem, para reconquistar essa liberdade perdida, será necessário voltar aos caminhos da anterior conduta administrativa, empenhando-se com redobrados esforços, e até com sacrifícios, para alcançar a situação que foi perdida por culpa da imprevisão.

O que acabamos de expor pode ser aplicado a todos os aspectos da vida do homem e dos povos, e merece ser tido em conta, porquanto se sabe quanto custa voltar a desfrutar a liberdade quando ela foi perdida, por dela se ter abusado ou feito um uso indevido.

Os homens e os povos nasceram para ser livres, e, quando forças estranhas ou alheias a suas vontades ameaçam extinguir essa liberdade, a alma humana sobrepõe-se a todas as contingências e a todos os sacrifícios, para que ela seja como deve ser; como é: um bem supremo, que ninguém poderia renegar sem prejudicar seriamente sua natureza humana e seu destino.

PROBLEMAS CAPITAIS DA INTELIGÊNCIA HUMANA



Ao observar as enormes dificuldades que se apresentam aos homens de Estado que têm a seu cargo a reorganização do mundo, muitas são as reflexões que surgem como imperativos naturais do momento que estamos vivendo, para explicar o porquê das questões que são suscitadas entre aqueles que devem encarar os mais árduos problemas que a perspectiva atual da humanidade apresenta. Uma delas assoma com frequência ao mirante de nossas ideias, para nos mostrar o cenário do mundo com marcante expressão de sublime caridade. Com efeito, mais de uma vez, para não obscurecer a razão com as grandes e densas nuvens que costumam preocupar além da conta a sensibilidade, tivemos de imaginar os homens que fazem e desfazem o mundo a seu capricho, como aquelas crianças que, tão logo acabam de armar o complicado mecanismo de um dos seus tantos brinquedos, por qualquer motivo o desmontam, para voltar a ele mais tarde e começar a tarefa novamente. O caso em questão nos apresenta algo parecido a um enorme quebra-cabeça que, para ser montado, exige a colaboração de muitos ao mesmo tempo, ocorrendo, porém, que ninguém está de acordo quanto à colocação das peças, pois cada um considera que a encontrada por ele é a que justamente falta para completar, ou pelo menos adicionar algo mais à formação da imagem que se quer construir.

Na verdade, até parece – e isto poderia ser atribuído a uma ironia do destino – que esse quebra-cabeça mundial, que se compõe de uma infinidade de peças, multiplicou o número delas numa quantidade muito maior de pequenas peças, o que na realidade complica mais o assunto, já que, em assim sendo, é preciso montar primeiro cada uma das peças grandes, para só então colocá-las no grande tabuleiro.

Esta observação nos parece bem ajustada ao caso, visto que as grandes peças viriam a ser as que os construtores da nova humanidade estão descobrindo no terreno das relações internacionais, e as pequenas partes dessas grandes peças seriam as que são descobertas no cenário interno – político, social, econômico, etc. – pelos homens que têm a seu cargo a organização dos respectivos países.

Outra das reflexões que costumam tomar corpo em nossas horas de preocupação, já que não podemos permanecer alheios às aflições pelas quais a humanidade está passando, é a que se promove ao pensarmos que, se a ignorância jamais foi precursora do progresso, menos ainda se pode pregar o retorno às formas primitivas de existência para recuperar o equilíbrio perdido, pois isso significaria retroceder milhares de anos e, ao mesmo tempo, privar as gerações futuras de desfrutar os progressos que as de hoje foram capazes de conquistar. Tal consideração surge a propósito daqueles que, negando sistematicamente os avanços realizados até o presente, pretendem substituí-los por outros, a modo de descobrimentos providenciais. Isso equivaleria a nos colocarmos na situação de destruir as linhas férreas e todos os tipos de veículo automotivo, por supormos que afetam a evolução humana, o que traria por consequência a necessidade de que o povo em geral se movesse de um ponto a outro como nos tempos primitivos, por meio de carroças. O que aconteceria, então? Aconteceria que a inteligência humana, sempre ativa, impelida pelo afã de solucionar o problema do transporte, voltaria a descobrir a estrada de ferro e os veículos motorizados, os quais talvez surgissem, para as gerações futuras que não os tivessem conhecido, como novas e estupendas descobertas. Ideias similares a esta nos mostram o constante fazer e desfazer em que os homens se debatem, em vez de buscar soluções por meio de compreensões e procedimentos mais amplos, soluções que proporcionem facilidades mútuas, e não obstáculos, para o desenvolvimento da vida individual.

A humanidade já passou por bruscas e terríveis transições, havendo a última delas degenerado numa tragédia que podemos muito bem conceituar como a maior entre as sofridas no transcurso dos séculos. Seu estado de convalescença é, portanto, um fato inegável, como inegável também é o de que dificilmente poderia suportar uma nova experiência bélica. Os homens que estiveram e estão perto da realidade vivida deram já seu grito de alarme. Isso deve constituir agora

um item de prevenção impossível de ser descuidado por aqueles que estão rearticulando as engrenagens do complicado organismo mundial. A tarefa é imensa e árdua, porém isto deverá servir como o maior estímulo para os que conhecem a evidência da situação reinante, a fim de multiplicar os esforços para que a ansiada paz volte a reinar em todos os âmbitos da terra.

A ORDEM UNIVERSAL



Existe uma ordem universal preestabelecida, que mantém o equilíbrio da Criação em todas as suas dimensões.

A Terra, como parte integrante da Criação, cumpre sua função evolutiva por meio de grandes processos, que se verificam em suas entranhas e em todos os seus confins. O conjunto de suas manifestações físicas se chama Natureza, e é essa mesma Natureza a que, expressando-se num sem-número de variações, mostra à inteligência humana que tudo nela se leva a cabo mediante processos que se efetuam com precisão matemática. À realização desses processos se deve a presença de uma infinidade de maravilhas que a Natureza manifesta aos olhos humanos, e é a eles que o homem deve tudo quanto sabe, pois ao observá-los extrai os mais valiosos elementos para sua iniciativa.

É de lamentar que os seres humanos, excedendo as prerrogativas de seu saber e de suas forças, tenham alterado, como se pode comprovar por meio dos fatos apontados pela história, a ordem existente, porque, tendo esta ordem íntima conexão com a ordem universal, acontece que cada vez que ela é quebrada surgem no mundo cataclismos, guerras, misérias e agitações de toda espécie.

Esta amarga realidade tem-se evidenciado muitas vezes no curso dos séculos, e, a julgar pela frequência com que se tem repetido tal alteração, sobretudo nestes últimos tempos, parece que o homem está cansado de viver neste planeta e busca seu extermínio, a fim de renascer em outro. Que outra coisa podemos pensar, depois de ver produzir-se, no espaço de uns poucos anos, as mais espantosas guerras que a humanidade pôde suportar, e depois de ver também que, não obstante as lições que delas podiam ser tiradas, estamos ainda assistindo a debates internacionais que mostram até que ponto chegou a incompreensão dos seres humanos?

Por que acontecem estas coisas? Que forças fatais são as que lançam esses furacões que agitam a respiração e a mente dos homens, fazendo-os chocar uns contra os outros e retardar seu avanço, lento já, em direção à meta suprema de seus destinos, detendo-os em seus afãs de superação? Que influxo irrefreável move as ações dos homens sob a influência do egoísmo e da intolerância? Que engendro maligno pôde desenvolver-se em suas almas e em seus corações, até convertê-los em instrumento destruidor de sua espécie? Por acaso ainda não se deram conta de que vão se aproximando os dias finais da existência humana? Quanto tempo falta para a tão temida hora apocalíptica do juízo final? Falta o tempo que vá destes momentos até aquele em que os homens que têm nas mãos os destinos da humanidade fechem seus olhos, seus corações e suas consciências, lançando pelo mundo os terríveis e indomáveis elementos que semearão a morte, a destruição e o extermínio total da raça humana. E tudo por quê? Que razões poderiam ser invoca-das, caso isso acontecesse? Seria necessário confessar, e decerto isso seria muito triste, que o homem, e ao dizermos o homem estamos dizendo a humanidade inteira, que constitui sua descendência, declarou-se indigno depositário de todos os bens que Deus pôs sobre a terra para sua felicidade. Porventura ele veio à terra para fazer parte das espécies inferiores? Não; as criaturas humanas que a povoam são também entidades criadoras, que podem, desenvolvendo cada dia mais sua capacidade individual, construir um mundo em que a todos seja possível viver, progredir e realizar seus destinos, cumprindo assim o alto objetivo da existência de cada um. É por essa condição criadora, precisamente, que se torna ainda mais inconcebível que o homem não faça uso de suas prerrogativas, dedicando seus afãs antes a destruir que a criar.

É muito provável, ou quase seguro, que tenha sido o esquecimento das lições históricas o que fez os seres humanos incorrer em erros cada vez mais irreparáveis. Talvez um desses grandes erros, ou melhor, a causa que levou a cometê-los, seja a sedução do poder, e depois a influência nefasta que este exerce sobre o espírito. Exemplos disso temos desde os alvares do mundo. Caim não teria matado Abel se a ambição de converter-se em senhor absoluto não tivesse carcomido suas entranhas. Homens e povos foram reproduzindo o fato bíblico através das idades.

A ideia de dominar e submeter o semelhante é um bacilo mental que parece achar-se em latência em todas as mentes humanas, bacilo que nunca foi combatido com remédios extremos; por ser de características violentas, cada vez que ele faz sua aparição como um mal inevitável ocorrem devastações, guerras e calamidades que assolam povos inteiros. A maldição que caiu sobre Adão, porque quis roubar o cetro do poder supremo ao ser seduzido pela serpente da ambição, foi toda uma realidade, e ainda que o mistério tenha coberto de véus o episódio edênico, o gênero humano veio sofrendo até o presente as consequências daquele primeiro desvio.

O processo das gerações, em harmonia com a ordem universal, demonstra que o homem não pode esquivar-se da influência das leis que o mantêm, e que, toda vez que tenta alterá-lo, deve experimentar, como contragolpe, rudes castigos e não menos duros sofrimentos. Por isso, é de anelar, nestas horas tão aflitivas que vive a humanidade, que a imagem do Criador não se afaste da mente dos homens, e que estes recordem que, se a todos Ele infundiu a vida e a deu também a tudo quanto existe, é dever da criatura humana conservá-la e não cometer o grande pecado de destruí-la em seu próprio semelhante.

OS PROBLEMAS DO ENTENDIMENTO



No curso da vida dos seres humanos, em geral, são suscitados problemas de toda espécie, que a mente humana deve resolver para sair de cada dificuldade ou situação apresentada, provenientes todas de uma série de circunstâncias de que o homem não pode se esquivar, em virtude das atividades que desenvolve e das necessidades de sua subsistência.

O volume e a quantidade de tais problemas é, naturalmente, maior em uns e menor em outros, segundo a dimensão da responsabilidade, e entende-se que eles aparecem à medida que o ser avança em graus de capacidade para enfrentar as situações que logicamente se produzem, ao transpor ele os limites do campo habitual de suas atividades.

Às vezes, os problemas surgem à margem do voluntário exercício do livre-arbítrio. São estes os que concernem a motivos especiais, que se vinculam à vida por uma diversidade de causas. Seja como for, quase todos se apresentam ao entendimento de forma premente; daí a necessidade de a inteligência realizar um treinamento constante, a fim de agilizar o entendimento e facilitar com isso a tarefa de solucioná-los.

Quando um problema é de certa magnitude e deve ser resolvido por partes, ou quando não se encontra a solução que satisfaça à própria inteligência, ele se mantém na qualidade de preocupação na mente e, como tal, pode-se dizer que ali permanece qual sentinela, esperando o momento de ser rendido. Se, por alguma razão, se consegue encontrar uma solução feliz para o problema que preocupa, a mente fica como que em festa, porquanto transmite alegria, otimismo, e o ser em seu todo também experimenta uma alegre sensação de bem-estar. É mais ou menos o que se sente quando, ao estar percorrendo de automóvel um longo caminho, consegue-se consertar um defeito do motor que, inesperadamente, tinha obrigado a interromper a marcha. Nem sempre é possível, nestes casos, valer-se de si mesmo, e, por tal causa, é necessário solicitar auxílio a outros; também pode ocorrer o inverso, quer

dizer, que esse auxílio deva ser prestado aos demais. Isto tem grande semelhança com as atitudes a tomar diante dos problemas em cuja solução a intervenção alheia é, muitas vezes, eficaz.

O fato é que a inteligência do homem deve capacitar-se mais a cada dia, a fim de ser eficiente em sua missão de eliminar as dificuldades que possam surgir diariamente pelas causas citadas. Disto se conclui que o progresso material e espiritual, individual e coletivo, depende muito de como são removidas essas dificuldades, que são as que entorpecem o livre jogo das iniciativas e as que paralisam a potencialidade dinâmica das vontades.

Ainda não se deu o caso de serem realizados estudos práticos – tão indicados em todas as idades – sobre as múltiplas formas que existem de resolver os variados problemas que devem ser encarados no curso da vida. Seriam exercícios de capacitação, que tornariam os homens mais aptos para enfrentar suas lutas diárias e mais úteis à sociedade em cujo seio eles vivam e desenvolvam suas atividades. De nossa parte, pensamos ser oportuno tratar deste ponto numa série de estudos que, não temos dúvida, serão por demais interessantes para a consideração de todos. Neste empenho, confiamos obter a colaboração de todos os que, preocupados com os problemas humanos, se mostrem capazes de contribuir com aquelas iniciativas ou pensamentos que possam ser úteis na busca de soluções. Talvez cheguemos, a propósito dos estudos que venham a ser feitos, a solucionar mais de uma situação, ao oferecer o concurso de nossa cooperação em benefício de um melhor entendimento entre os homens.

A EXPERIÊNCIA COMO FATOR DE PROGRESSO



Entre os milhares de meios com que o homem conta para superar suas condições e contribuir para o melhoramento de sua espécie, merece ser particularizado aquele a que se atribuiu o nome de “experiência”.

Experiência, no sentido cabal da palavra, significa conhecimento adquirido pelo acúmulo de fatos vividos, na participação dos quais se tenha podido chegar à obtenção de ensinamentos extraídos ou recolhidos desses mesmos fatos. Experiência é também o que se vive em determinada circunstância, na qual uma realidade, mais forte do que a própria circunstância, destaca ou assinala a existência de algo que só se percebe ou se descobre ao ser vivido. Eis por que a experiência de um pode servir para outros como ponto de referência e constituir-se, ao mesmo tempo, em elemento de imponderável valor no ordenamento dos pensamentos e na preparação das ações futuras dos homens. Neste sentido, poder-se-ia acentuar até o máximo a expressão do termo, e, em tal caso, a experiência se converteria no agente mágico que tanto pode iluminar as mentes para o bem como cegá-las para o mal. Que outra coisa a humanidade vem demonstrando desde os albores de sua existência? Percorrendo a História, acaso não se percebe que essa possibilidade sempre existiu, em todas as épocas, e que, em mais de uma oportunidade, em lugar de a experiência ser usada para o bem, já que dela se extraem elementos de inestimável valor para ser aplicados em benefício do gênero humano, ela foi utilizada em prejuízo deste, anulando assim o que podia ter sido um meio para avançar no progresso e melhoramento da raça humana?

Das guerras, que poderiam ser chamadas de grandes experiências históricas, os homens não extraíram ensinamentos para evitá-las, mas sim recursos para fazer mais efetivas e catastróficas as seguintes. A paz, anverso da guerra, é por desgraça uma experiência que se dilui nas épocas e que, ao não ter como esta uma execução rápida na dimensão do tempo, oferece maior dificuldade para que dela sejam extraídos os grandes elementos com que preservá-la de toda alteração. Não obstante, é na paz que o homem edifica as mais altas ideias de progresso, e é nela que a humanidade cumpre sua grande finalidade de evolução e aperfeiçoamento. Mas essa paz não deverá ser entendida como algo equivalente a ociosidade, e sim como sinônimo de atividade incessante em todas as ordens da vida, com suas lutas, suas agitações, seus complicadíssimos problemas; enfim, com seus dias aprazíveis e seus dias de soçobra.

Toda experiência é um chamado à meditação, e não pode passar inadvertida àquele que cultivou sua inteligência, nem permanecer indiferente a seu pensamento.

Poderíamos dizer que as experiências constituem a escola prática da vida, principalmente quando às próprias se somam as alheias; e é indubitável que os mais capazes são os que elaboram seu futuro, fazendo-o com base no aproveitamento inteligente delas e mediante o estudo comparativo das circunstâncias que as rodeiam. Antigamente, costumava-se chamar os reis de sábios, e eles o eram por causa de sua vasta ilustração, já que sua preparação, desde a infância, era encomendada a preceptores de grande talento e experiência. Além disso, cercavam-se de um conselho permanente de sábios, dentre os de maior experiência e saber, que os ilustravam sobre cada assunto ou problema de Estado, apresentando-lhes, num relato de fatos bem definidos, tudo o que anteriormente houvesse sido pensado, feito e aperfeiçoado, e cujos resultados pudessem ser tidos em conta e considerados como referências de valor para as decisões a serem adotadas. O tino, a moderação e a veracidade dos relatos eram norma invariável nesse conselho que movia as rodas da história, detendo-se nos fatos que, por sua semelhança com os que eram motivo de suas preocupações, os sábios examinavam antes de seus pronunciamentos definitivos.

No terreno das experiências, aparece em primeiro plano a experiência individual, ou seja, o conjunto de todas as circunstâncias e fatos

que integram a experiência de vida do ser humano. Pode-se definir, também, como a sucessão de experiências que formam, no final, o sumo de todas elas. Segundo seja a evolução alcançada pelo indivíduo, assim serão as consequências e conhecimentos que ele extrairá de cada experiência, tanto das próprias como das alheias, e não há dúvida que as perspectivas futuras de cada um têm muito a ver com o aproveitamento de suas experiências passadas.

Em segundo plano, temos a experiência do lar, em cujo cenário se movem, desde a infância até a velhice, familiares e amigos, formando, por assim dizer, um clima especial para as experiências dessa índole. Vem em seguida a experiência que abarca a sociedade de um povo e que se estende, como sempre se viu, a toda a sociedade humana, pois os povos, como os indivíduos, se comportam quase que da mesma maneira, seja em seus exemplos e virtudes, seja em seus desvios e erros. O lamentável é quando, deixando de lado os bons exemplos e as altas manifestações de progresso e cultura, ambos tomam caminhos opostos, internando-se no obscuro labirinto de exóticas ideologias.

Finalmente, para lá de tudo isto está a experiência universal, ou seja, a grande experiência, na qual fica registrada, ao longo dos séculos e milênios, a passagem da vida universal. Seguir as pegadas que ficam dessa passagem é seguir o caminho da evolução universal, e os homens e os povos, enquanto não compreendam a magnitude desta verdade, haverão de caminhar às cegas, uns obstruindo os outros no caminho que todos, sem exceção, devem percorrer.

A GRANDE MENTIRA



Quando Pôncio Pilatos perguntou ao Mestre o que é a verdade, longe estava de imaginar a transcendência da pergunta e, menos ainda, que nenhuma resposta poderia ser por ele compreendida. Mais lhe teria valido, por certo, perguntar sobre aquilo que ele ignorava por completo, embora sem dúvida acreditasse saber.

Que é a mentira em sua máxima expressão? É a sombra que persegue constantemente a verdade sem nunca alcançá-la, e que, como tal, se esfuma e desaparece quando a verdade se torna transparente; é o nada, que pretende ser algo à margem da Criação e de suas leis. Imitadora infatigável, com seus olhos oblíquos deforma sempre a realidade, pois percebe e manifesta tudo de ângulos diametralmente opostos. Inescrupulosa e audaz, veste-se com todo e qualquer traje que a Verdade deixe de usar, para que o engano tenha todas as aparências do que dela provém.

A mentira é como a marionete: aparenta ter vida própria, mas na realidade é movida por fios que a imaginação maneja. Ao carecer de vida, sua existência é fugaz, e aqueles que se deixam seduzir por ela só encontram, ao abraçá-la, um monte de trapos e alguns fios cortados, que em ponto algum têm conexão.

O homem convive mais com ela do que com a verdade, talvez pelo fato de que ainda não tenha discernido sobre sua origem e seu destino. A evolução em direção ao aperfeiçoamento é a única coisa que lhe permitirá alcançar os influxos benéficos da verdade, pois são as deficiências as que distanciam o homem dela.

Porém, a mentira, a grande mentira, o que é? Repetimos: o nada, que caprichosa e obstinadamente pretende existir à margem da Criação. Daí que sua vida seja efêmera; tão efêmera como a desses pequeníssimos insetos que, depois de dar umas voltas ao redor da luz, caem inertes.

Diz o axioma: “A mentira é vilã: quando parece dar a felicidade, a arrebata”. A quimera é o paraíso da mentira; por isso, os ilusos sofrem tão amargas decepções cada vez que são obrigados a voltar os olhos e o entendimento para a realidade.

O homem deve grande parte de seus infortúnios a essa grande mentira que, como o diabo de Goethe, compra sua alma para sacrificá-lo à voracidade insaciável de sua perfídia e luxúria. Quando se conhece a qualidade do mercador que hipotecou o espírito, fácil é intuir também quão caro haverá de ser o resgate a pagar. Seu elevado preço será talvez a causa de tantos milhões de seres nunca conseguirem sair da pobreza, ainda que dupliquem ou tripliquem seus ganhos, porque tudo é levado por essa mentira, da qual muitos gostariam de afastar-se de uma vez por todas, se não estivessem impedidos pelas dívidas que os atam a ela. A evolução pelo conhecimento é o único meio infalível que permite ao homem tal liberação, ao outorgar-lhe os bens que generosamente a verdade propicia.

ESTUDO SOBRE A FISIONOMIA HUMANA



Existem muitas coisas extraordinariamente interessantes no conjunto das tantas maravilhas que a Criação oferece; maravilhas que aparecem quando a inteligência toma contato com elas e descobre seu encanto e seu valor. Vamos nos referir hoje à que concerne à fisionomia humana.

É indubitável que o rosto humano não poderia escapar às transformações que as leis universais exigem de tudo o que foi criado. Das toscas e imperfeitas fisionomias primitivas, rudes como as pedras, nas quais não se percebia traço algum de qualidades sensíveis, às doces e expressivas da época presente, nas quais se revela a evolução da criatura humana, existe uma distância enorme.

Destino pobre e infecundo foi o daquela humanidade primitiva, que cumpriu suas etapas entre as selvas virgens e em franca convivência com as espécies inferiores que então povoavam a terra. Seus rostos, carentes de toda expressividade humana, já que suas expressões tão somente denunciavam as reações do instinto, não podiam traduzir nenhuma das excelências do espírito, porque lhes faltava o polimento que a evolução leva a cabo ao longo dos séculos. Três expressões predominantes se alternavam em suas fisionomias: a ferocidade, o temor e a luxúria. Impossibilitados esses seres de ocultar seus impulsos instintivos, não lhes era difícil descobrir as mútuas intenções, cada vez que algum pensamento se apossava de suas mentes embrionárias. Daí que o mais forte, pela violência com que suas paixões se manifestavam, tivesse o poder de submeter o mais débil à ação de seus impulsos.

A fisionomia humana hoje mudou tanto, que bem pode ser proclamada uma das maravilhas mais preciosas da Criação. No homem de nossos dias, como no de avançadas civilizações do passado, é comum encontrar a presença de uma infinidade de traços que se manifestam espontaneamente no rosto, por força de uma espiritualidade profundamente cultivada ou, nos casos em que esta não foi alcançada,

pela modelagem hereditária mediante o cruzamento de sangues e a adição de contribuições mútuas à superação da descendência. Não obstante, a fisionomia humana ainda dista muito de alcançar seu aperfeiçoamento, o que haverá de coincidir, naturalmente, com o aperfeiçoamento integral do ser.

Os olhos, que tanta perspicácia e sutileza encerram, ao mostrar ora a candura dos sentimentos puros, ora uma sublime sensibilidade, ora a expressão da inteligência cultivada transparecendo na luz do olhar, costumam ocultar mais de um defeito e atrair a simpatia e a atenção, ao se concentrarem neles, sua máxima expressão, essas manifestações do sentir íntimo. E se a isso somamos o efeito mágico da palavra, quando é expressada em tom afável e eloquente, teremos a razão por que muitas fisionomias se iluminam de repente e se enchem de graça e simpatia, gravando-se na retina de quantos as contemplam ou observam.

O mau caráter é, com frequência, o que mais enfeia o rosto. A repetida contração que promove nos músculos faciais endurece os traços fisionômicos e, com o tempo, deixa marcas inconfundíveis, as quais, ao mesmo tempo que descobrem a presença de profundas contrariedades internas, refletem modalidades inconvenientes que causam uma desfavorável prevenção nos demais e faz com que o relacionamento com eles se ressinta. Toda moderação que influa nos estados de ânimo e suavize a exteriorização dos desaforos do humor torna atraente a fisionomia e a dulcifica. O caráter enérgico não altera a fisionomia, se após a expressão dinâmica aparece o semblante tranquilo, natural.

As fisionomias se definem pela natureza dos pensamentos que predominam na mente e orientam a conduta do ser. Se são elevados e nobres, se são regidos por normas superiores de sadia convivência, no rosto transparecem, com diáfana clareza, estados internos e modalidades do caráter que inspiram confiança e simpatia. A capacidade, o talento, como também todas as qualidades intelectuais fortemente desenvolvidas, oferecem a mesma característica, só que, na maioria das vezes, as linhas atraentes que tais qualidades gravam no semblante são substituídas pelas linhas antagonicas da vaidade e da excessiva estimação de si mesmo, que torna as pessoas pouco menos que intratáveis.

A fisionomia é, em resumo, o que melhor revela as características psicológicas do ser, sendo que, naturalmente, todos os demais detalhes que envolvem a natureza humana constituem o complemento indispensável para sua observação e estudo.

A GRANDE VIRTUDE DO CONHECIMENTO LOGOSÓFICO



Além de todas as outras vantagens que o conhecimento logosófico oferece, existe uma que bem pode ser definida como grande virtude, por ser ela, precisamente, uma das características que mais o distinguem e particularizam quando se quer compará-lo com quaisquer dos conhecimentos que estruturam os sistemas filosóficos conhecidos.

Entre as numerosas deficiências que se notam no temperamento dos seres humanos, há uma muito comum: a carência de iniciativa própria. A inércia mental, consequência da inatividade da função de pensar, mantém adormecida a capacidade criadora da inteligência. Correlata a isso, e como uma consequência natural, aparece a falta de estímulos, os quais se mostram esquivos aos que não sabem desfrutá-los com discrição. Abusar deles é perdê-los. O segredo para evitar isso está em conservar o lugar de preferência que se lhes ofereceu ao buscá-los.

É comum dizer, e às vezes com alguma razão, que os estímulos de hoje não costumam ser os de amanhã, perdendo-se então o interesse por eles. Nos casos em que isto acontece, o ser deve preencher o vazio deixado por esses estímulos com outros que superem os anteriores.

É aqui que se observa o precário estado psicológico de muitos seres humanos que, sem saber definir nada do que lhes ocorre, nem a que atribuir o estancamento de suas vidas, passam seus dias e amontoam seu anos em velhice infecunda. Faltos de condições próprias para abrir seus entendimentos ao exame das experiências e situações, e absorvidos, além disso, pela influência de suas ideias, nada que não sejam os caprichos da sorte favorece o feliz movimento de seus pensamentos.

O conhecimento logosófico supre no homem tal deficiência, fazendo-o pensar em coisas que jamais lhe haveriam ocorrido. Como conhecimento, edifica e impulsiona, a um só tempo, os afãs de capacitação; como ensinamento, desperta o entusiasmo e, enquanto

orienta o entendimento, promove sugestões que a mente capta e a inteligência traduz em iniciativas. Eis, portanto, a grande virtude que, conforme dizíamos, o conhecimento logosófico possui, comprovada por todos os que dedicam parte de seu tempo à leitura, observação e estudo desta ciência.

Quando o espírito desperta para uma realidade ainda não experimentada e o homem confirma que pode capacitar-se e iluminar sua vida com ideias felizes, nunca manifestadas nele, produz-se em seu ser um estremecimento de alegria. Estes primeiros êxitos o enchem de entusiasmo, e ele sente, pela primeira vez em sua vida, que pode ter confiança em si mesmo. E é bem sabido que confiar em si mesmo é sentir-se capaz de levar a cabo um empreendimento e dispor de todos os recursos que a realização de tal empreendimento exige. O mau é quando se sobrestima a própria capacidade, pois, levado por semelhante presunção, são cometidos erros que, no final das contas, conduzirão inevitavelmente ao fracasso.

O conhecimento logosófico, que se fundamenta na realidade da vida humana e de tudo quanto existe, desperta a iniciativa e ensina a conduzir o pensamento por caminhos seguros, rumo a felizes culminações.

Em cada novo dia que a vida penetra, o ser deve encontrar um incentivo para vivê-la melhor e, também, algo que lhe dê inspiração sobre o que deve fazer para que os dias vindouros superem os atuais, e para que, ao vivê-los, estes lhe proporcionem o benefício de sentir-se cômodo, seguro e pleno de felicidade.

OS CONTRASTES DO TEMPERAMENTO HUMANO



Os primeiros passos na vida comercial constituem, para a generalidade, um período de inquietações e soçobras, que vai desaparecendo paulatinamente à medida que se sucedem as experiências e são dominadas as situações; mas, à certa altura do desenvolvimento dessa vida comercial, na qual tantos dignificam sua existência com meritórios esforços, parece que algo imperceptível, porém real, induz muitos a seguir por um caminho totalmente oposto ao previamente traçado. É assim como uma grande maioria, faltando com suas promessas e falseando as próprias aspirações, longe de se deter no ponto a que tanto anelara chegar, prossegue com ânsia febril acumulando o ouro que cada dia obtém com maior facilidade, sem sentir jamais – a insensibilidade usurária lhe impede isso – o bem-estar interno que experimentam aqueles que, com o dinheiro, fazem obras de bem em benefício de seus semelhantes.

Estes seres, com o muito que têm, vivem a mesma vida mesquinha de quando pouco ou nada tinham, e se de vez em quando ultrapassam seu orçamento com algum gasto extraordinário, sofrem tanto como se lhes tivessem tirado algo de suas próprias vidas. Seus afãs estão desprovidos de outro propósito que não seja o de ganhar mais, sempre mais. Toda a sua existência fica assim aprisionada e absorvida pela obsessão do dinheiro. Não há instante do dia ou da noite em que seus pensamentos não estejam voando em busca da constante recontagem de suas posses. Não dão descanso ao corpo nem ao espírito; mantêm uma vigilância incessante sobre os lugares onde guardam o capital, e lutam como feras para conservar essa vida que destinaram, exclusivamente, ao cuidado e aumento do tesouro que possuem. Quantos deles terão dito, ao partir deste mundo: “Não toquem em nada, porque é falso!”, talvez na esperança de um dia voltarem a se reunir com seus bens.

Mas também há aqueles que se mantêm fiéis a suas promessas; os que não buscam a posse do ouro pela mera satisfação de se enriquecer; os que não esterilizam suas vidas perseguindo a posição econômica como única finalidade. Estes são os que verdadeiramente fazem uso moderado e nobre de seus recursos; os que, dedicando seu tempo a obras de bem, começam por fazer isso consigo mesmos, numa superação constante de suas forças morais e espirituais, e aproveitam toda oportunidade para enriquecer sua inteligência com o ouro solúvel do conhecimento.

O homem sensato, aquele que compreendeu, ainda que apenas por intuição, qual deve ser a função de sua existência, nunca desaproveita seu tempo repetindo aspirações já realizadas. Para ele, o trabalho habitual é um prazer, que desfruta enquanto administra o tempo disponível em realizações de outra natureza, que enchem de felicidade e bem-estar os dias de sua existência.

FATORES QUE CONCORREM PARA FORMAR UM BEM-ESTAR



Por ser um problema que diz respeito à imensa maioria dos seres humanos, pensamos ser muito oportuno tratar deste assunto, cujo estudo realizaremos com o mesmo e único propósito que sempre anima nosso pensamento: fazer chegar, aos que necessitem de ilustração e guia, os elementos que entendemos indispensáveis para poder adotar a melhor conduta nas situações que diariamente se apresentam na vida do homem, o qual, por não estar preparado para enfrentá-las, sofre tantos infortúnios e, por conseguinte, tantas amarguras.

A ausência de uma preparação básica, prática e superior, que ensine ao ser humano como encarar os problemas da vida, impele-o a cometer uma quantidade de erros que, depois, por via da experiência, ele se vê obrigado a corrigir, mas após haver sofrido os efeitos, às vezes duros, que a incapacidade impõe. Isto nada representaria, se os frutos colhidos em sua aprendizagem nessa escola servissem para beneficiar e melhorar as condições humanas, na luta contínua contra a adversidade. O certo, porém, é que os que conseguem ir levando com resignação a vida, conservando-a mais do que superando, nada tiram como conclusão, porque atribuem tudo o que lhes ocorre a fatos circunstanciais, quando não fatais ou providenciais, segundo seja o caso; não têm em conta, portanto, os acontecimentos nem sentem, em momento algum, a necessidade de informar-se da razão por que lhes aconteceu tal ou qual coisa, enquanto se empenhavam em realizar quaisquer dos propósitos perseguidos. E mesmo os que extraem resultados úteis e valiosos, conquistando posições cada vez mais elevadas, de pouco servem, pois que nada dizem a seus semelhantes acerca dos meios ou conhecimentos de que se valeram para consegui-lo; em primeiro lugar, porque não lhes interessa fazê-lo nem se preocupam com isso, e, em segundo, porque lhes falta tempo para se ocuparem até de si mesmos.

Como e de que maneira é possível, então, fazer chegar o valioso auxílio do conhecimento prático aos menos aptos de inteligência ou, noutras palavras, aos incontáveis milhões de seres que penetram na vida desprovidos de toda defesa e iniciativa para empreender, através do longo e tortuoso caminho a percorrer, a busca de um futuro seguro?

Entendemos, e a isso tendem nossos esforços, que, se bem devam todos ser auxiliados em geral, é preciso colocar a juventude em primeiro lugar, fazendo-o mediante exposições claras, simples e fáceis de entender, com as quais ela seja ilustrada e instruída sobre a quantidade de obstáculos e dificuldades que haverá de encontrar na vida, a fim de que saiba como ultrapassá-los, evitando, deste modo, ter de correr riscos inúteis, que tanto desanimam e acovardam o homem em formação.

Mais vale prevenir do que remediar, diz o aforismo. Pois bem, é preciso preservar o espírito, tal como se faz com o corpo, de toda contaminação perniciosa. A este respeito, achamo-nos dedicados a um amplo e profundo estudo das diferentes situações e experiências pelas quais o homem deve passar, para oferecê-lo sob a forma de método e, assim, satisfazer uma necessidade que até o momento, pelo que sabemos, não foi satisfeita em nenhuma parte.

Uma das tendências mais marcantes no temperamento juvenil é a intolerância com o critério alheio. O jovem se aferra tenazmente a seu juízo, chegando até à obstinação, sem levar em conta, precisamente pela falta de experiência, que as razões dos demais podem ser igualmente respeitáveis. Esta intemperança, como é natural, traz ao homem em formação muitas contrariedades, perdas de amigos, etc., ao mesmo tempo que ele se desconceitua ante os que o estimam. Corrigir a tempo esta anomalia do caráter é obter um triunfo valioso sobre si mesmo, o que permitirá que ele não se feche dentro da estimação própria, mas que, pelo contrário, se abra generosamente ao pensamento dos semelhantes.

Outra causa pela qual a adversidade se mostra severa e implacável com o incipiente andarilho deste mundo é a falta de controle sobre suas reações, as quais lhe tiram toda a serenidade e o privam de conselhos. Geralmente, todas essas pequenas violências diárias que seu espírito sofre, acumulam fermentos de intolerância que acabam por lhe azedar o caráter, a ponto de fazê-lo quase intratável.

O caráter requer formar-se no rigor das experiências e das ideias; que estas enraízem e alicercem, no ser que se está formando na vida, convicções profundas sobre a necessidade de uma vontade firme, que lhe permita conseguir a confiança de seus semelhantes em sua palavra, em sua amizade, e, assim, conquistar a simpatia e o conceito favorável deles.

A pressa é também outra característica negativa do caráter em formação. Tudo se quer fazer quando ainda mal se pensou, sem preocupar com as consequências; o resultado é, quase sempre, um fato adverso que produz no ser amargos momentos, pois não se deve apressar uma decisão antes que ela esteja respaldada pelo concurso da análise de cada uma das circunstâncias que concorrem para determiná-la.

A sobrestimação de si mesmo é outra das causas que convertem o jovem num ser pouco atraente. Se desde tenra idade aprendesse a não tributar a si um culto maior do que o adequado a toda pessoa digna, veria que mesmo este é desnecessário, já que chegaria a preocupar-lhe muito mais o conceito que os outros tivessem dele.

As atuações devem tender sem interrupção a formar o conceito e estima dos valores próprios nos demais, para o que é preciso combater a vaidade e o afã ridículo de mostrar um tamanho espiritual, moral ou social que não se tem.

Quando o sentimento de camaradagem está ausente do ser, este é levado à brusquidão e ao isolamento. É, por isso, muito importante que o espírito de colaboração presida constantemente o ânimo do ser na juventude. Dulcificará, assim, a existência dos que o rodeiam e desfrutará, por sua vez, o bem que outros possam oferecer-lhe; para tudo isso, bastará tão só usar do sentimento de fraternidade humana. Todo gesto generoso, todo oferecimento de ajuda, até nas coisas mais simples, cultiva a simpatia e desperta sadias reações de amizade e sinceridade.

É indubitável, então, que uma ilustração metódica sobre cada uma destas circunstâncias que rodeiam o jovem que penetra de cheio na vida, abonada pelas recomendações pertinentes, contribuirá em muito para que se forme nele uma consciência cabal de sua verdadeira situação, ao mesmo tempo que corrigirá suas imperfeições, já que todos esses são fatores que concorrem para criar o bem-estar próprio e, por extensão, o da família e o da sociedade.

IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO LOGOSÓFICO NA VIDA DIÁRIA



É um fato inquestionável, por ser real, que todos os que acorrem aos centros de cultura e de estudo da Fundação Logosófica encontram, ali, novos elementos para se ilustrar e orientar suas vidas em meio às múltiplas dificuldades que na hora presente são criadas para o ser, pois a ninguém faltam problemas, preocupações, aflições, ansiedades e aspirações, num volume tão grande que até chegam a abater o ânimo, sendo por isso praticamente poucos os que se acham capacitados para resolver por própria conta semelhantes situações. Não se deve esquecer, tampouco, que o temperamento humano, salvo as exceções conhecidas, é tímido por excelência, do que resulta ser muito natural que muitos, por temor a se equivocarem, não se atrevam a enfocar e encarar sozinhos as situações de que falávamos. Daí, então, a necessidade que o espírito humano experimenta de intervir ali onde presente que seu entendimento pode ser auxiliado para abarcar, em sua totalidade, a área dos problemas que o preocupam, e seu ânimo ser predisposto a fazer face, com a maior probabilidade de êxito, às dificuldades próprias de tais problemas.

Consideremos quantas vezes a mente, não obstante sentir-se incapaz de produzir uma ideia ou de achar o recurso que lhe falta para resolver uma situação, acerta em suas determinações ao captar as sugestões oferecidas pelas ideias de outros em análogos terrenos de preocupação. E acaso a elucidação de problemas, seja na ordem geral ou individual, além de aliviar o peso das preocupações, não prepara a inteligência para amadurecer suas reflexões e não conduz a pisar em terreno seguro no campo das compreensões amplas?

É conselho reiterado, na esfera dos pronunciamentos logosóficos, não habituar o entendimento a ver as coisas tão diminuídas como a própria limitação as apresenta, nem tampouco exageradas ao extremo de, em vez de uma verdade simples, aparecer desenhada uma caricatura e, como tal, uns traços estarem nela aumentados e outros diminuídos ou omitidos.

O essencial é afirmar na consciência a convicção plena de que os problemas, as preocupações e as horas amargas da vida, por longas que pareçam, haverão de passar, enquanto o ser sobreviverá a toda eventualidade. Eis, pois, a melhor forma de fortalecer o espírito diante da adversidade, por mais obstinada que a sua crueldade se manifeste, e eis também uma conclusão feliz a que sem dificuldade se pode chegar. Tudo passará, mas a vida do homem ficará e se irá estendendo até o fim de seus dias. Por que, então, pretender que tudo se acabe com um fracasso ou um revés, por mais fortes que estes sejam? Os fracassos são feridas que é necessário curar, para que o ânimo não se infecte e ponha a vida em perigo. Curada a ferida, ficará a cicatriz, mas esta não afetará em nada a existência.

A evidente realidade dos fatos e das coisas leva o homem a adquirir o costume de não ver com limitação tudo quanto se põe a seu alcance, nem a pôr fim, imaginariamente, aos processos naturais, que devem seguir sua trajetória até o momento culminante em que se dá o desenlace, que explica a eventualidade ou a experiência vivida, cujo estudo é de grande valor, uma vez que ensina como conduzir-se dentro deste mundo tão tempestuoso, tão cruel e, às vezes, tão agitado e convulsionado pelas ideias e pensamentos que cruzam como ciclones mares e continentes, pretendendo arrastar consigo todas as mentes.

Com que recursos ou elementos o ser conta para não naufragar em semelhantes situações? É necessário conhecê-los para avaliar, então, até onde se é capaz de assumir a responsabilidade que, logicamente, deve ser observada diante dos fatos, pensamentos ou ideias relacionados diretamente com as próprias ações. Do mesmo modo, é necessário conhecer as forças que se movem no mundo e saber comportar-se com elas, empregando-as de forma acertada e benéfica. Uma dessas forças, e das que maior influência têm, é o tempo considerado como expressão de vida; força em tudo incontrariável, sob pena de se sofrer graves

consequências. A fim de não se extraviar em conjecturas errôneas, é preciso que se tenha uma compreensão básica a respeito.

A nosso juízo, torna-se imprescindível procedermos a uma concentração do tempo em nós mesmos, para que possamos empregá-lo à vontade. Devemos ter presente que, quando é malgasto, com ele se perde parte da vida e ainda da força que anima a existência. Acaso não contamos com o tempo em todas as circunstâncias da vida? Se estamos junto ao leito de um enfermo, o tempo é o que preside as horas incertas. É o tempo o que pressiona em todas as horas da vida, e o que obriga o homem a caminhar. É o tempo, também, que lhe oferece a possibilidade de alcançar o poder de dominar as próprias reações.

Cada reação que o homem experimenta é uma luta contra o tempo. Inconscientemente, ele trata de destruir o que mais estima, sem levar em conta que o tempo envolve tudo, repetindo para todos a mesma frase: “Espere, espere, espere.”

Isso é o que diz o tempo, com sua linguagem magnífica, aos que se desesperam; aos que pretendem submetê-lo a seus caprichos; aos que querem que as coisas se façam quando bem entendem ou quando se propõem a fazê-las.

Que mistério é esse, em cujas profundezas ninguém ou muito poucos podem penetrar, que faz com que se dobrem os joelhos dos homens, enquanto estes seguem sua marcha pelo mundo, caminhando e pensando, incapazes de resolver seus problemas? O tempo; o tempo que se deixou escapar enquanto a vida transcorria no vazio da trivialidade. Daí o fato de depois, quando o homem quer reclamar esse tempo, buscando recuperá-lo, este, em imperturbável atitude, responder-lhe implacável: “Espere, espere, espere. Assim como em outras oportunidades você me deixou passar, espere agora que eu volte. E então o ajudarei.”

É preciso marchar, pois, com o tempo e, se possível, avantajá-lo a ele, porque lhe agrada que o avante; agrada-lhe que, na sua chegada, haja alguém esperando-o com os braços abertos, em vez de encontrar deserto o lugar que cada um deveria ocupar.

Em milhares de séculos não se soube compreender o significado que o tempo encerra em si, e ele se perdeu e continuará se perdendo

enquanto o homem não se convencer de que é necessário segui-lo de perto e até adiantar-se a ele.

Eis então, em síntese, o drama que o mundo vive e que, em particular, o homem vive: o drama do tempo.

Quem consegue alcançar a inteligência do tempo se situa no centro da eternidade; já não se desespera com o tempo físico nem agita seu espírito, perturbando-o com coisas pueris ou sem importância, mas sim o serena e vigoriza, centralizando seu ser nessa posição de permanência no tempo.

DE ONDE PROVÉM A DIFICULDADE PARA EXPOR COM CLAREZA O PENSAMENTO?



Se forem analisados os casos que diariamente se observam a respeito da dificuldade que muitos têm para expor com clareza seu pensamento, comprovar-se-á que se trata de um fato muito comum, já que engloba a grande maioria das pessoas.

Não tivemos oportunidade de percorrer as páginas dos tantos livros escritos sobre o homem em sua enorme variedade de aspectos psicológicos; disso resulta não termos notícia alguma de que se haja tratado deste ponto anteriormente. Sabendo que algo já tivesse sido escrito a respeito, nós o citaríamos com o maior gosto.

Voltando à indagação que motiva estas linhas, começaremos por dizer que, com efeito, existe uma grande porcentagem de seres que apresenta essa anomalia psicológica, à qual, a julgar pela indiferença científica, parece que não se dá importância. Apesar disso, essa importância existe, porque toda pessoa que carece de rapidez mental e não pode, além disso, expor seus pensamentos com clareza, dificilmente avança no caminho da vida, desta vida em que tão necessário é manter ágil o entendimento nas inúmeras circunstâncias que amiúde devem ser enfrentadas. Se se trata da vida dos negócios, bem sabemos quão indispensável é uma mente desperta e uma palavra fácil para encarar as mil situações que não admitem lentidão nem no pensamento, nem na palavra, nem na ação. O mesmo acontece em todas as outras ordens da vida: um candidato, por exemplo, que vai em busca de um emprego, tem, se não sabe expor seu pensamento com clareza e rapidez, uns noventa e nove por cento de probabilidades a menos, se comparado a quem sabe fazê-lo melhor; nas tarefas de governo e, enfim, onde quer que o homem ou a mulher devam desempenhar funções de alguma importância, é igualmente imprescindível possuir

essa facilidade na exposição do pensamento, para ser credor de consideração no que tange às aptidões.

O mau resultado de muitas das gestões realizadas para melhorar posições deve ser atribuído, ainda que nem todos se deem conta disso, à deficiência psicológica apontada. De que ou de onde provém tal deficiência ou anormalidade? Vejamos: é costume generalizado dos pais cortar a atitude espontânea dos filhos quando estes, seja na alegria, seja na dor, querem expor o que pensam ou sentem. Em geral se faz a criança calar imperativamente, admoestando-a, ou não admitindo que ela diga o que de antemão já se sabe que vai dizer; pior ainda se é para desculpar-se de alguma falta cometida. Isso cria um complexo de inferioridade, quer dizer, apodera-se da alma infantil uma espécie de timidez e temor à medida que tais passagens se repetem, e os pensamentos e palavras vão ficando entrecortados, como se as peças da razão se fossem travando umas com as outras.

Na juventude, ainda que de forma um tanto atenuada, acontecem análogas situações, que os mais ousados conseguem impedir, mas não os que foram oprimidos na infância por essa contrariedade, pois é difícil para eles emancipar-se do que constituiu, durante seus anos infantis, uma trava para a livre expressão de seu pensamento. Chega-se, pois, à idade em que mais falta faz o exercício dessa faculdade, e o ser se encontra coibido e incapacitado para dispor do livre jogo de suas ideias e comunicá-las com a mesma desenvoltura com que as concebe.

Nas escolas primárias, quando se chama a criança para falar sobre qualquer tema diante de seus companheiros, é frequente observar o temor e a vergonha que experimenta ante a perspectiva de ter de se expressar em público. Preferiria qualquer coisa, inclusive uma punição, a expor-se, segundo crê, ao ridículo na frente dos demais. Isto ocorre precisamente porque ela já traz dentro de si a inibição, que mais tarde, na plenitude de sua vida, lhe amordaça a língua e lhe detém o pensamento, e até mesmo a impede de expressar suas ideias por escrito.

É tal o hábito que esta deficiência impõe ao ser, que em muitos casos, já homem, fala como se não precisasse completar suas frases, na crença, sem dúvida, de que quem o escuta captou de antemão o que ele queria expressar. Procura fazer com que os demais entendam por antecipação o pensamento que resiste a ser pronunciado. Daí os tantos

mal-entendidos com seus semelhantes, tantas contradições, sem que na maior parte das vezes ele possa explicar para si mesmo a que obedecem.

Buscar a forma de eliminar do ser humano essa anomalia psicológica, reeducando seu caráter até alcançar uma total emancipação da timidez que o oprime, é aplainar o caminho a todos os que sofrem as consequências de causas que, alheias ao bom sentir do coração, foram sendo repetidas de geração em geração, sem que se conseguisse descobrir em que consistia esse mal que tantos desassossegos e desditas sempre causou ao indivíduo.

RUMO À CORREÇÃO DOS GRANDES ERROS



Na atualidade, ninguém pode se esquivar da influência dos acontecimentos mundiais nem das grandes preocupações que pesam sobre a humanidade. A tal ponto isto acontece, que sempre, seja ao pensar, seja ao falar ou escrever, está presente em cada um o que é hoje motivo de profunda preocupação para o mundo, pois tudo se acha saturado pela influência de tais circunstâncias.

Nestes momentos verdadeiramente cruciais na história do mundo, fortes correntes mentais parecem levantar-se desse ou daquele ponto, dando lugar ao que poderíamos chamar de “batalha das ideias”.

Tudo quanto está acontecendo é consequência de erros passados: erros nos procedimentos, na conduta, nos pensamentos e nos atos de cada indivíduo e de cada nação, e que se foram somando até que a fita elástica da tolerância se rompeu, sobrevindo a catástrofe sofrida ultimamente. Não obstante, a julgar pelos erros em que até hoje se incorre, diríamos que a tremenda hecatombe que a humanidade suportou não foi ainda suficiente para apaziguar os ânimos e fazê-los retomar o caminho da concórdia, do trabalho e da paz.

A política, em sua ampla acepção de governo, de ordem, de discernimento e justiça, poderia ter sido o eixo fundamental de todas as civilizações, se os homens não a tivessem substituído, fazendo dela a mãe de todos os vícios. É precisamente por essa causa – a maior de todas as causas, queira-se ou não – que a humanidade tem padecido tanto. É por ela que vem suportando tantas injustiças e tem sangrado e vivido amarguras e penúrias, cuja intensidade nunca foi superada.

Nenhum passo poderá ser dado no mundo em direção à conquista plena da paz, se não for com base no aperfeiçoamento dos sistemas em que se funda a existência da sociedade humana. É indubitável que custará muito desarraigá-los os males que se entranharam na conduta dos homens;

entretanto, se uma grande parte deles se empenhasse em consegui-lo, pouco a pouco cederiam as razões, caso existam, em que se enquista a resistência à obra de reforma e aperfeiçoamento universal. Os homens chegariam, assim, a compreender que não se deve avançar em excesso no campo das ambições pessoais, nem no desenvolvimento das possibilidades individuais, buscando exclusivamente o benefício próprio, pois todo excesso dessa índole prejudica o semelhante e traz, por conseguinte, uma justa reação em defesa das naturais aspirações de cada um.

Sabe-se bem que o que ocorre no indivíduo se reproduz de forma exatamente igual nos povos, como se ambos obedecessem a leis idênticas que os obrigassem a realizar processos em que intervêm, de um mesmo modo, fatores de consequência própria e de estranha origem. Daí serem indivíduos e povos levados, em certas circunstâncias, não aonde teriam preferido ir para sua felicidade, mas sim em direção contrária, quer dizer, rumo à desdita.

Nos momentos atuais, tem-se suscitado, em âmbito quase que mundial, uma dissidência na maneira de encarar a forma e o fundo das coisas, e assim vemos que, enquanto por um lado se busca melhorar a situação econômica, chamando os homens ao trabalho sob o lema da produção, por outro tal situação é tornada pior pelos que se negam a oferecer sua contribuição nesta hora crítica do mundo, na qual tanto se reclama o concurso de todos os seres humanos e o máximo de esforço dentro de suas possibilidades.

É possível que muito do que está acontecendo nesta época de transição universal seja devido ao relaxamento da moral, no sentido de o homem haver perdido a consciência de seus deveres, daqueles deveres que são e devem ser – para ele, para a sociedade e para a humanidade inteira – leis inevitáveis. A inconsciência a que se chegou em muitas partes do mundo se revela no fato de se lesarem os direitos que o homem conquistou para dignificar sua existência, e de se ultrajarem e danificarem os bens do sagrado patrimônio do indivíduo, adquiridos à custa de sacrifícios, desvelos e trabalho. Quando isto acontece, o espírito se desnobre e perde todo o vigor de seus gloriosos e heroicos ciclos de pujança civilizadora.

É necessário chegar a compreender que as leis universais são inflexíveis, e que, ao infringi-las, é impossível evitar que se produzam tremendas calamidades. Uma dessas leis é, precisamente, a

que concerne a tudo aquilo que diz respeito à existência humana e, muito especialmente, à sua evolução, a seu progresso e a suas perspectivas de desenvolvimento individual. O homem requer amplidão para o desenvolvimento natural de suas ideias e atividades; amplidão que, sabemos, está limitada pelas leis que regulam a sociedade da qual ele faz parte.

A inteligência e a vontade humanas são movidas e aguçadas pelo estímulo; ambas são criadoras por excelência, e sua expansão depende do grau de segurança no seu desenvolvimento. Porém, esse estímulo de que o homem necessita como fecunda irrigação para sua inteligência e sua vontade não é, por certo, a sedutora prebenda que a alma nobre despreza, mas sim o gozo pleno dos frutos de sua própria produção. Esse, e não outro, é o grande estímulo pelo qual clama o homem, os povos e a humanidade inteira; e, enquanto ele não se converter na mais real de todas as realidades, não haverá paz verdadeira no mundo.

O LIVRO DA VIDA



Antes que o leitor pense que se trata de um livro escrito por alguém fora da órbita humana, ou de um livro no qual se acham estampadas revelações que descrevem todo o processo da vida, adiantamo-nos em dizer-lhe que se trata, pura e simplesmente, de um livro individual: o que cada ser humano pode e deve escrever acerca de sua própria vida. Porventura os grandes homens, no ocaso de seus dias, não escrevem suas memórias? Pois bem; escreva cada um dos homens as suas, recolhidas ao longo da vida, e assim não esquecerão muitos dos tantos episódios, fatos ou circunstâncias nos quais intervieram diretamente.

É muito natural que isto, para os não afeitos a escrever, haverá de parecer engraçado e por demais difícil. Não temos dúvida quanto a isso; e tampouco duvidamos que possa parecer difícil até mesmo para os que costumam encher páginas e páginas, ocupando sua atenção com temas de seu interesse. Não obstante, não serão poucos os que haverão de gostar da ideia, preparando o ânimo para tal fim. A estes deverá servir a seguinte sugestão: se quereis ser mais, não vos deis valor de menos; e se quereis alcançar aquilo a que vos propondes, não cruzeis os braços, pensando que sem esforço consumareis vosso propósito.

Quando se vive uma vida carente de perspectivas, é natural não sentir desejo algum de lhe atribuir importância. Quando, porém, se tem consciência do desenvolvimento que essa vida teve e das perspectivas que anunciam um futuro cheio de possibilidades, porventura esta circunstância não inclina a anotar nas páginas de um livro íntimo todos os instantes do passado, do mais feliz ao mais aziago, e do mais intrascendente ao de maior vulto, a fim de dar-lhe continuação à medida que se percorre a parábola da existência?

O interessante desta tarefa é que, uma vez iniciada, promove de imediato, junto com as satisfações que permite experimentar, uma acentuada preocupação em evitar que fiquem folhas em branco pela falta de algo que anotar nelas. É que, da mesma forma que a ninguém agradaria ler

um livro qualquer tendo de passar páginas em branco, isto muito menos pode agradar quando se trata do próprio livro.

Alguém poderia objetar que nem sempre existe um motivo para escrever, ao que responderemos que motivos nunca faltam a um ser de fecunda inteligência, visto que, quando não pode narrar fatos, recorre às ideias e pensamentos que moveram sua vontade nesta ou naquela direção, enquanto buscava amenizar as horas de sua existência em permanentes ciclos de inspiração.

Quão agradável haverá de ser, cada vez que se faça um alto na caminhada, a evocação das imagens ingênuas e ao mesmo tempo ousadas da infância! Ou aquelas outras da juventude que, numa sucessão avassaladora, desfilavam pela tela mental, onde a imaginação, com sua lanterna mágica, projetava planos que, sendo inalcançáveis, logo seriam desfeitos!

Não obstante isso, em meio às divagações ou aos pensamentos que acompanharam a criança ao longo da infância, acaso já não se deixava entrever, como numa visão profética, muito do que o ser depois veio a viver em suas horas maduras? Não ficou isso provado no fato de que todo projeto que teve alguma relação com as inclinações da infância depois encontrou franco auspício na idade viril, a das lutas e realizações?

Poder-se-ia argumentar, a respeito do que chamamos de livro da vida, que não seria desejável anotar nele as passagens ingratas, ou seja, as horas mal vividas, nas quais estão incluídos erros e faltas cometidos, etc., mas a isso responderemos que não haverá de ser difícil trocar – já que se trata de um livro de folhas cambiáveis – as horas mal vividas por outras vividas de forma melhor, o que significaria haver superado estados inferiores e impróprios de uma vida que procura enaltecer-se e alcançar os ansiados cumes da felicidade.

A presença desse livro em nossas mãos, convidando-nos à sua leitura, haverá de nos chamar muitas vezes à realidade e à reflexão; surgirão, assim, novas iniciativas que, por sua vez, forjarão futuros capítulos, nos quais serão percebidos sinais inequívocos de altas concepções e estimáveis empenhos de superação e aperfeiçoamento.

ÓRBITAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS



Entre os tantos aspectos que a vida do ser humano apresenta, cada qual mais interessante, existe um que, por sua peculiaridade e caráter, assume uma importância extraordinária. Embora abarque todos os seres humanos, ele corresponde muito especialmente àqueles que cultivaram suas vidas nos diferentes graus de possibilidades abertas pelas perspectivas de suas inteligências. Tal aspecto é aquele que move o homem dentro de órbitas determinadas, sejam individuais ou coletivas.

É preferível considerarmos aqui, ao falar de órbitas, a presença de influências ou forças que atuam no ânimo do ser, levando-o a realizar atividades que obedecem a um fim prefixado. Assim, por exemplo, o homem que sente inclinação para a política se verá atraído para a órbita desse tipo de atividades, e, em consequência, sua vida palpitará em uníssono com as preocupações e inquietações de tal índole. Igual coisa acontecerá a quem dedica seus afãs à ciência, ao comércio, à indústria, ao esporte ou a qualquer outra atividade na qual se encarne um ideal, um propósito ou um fim. Segundo seja a órbita para a qual o ser se veja atraído e dentro da qual venha a atuar, caber-lhe-á um determinado posicionamento, em função de suas prerrogativas. Assim, enquanto uns atuam dentro de tal ou qual órbita dirigindo os movimentos dos demais, os outros obedecerão à dita direção em todos os movimentos que realizem.

Os mais capacitados não atuam dentro de uma órbita apenas, mas em várias, pois suas possibilidades lhe permitem tal coisa. Isto implica, naturalmente, sua constante ampliação, ao permitir que o ser viva e experimente todas as alternativas, felizes ou desditadas, apresentadas pelas atividades que ele realize em cada uma dessas órbitas a que dedica suas energias e afãs.

O interessante deste aspecto é que, em alguns casos, o ser humano se constitui em eixo do movimento; em outros, no movimento em si; já em outros, aparece obedecendo a leis fatais, das quais não pode escapar.

Quando o homem se destaca por seu espírito de iniciativa e de ação, constitui-se de fato numa força à qual recorrem, atraídos, todos os que, sem ter a mesma capacidade de realização, sentem similares preocupações e vão em busca do apoio dessa força, a fim de que possam alcançar, de alguma maneira, a meta de suas aspirações.

Esta é a engrenagem que move as atividades de todos os homens. O essencial é que eles compreendam quais são as principais e respectivas funções de sua vida, e que correspondência têm com as da vida dos semelhantes em cada uma das órbitas em que atuam.

Muitas vezes ocorre que, em certas circunstâncias, não se tem presente essa reflexão tão importante. Disso resulta que, esquecendo a vinculação direta que existe entre uma e outra órbita, os seres costumam atuar de forma pessoal, sem se dar conta de que seus pensamentos, palavras ou atos podem afetar a todos os que atuam na órbita à qual pertencem; naturalmente, isto acontece com os que ainda não formaram a consciência de suas responsabilidades. Só assim se pode compreender o fato de que os homens, tal como acontece com os corpos celestes, sejam expulsos das órbitas a que pertenciam, por adotar condutas estranhas às que ali são admitidas.

O que dissemos deve ser estendido a todos os campos, já que explica também o porquê de tantas vidas malogradas, sem que aparentemente se possa encontrar a causa de muitos acontecimentos que cercam a existência humana.

SOBRE QUESTÕES QUE INTERESSAM A TODOS



Em que consistem os conhecimentos que têm por fim melhorar as condições do homem?

Eles são o meio de que a inteligência deverá se valer para ampliar sua visão e capacitar o entendimento para encarar os problemas que estão além das possibilidades correntes.



O conhecimento, uma vez adquirido, tem alguma função determinada, ou simplesmente constitui um elemento passivo?

Depende do uso que se queira fazer dele, já que, se o esforço para alcançá-lo teve um fim, é lógico pensar que, uma vez adquirido, ele sirva aos propósitos que eram acalentados visando à sua aquisição. Caso não seja utilizado, ele pode permanecer como elemento passivo, esperando a oportunidade de entrar em ação.



O que requer um conhecimento alcançado para adquirir toda a força que por lógica deve conter, e cumprir o objetivo que se persegue ao utilizá-lo?

Requer, em primeiro lugar, que a mente se encontre preparada para empregá-lo eficazmente, a fim de que a manifestação do conhecimento, no labor construtivo que se pretenda realizar, seja fecunda.

Por que o homem busca o conhecimento?

Porque por meio dele pode alcançar a felicidade. O conhecimento é o que permite abarcar uma vida mais ampla, mais rica em perspectivas do que aquela que não foi animada por conhecimento algum. Além de ser exigido por uma necessidade da própria existência humana, o conhecimento é buscado pelo homem para, por meio dele, alcançar os mais elevados cumes, de onde possa contemplar com maior nitidez os infinitos matizes que a Criação lhe apresenta. Por outro lado, busca o conhecimento porque é o grande agente construtivo que cria as possibilidades que ampliam as prerrogativas da existência.



Pode-se esquecer o conhecimento adquirido?

Esquecer integralmente, não; porém, quando não é utilizado, acontece com ele o mesmo que com aquelas coisas que, ao ser deixadas de lado, criam bolor e, depois, para ser usadas, requerem novo polimento. Se, ao procurar recordá-lo, não está presente o propósito que se perseguia ao adquiri-lo, nem existe a circunstância apropriada para empregá-lo, ele costuma ser de muito escasso proveito.



O que move o homem a ser melhor?

A constante luta que deve sustentar contra suas tendências, que muitas vezes o inclinam para o mal, fazendo-o sofrer depois as consequências desse desvio. Também constitui um estímulo que o move a ser melhor o fato de ver-se em inferioridade de condições em relação àqueles semelhantes que superaram as próprias condições. Por outro lado, a constatação de cada melhora obtida induz o homem de igual modo a pensar no conveniente que é incrementar o próprio melhoramento, como meio eficaz para o desenvolvimento feliz de todas as suas atividades.

Onde começa e onde termina o tempo de Deus?

O tempo de Deus começa com a imensidão de seu poder criador. É a soma de todos os tempos, sem términos, porque estão abertos à eternidade.

O REI PRUDENTE (FÁBULA)*



Era uma vez, numa remota cidade, um rei que teve de se ausentar por algum tempo de seu reino, para visitar algumas possessões distantes que estavam exigindo sua atenção.

Nem bem havia partido, um dos macacos amestrados que havia no palácio para entreter a corte com suas graças teve a ideia de ocupar o trono, e começou a remedar o rei. Todos festejaram aquela brincadeira, mas, quando viram que o macaco começava a levar a sério o novo papel, comunicaram a notícia ao rei, que daí a pouco retornou de sua viagem.

Ao entrar no palácio e ver o macaco no trono, aproximou-se dele lentamente. Ali, diante da expectativa geral, pôs a mão no bolso e retirou dele uma porção de nozes, lançando-as ao chão. Ainda não havia jogado a última quando o macaco, saltando do assento do soberano, se pôs de quatro e foi buscar as nozes debaixo das cadeiras.

Enquanto as quebrava e comia muito satisfeito, o rei, sentado de novo em seu trono, ordenou que levassem o animalzinho para sua jaula.

** Nota da Editora: Este artigo e os dois próximos não figuraram na edição em espanhol, "Colección de la Revista Logosofía", Tomo I, publicada no Brasil pela Editora Logosófica (São Paulo, 1980). Ao incluí-los no final, com inobservância da sequência cronológica, procurou-se não alterar a correspondência de páginas entre ambas as edições, para facilidade de índices e referências.*

CURIOSIDADE DO TEMPO DOS FARAÓS*



Todos os povos do mundo têm um lugar na história, mas nem todos oferecem páginas de tão grande colorido e luminosidade como as que o povo egípcio consignou nas legendárias idades dos faraós.

Contam, chegando-se mesmo a afirmar, que havia por aqueles tempos instituições que eram guardiãs dos tesouros ocultos do saber, e os aspirantes que queriam ingressar nelas eram ali submetidos a uma série de provas difíceis, após as quais só eram aceitos os que tivessem conseguido superá-las.

Entre as tantas cerimônias e rituais que cumpriam, destacavam-se os concernentes às assembleias realizadas para tal fim, as quais eram acertadas entre seres da mesma hierarquia e com reconhecidos méritos para assistir a elas. Estando isto resolvido, elegia-se uma imagem e atribuía-se, a cada um dos que deviam participar da assembleia ou concílio, um fragmento dela, para que lhe servisse de contrassenha ou salvo-conduto. Depois, ao se reunirem, um por um mencionava seu fragmento. Ninguém podia assistir sem revelar antes o que lhe tinha cabido, e se a imagem ficasse incompleta pela ausência de um deles, a assembleia não era realizada.

Segundo reza a recordação daqueles curiosos atos, o comparecimento a eles era tão rigorosamente exigido, e tão severos os regulamentos, que só em caso de morte ficava justificada uma ausência. Os demais integrantes da instituição, que não pertenciam ao nível hierárquico dos membros da assembleia, sabiam apenas que a grande imagem estava por reunir-se e irradiar, a todos os súditos da

* *Nota da Editora:* Este artigo, o anterior e o próximo não figuraram na edição em espanhol, "Colección de la Revista Logosofía", Tomo I, publicada no Brasil pela Editora Logosófica (São Paulo, 1980). Ao inclui-los no final, com inobservância da sequência cronológica, procurou-se não alterar a correspondência de páginas entre ambas as edições, para facilidade de índices e referências.

Criação, a luz da Sabedoria, mas não lhes era permitido saber onde nem em que data se realizaria.

Em nossos dias, isso haveria de parecer estranho e exótico, mas o fato é que, naqueles tempos, todos esses rituais tinham a virtude de provocar a inquietude e despertar o anelo de alcançar os cumes do conhecimento acerca de tudo que se relacionava com os velhos ramos da árvore bíblica da Sabedoria.

O SENHOR DA PEDRA*



Aconteceu certa vez que, achando-se um homem entregue à tarefa de golpear uma enorme pedra, cada pessoa que por ali passava o interrogava acerca do que ele com tanto empenho estava fazendo. A todos o homem respondia com as mesmas palavras:

– Faço isto para distrair-me.

Em seguida, após breve pausa, com impetuoso afã dava prosseguimento a seus golpes.

Isto foi-se repetindo até que as pessoas, já cansadas de perguntar, passaram a transitar pelo lugar com absoluta indiferença.

Um dia, quando ninguém esperava, ergueu-se à vista de todos um enorme monumento, que encheu de surpresa a todos quantos por ali passavam.

Assim que as pessoas viram surgir, de uma pedra disforme, uma obra daquela grandeza, perguntaram:

– Por que o senhor não nos disse que era um grande escultor?

– Simplesmente porque vocês não teriam acreditado, e também porque, com suas ingênuas perguntas e seus solícitos conselhos, me teriam impedido de terminar a escultura.



* *Nota da Editora:* Este artigo e os dois anteriores não figuraram na edição em espanhol, “Colección de la Revista Logosofía”, Tomo I, publicada no Brasil pela Editora Logosófica (São Paulo, 1980). Ao incluí-los no final, com inobservância da sequência cronológica, procurou-se não alterar a correspondência de páginas entre ambas as edições, para facilidade de índices e referências.

Esta é a conduta que costumam adotar aqueles que, sabendo que precisarão de tempo e de uma concentrada atenção para realizar uma obra, evitam expô-la à indiscrição e crítica dos que, apregoando que sabem tudo, nunca fizeram nada e pretendem dificultar, com seus desplantes, o labor em que os demais estejam empenhados.

Representantes Regionais

Belo Horizonte

Rua Piauí, 742 - Funcionários
30150-320 - Belo Horizonte - MG
Fone (31) 3218 1717

Brasília

SHCG/NORTE - Quadra 704 - Área de Escolas
70730 730 - Brasília - DF
Fone (61) 3326 4205

Chapecó

Rua Clevelândia, 1389 D - Saic
89802-411 - Chapecó - SC
Fone (49) 3322 5514

Curitiba

Rua Almirante Gonçalves, 2081 - Rebouças
80250-150 - Curitiba - PR
Fone (41) 3332 2814

Florianópolis

Rua Deputado Antonio Edu Vieira, 150 - Pantanal
88040-000 - Florianópolis - SC
Fone (48) 3333 6897

Goiânia

Av. São João, 311 - Q 13 Lote 23 E - Alto da Glória
74815-280 - Goiânia - GO
Fone (62) 3281 9413

Rio de Janeiro

Rua General Polidoro, 36 - Botafogo

22280-001 - Rio de Janeiro - RJ

Fone (21) 2543 1138

São Paulo

Rua Gal. Chagas Santos, 590 - Saúde

04146-051 - São Paulo - SP

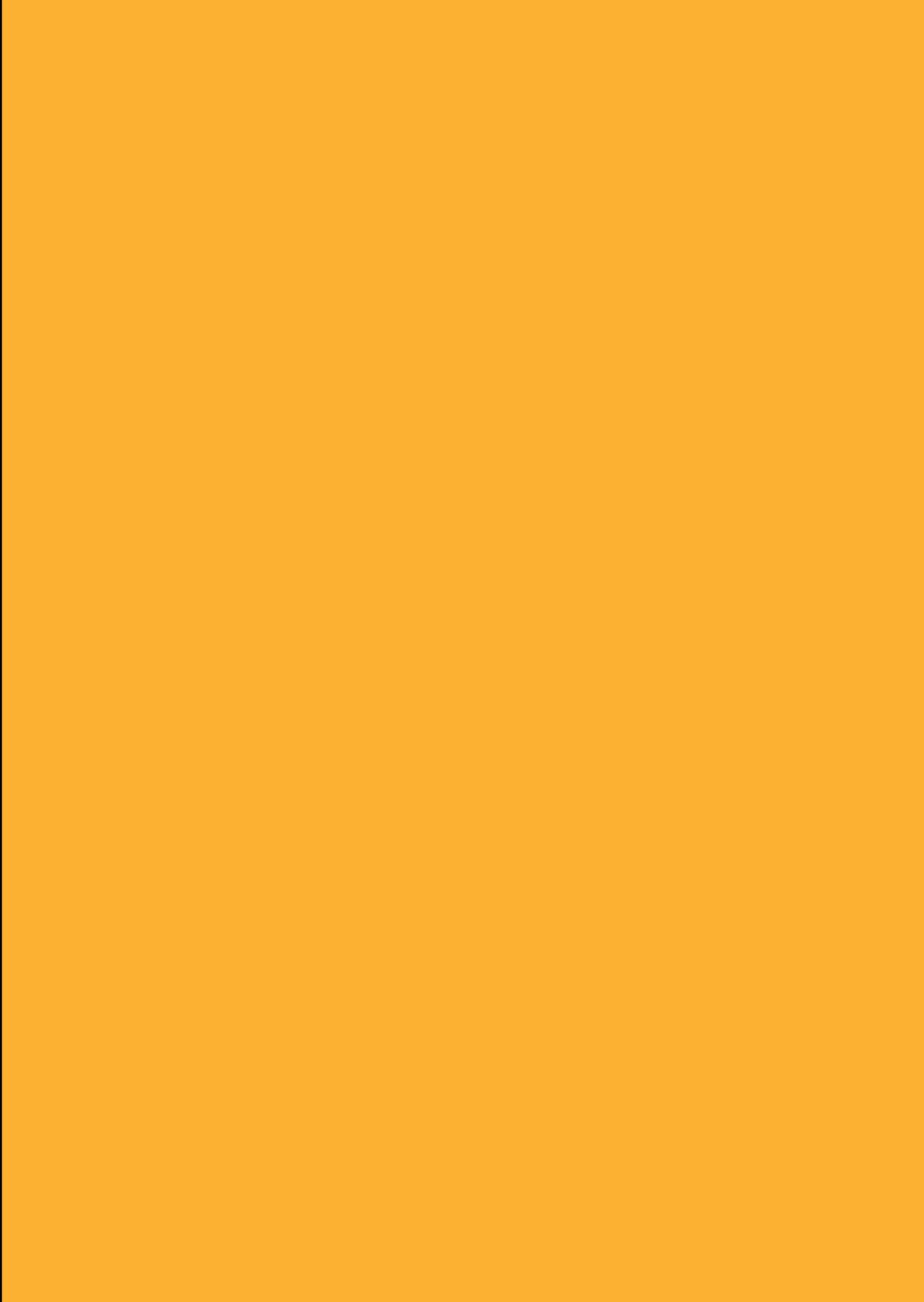
Fone (11) 5584 6648

Uberlândia

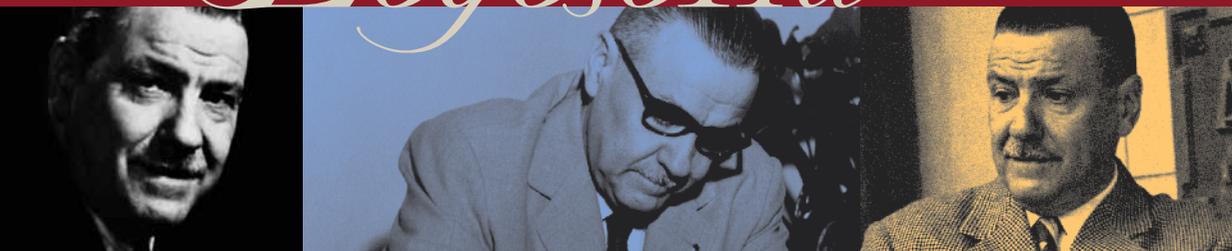
Rua Alexandre de Oliveira Marquez, 113 - Vigilato Pereira

38400-256 - Uberlândia - MG

Fone (34) 3237 1130



COLETÂNEA DA
REVISTA
Logosofia



*Nas entranhas
da América
gesta-se o futuro
da humanidade.*